

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

THIAGO MÜLLER DA SILVA

**A MÍDIA COMO MEDIADORA DAS INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE
CONSUMO EM CRIANÇAS INDÍGENAS TERENA DA ALDEIA BANANAL**

CAMPO GRANDE/MS

2016

THIAGO MÜLLER DA SILVA

**A MÍDIA COMO MEDIADORA DAS INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE
CONSUMO EM CRIANÇAS INDÍGENAS TERENA DA ALDEIA BANANAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia na área de concentração em Psicologia da Saúde, linha de pesquisa II: Políticas públicas, cultura e produções sociais.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Sonia Grubits

CAMPO GRANDE/MS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

S586m Silva, Thiago Muller da

A mídia como mediadora das influências da sociedade de consumo
em crianças indígenas Terena da aldeia Bananal / Thiago Muller da
Silva; orientadora Sonia Grubits.-- 2016.

117 f. + anexos

Dissertação (mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2016.

1. Sociedade de consumo 2. Comunicação de massa 3. Índios Terena –
Crianças 4. Semiótica Greimasiana I. Grubits, Sonia II. Título

CDD – 302.2

THIAGO MÜLLER DA SILVA

**A MÍDIA COMO MEDIADORA DAS INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE
CONSUMO EM CRIANÇAS INDÍGENAS TERENA DA ALDEIA BANANAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia na área de concentração em Psicologia da Saúde, linha de pesquisa II: Políticas públicas, cultura e produções sociais.

Aprovado em vinte de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sonia Grubits – UCDB
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Anita Guazzelli Bernardes – UCDB

Prof^a Dr^a Heloisa Bruna Grubits – UCDB

Prof^o Dr^o Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa – PUC-Rio

AGRADECIMENTOS

A minha caminhada nesse processo não foi solitária, nunca. Tive a grande oportunidade de contar com amigos que no exato momento estavam prontos com uma atitude ou palavra de incentivo. A minha primeira reflexão é em agradecimento a Deus que nunca me desamparou. Tenho certeza que cada passo dado por mim foi guiado por Ele. A minha vida sempre esteve em suas mãos.

Sou grato a minha orientadora, professora Sonia Grubits, que viu valores em mim, me acolheu e acreditou que eu seria capaz. Assim como as professoras Anita Bernardes que sempre foi muito receptiva comigo, além dos ensinamentos que me marcaram; Heloisa Grubits pelos conselhos e amizade de profissão. Não posso me esquecer dos docentes do programa de pós-graduação - mestrado e doutorado em psicologia, também que de uma forma singular fizeram história em mim – Márcio Costa, Luciane Pinho, Liliana Guimarães e Rodrigo Miranda.

Agradeço aos salesianos que me oportunizaram iniciar essa caminhada; Pe. Tiago Figueiró, Pe. Orozimbo de Paula, Pe. Tadeu Canavarros, Pe. João Bosco Maciel, Pe. Gildásio Mendes, Pe. Jair Marques, Ir. Antônio Teixeira, Ir. Gillianno Mazzetto. E também aos meus amigos que me ajudaram fraternalmente: Claudia Ruas, Maria Helena Benites, Maria Fernanda Borges, Elton Tamiozzo, Eduardo Biagi, Jacir Zanatta, Inara Silva, Gilmar Vieira, Rafael Zanata, Eliezer Grillo, Marianni Gomes, Mayara Pauletti, Aline Passos, Lays Giuseppin e demais amigos do mestrado.

Durante o desenvolvimento da dissertação, pude contar muito com a Adriana Sordi, que se tornou muito mais que uma companheira ou parceira de pesquisa, uma grande amiga, pois mesmo em momentos distintos a dissertação, sempre estava pronta para me ajudar, assim como a Luciana Fukuhara e Alessandra Lumi - pelas três, sou grato também. Além de Leonardo Gorisch que se fez uma grande estrutura para mim, compartilhou comigo todos os sentimentos possíveis ao longo desse trajeto e ainda soube me fortalecer.

Meu olhar de agradecimento fixa a atenção na minha família, minha mãe Rosemary Muller, avó Odila Vieira, padrasto Edenilson Rocha, irmãos Ursula Muller e Wesley Sebalho,

tias Ruth Torres, Célia Torres, Ana Paula Fernandes. Tios Marcelo Severino e Genildo Fernandes e pai Omildo Severino. Sei que em alguns momentos os passos não foram fáceis, mas tê-los como estrutura me tornou fortalecido.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha mãe Rosemary Müller e minha avó Odila Vieira, minhas fortalezas e estruturas. Aquelas que me ensinaram a conquistar sonhos por meio da educação, honestidade, perseverança e humildade.

“Pois quem ama a própria cultura pode perfeitamente admirar a do seu vizinho”
(Desconhecido)

RESUMO

O sistema econômico atual possibilitou a configuração de uma sociedade que promove um estilo de vida baseada no consumismo, exigindo habilidades de adaptabilidade de seus participantes, devido à rápida e constante modificação do ambiente capitalista. Entre os estudos relevantes às comunidades indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, destacam-se os sobre a etnia Terena, em razão ao seu grande intercâmbio de convivência com os não indígenas – consequência dada pelas situações históricas e políticas. Esta dissertação investiga a possível influência da sociedade de consumo nas práticas e percepções da criança Terena que acessa conteúdos midiáticos, para isso se apropria dos estudos e metodologia da semiótica estrutural greimasiana para a avaliação de desenhos. Os textos não-verbais analisados apresentam elementos não apenas da comunidade em que essas crianças vivem, mas signos provenientes de uma cultura consumista, também. As visitações à comunidade e entrevista em profundidade revelam um público que está inserindo elementos não-indígenas em sua rotina que não estavam presentes em outrora. Por fim, a pesquisa demonstra um povo que, mais uma vez, tem promovido uma adaptabilidade como estratégia de sobrevivência aos desafios contemporâneos – prática que não ignora sua cultura e valores. As crianças estão no processo de aprendizado daquilo que deve ou não ser assumido em sua vida. Todas na comunidade são responsáveis por elas, que significam a continuação de valores e princípios da etnia. Sendo assim, o acesso aos elementos de uma sociedade não-indígena é elaborado de forma diferenciada quando comparado aos adeptos que pertencem, pois, sua identidade indígena não assume valores imperativos de uma sociedade de consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Greimasiana; Criança Terena; sociedade de consumo.

ABSTRACT

The current economic system has allowed the configuration of a society that promotes a lifestyle based on consumerism, requiring adaptability skills of its participants, due to the rapid and constant modification of the capitalist environment. Among the studies that are relevant to the indigenous communities in the state of Mato Grosso do Sul, the Terena ethnic group stands out due to their great interchange with non-indigenous people - a consequence of historical and political situations. This dissertation investigates the possible influence of the consumer society on the practices and perceptions of the Terena child that accesses media contents, for this appropriates the studies and methodology of the greimasian structural semiotics for the evaluation of drawings. The non-verbal texts analyzed present elements not only of the community in which these children live but also of signs of a consumer culture as well. Community visits and in-depth interviews reveal an audience that is inserting non-indigenous elements into their routine that were not present in the past. Finally, the research demonstrates a people who, once again, have promoted adaptability as a survival strategy to contemporary challenges - a practice that does not ignore their culture and values. Children are in the process of learning what should or should not be taken up in their life. Everyone in the community is responsible for them, which means the continuation of ethnicity values and principles. Thus, access to the elements of a non-indigenous society is elaborated in a differentiated way when compared to the adepts that belong, because its indigenous identity does not assume imperative values of a society of consumption.

KEYWORDS: Greimasian semiotics; Terena Child; Consumer society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de quadro semiótico de Greimas.....	55
Figura 2 - Desenho livre desenvolvido.....	57
Figura 3 - Modelo de pontos opostos (primeira análise)	59
Figura 4 - Modelo de caminho narrativo - (primeira análise)	60
Figura 5- Desenho segmentado de criança indígena Terena - 1	64
Figura 6 - Modelo de pontos opostos (segunda análise)	65
Figura 7 - Modelo de caminho narrativo (segunda análise)	66
Figura 8 - Desenho segmentado por criança indígena Terena - 2	66
Figura 9 - Modelo de pontos opositores (terceira análise)	67

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Escola Municipal Indígena Marechal Rondon.....	56
Foto 3 - Modelo de casa da Aldeia Ipegue	58
Foto 2 - Modelo de casa da Aldeia Bananal	58
Foto 4 - Riacho que divide Bananal e Ipegue.....	59
Foto 5 - Rádio Comunitária Alternativa (FM 108,9).....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A SEMIÓTICA ESTRUTURAL	17
1.1 A pesquisa com indígenas: uma discussão epistemológica.....	17
1.2 A linguagem da pesquisa alinhada ao campo social	19
1.3 Sujeito e sociedade: uma conversa semiótica.....	22
2 POVO TERENA	25
2.1 Estratégias de vida.....	25
2.2 Uma briga entre nações não-indígenas.....	28
2.3 A atual sociedade Terena: o legado da guerra.....	29
2.4 Aldeia Bananal: aspectos introdutórios	31
2.5 Criança Terena: um dever de todos	34
3 A SOCIEDADE NÃO-INDÍGENA: UM VIÉS SOBRE CONSUMO	37
3.1 Capitalismo: de Adam Smith a Karl Marx	37
3.2 Indústria Cultural e Sociedade de Consumo	42
3.3 A publicidade e propaganda: um olhar sobre o indígena e não-indígena.....	46
3.4 Normativas para uma publicidade infantil	49
4 DECISÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE.....	52
4.1 A criança e sua representatividade linguística.....	52
4.2 Estrutura greimasiana de análise textual	53
4.3 Pesquisa de campo: desenho e entrevista em profundidade	55
4.3.1 Análise de texto não-verbal livre	55
4.3.2 Análise de texto não-verbal segmentado	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
6 REFERÊNCIAS	74

6.1 Bibliográficas	74
6.2 Eletrônicas	78
7 APÊNDICE	80
7.1 APÊNDICE A	80
7.1.1 Plataforma Brasil – inclusão em projeto âncora	80
8 ANEXOS.....	81
8.1 ANEXO A	81
8.2 ANEXO B	82
8.3 ANEXO C	83
8.4 ANEXO D	85
8.5 ANEXO E.....	86
8.6 ANEXO F.....	87
8.7 ANEXO G	88
8.8 ANEXO H	89
8.9 ANEXO I.....	99
8.10ANEXO J	113

INTRODUÇÃO

A vivência deste autor com população Terena inicia-se com a nova configuração de sua família. Quando ainda adolescente, sua mãe e padrasto decidiram adotar uma criança da etnia em resposta aos apelos de ajuda por uma conhecida indígena da família, - na ocasião, cunhada de seu padrasto.

Tal experiência motivou o pesquisador a dedicar seus olhares sobre questões indígenas. Sua aproximação como colaborador da sede inspetorial da Missão Salesiana de Mato Grosso - instituição religiosa e educacional que tem, em uma das suas atuações, o trabalho com povos indígenas de diversas etnias, proporcionou ao pesquisador uma interrogação sobre os processos midiáticos presentes nas comunidades indígenas, tendo como subsídios sua formação acadêmica (publicitário) e depoimentos de salesianos que trabalham diariamente com grupos indígenas durante décadas.

Producir uma reflexão sobre uma etnia indígena é empoderar-se de instrumentos que possibilitam o trabalho sinérgico para a manutenção da comunidade. O resgate histórico do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul ultrapassa os limites de justificativa de uma dissertação, evidencia adjetivos que, para este autor, são capazes de solidificar as práticas desenvolvidas pela etnia – atividades que são, em sua grande maioria, promovidas e executadas quando percebido os resultados positivos para os demais, como, por exemplo, a capacitação em serviço social por alguns jovens indígenas para salvaguardar os direitos da comunidade. Durante as visitações à comunidade Bananal a característica de pensar o coletivo foi muito evidente. O povo Terena possui elementos singulares em sua rotina, a dedicação com o próximo e o espírito de igualdade entre o trato com as crianças, por exemplo, projetam a idealização de uma comunidade que aprendeu a viver em equilíbrio. (CABREIRA, 2006)

A seguinte dissertação objetiva, por meio de desenhos, analisar se há ou não influência da mídia para promoção de comportamento, em crianças Terena, baseado na sociedade de consumo, pois, segundo Bauman (2005), essa estratégia elabora um novo modelo de sociedade que valoriza cada vez mais as relações promovidas pelo capital – característica, até então, típica da sociedade não-indígena. Para isso, a semiótica estrutural de Greimas será utilizada como estratégia de produção de conhecimento para interpretação dos materiais colhidos. Ela entende que a linguagem está profundamente associada ao processo evolutivo

humano. Sendo assim, compreende-la é também reunir conhecimentos sobre a pessoa. O trabalho será desmembrado em cinco importantes momentos, sendo: 1). Um diálogo sobre a semiótica estrutural; 2) A contextualização do povo Terena; 3) A organização de uma sociedade de consumo; 4) Pesquisa em campo, e 5) Análise dos materiais coletados.

Sendo a semiótica estrutural eixo integrador desta dissertação, o primeiro capítulo se organiza para subsidiar o leitor sobre esse universo de atuação, para isso, caminha em vias epistemológicas, além de apresentar, apenas como caráter introdutório, os principais autores e diretrizes técnicas que promovem a articulação de sua prática. Ou seja, como proposta reflexiva será lembrada alguns apontamentos de Saussure – considerado como o mais importante autor para compreensão do estruturalismo e análise do signo, o que oportuniza uma comparação com Greimas – sucessor das políticas iniciadas pela corrente teórica em questão.

Saussure (2012) propõe que o signo – elemento elaborado em um processo de linguagem pela relação humano e ambiente -, seja percebido em dois caminhos, porém indivisível. Trata-se do significante e significado, sendo, respectivamente, o nome oferecido para identificação de um objeto e a tradução, social ou individual, que ele recebe. Tal pressuposto é ampliado por Greimas (1973), que não apenas pelos textos, mas também por imagens e outros movimentos, se dedica a compreensão do sujeito por meio dos signos que ele elabora. O autor segue a afirmativa de que a linguagem está profundamente conectada ao homem, sendo assim, contribui para a compreensão das ideias de Saussure.

O pesquisador, no processo de investigação de um fenômeno por meio da semiótica estrutural, precisa conhecer profundamente alguns aspectos e características sobre seu objeto de pesquisa, para que, por meio desse olhar, consiga enxergar a articulação presente e evidenciada pelos signos que há em sua linguagem. Porém, tal procedimento é desafiador quando o assunto é sobre indígenas, por mais aglutinado ou segmentado que seja. No caso dos Terena não é diferente, há poucos subsídios bibliográficos de autores que se dedicam à construção e ao compartilhamento desse saber. Destacando algumas dissertações presentes nos programas de mestrado e doutorado da Universidade Católica Dom Bosco, além dos textos de Oliveira (1960).

O segundo capítulo apresentará uma sequência narrativa sobre alguns fatos históricos e sociais da etnia Terena, grupo esse que possui grande expressividade¹ em população no Brasil, entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Brand (2001, p. 59) comenta que “Os Kaiowá/Guarani e os Terena apresentam o maior contingente populacional com, respectivamente, 25 mil e 20 mil pessoas, e constituem, em termos quantitativos, duas das mais importantes populações indígenas do país”. O Terena é percebido como uma etnia pacífica e adaptável às diversas questões da sociedade nacional (CABREIRA, 2006). Sendo assim, seu aumento populacional desperta questionamentos de atenção sobre sua possível vulnerabilidade com as práticas do capitalismo – que tem como um dos seus objetivos a promoção de consumidores em potencial.

Após alguns aspectos introdutórios, a discussão se orientará para o debate sobre a criança Terena - sendo específico as da comunidade Bananal, no interior do estado de Mato Grosso do Sul, próximo a cidade de Aquidauana. Durante as primeiras visitações à aldeia, percebe-se a veracidade no relato de alguns autores que se propuseram a estudar a etnia, quando comentam sobre o cuidado e dedicação que todos da comunidade oferecem às suas crianças. Os indígenas sempre afirmam que a criança é a responsável pela continuação da etnia, vocativo que legitima um trabalho dirigido a elas. Importante destacar a profunda relação dessas crianças com seus responsáveis, também. Sempre atentas aos comportamentos, conseguem decodificar um olhar de comando, dirigido a elas. De acordo com os anexos B e C, percebe-se também uma grande timidez quando em contato com um estranho – até então normal -, barreira que foi apenas minimizada quando da produção de linguagem similar ao universo que elas pertencem – por meio de brincadeiras.

Já o terceiro capítulo tem como proposta oferecer subsídios introdutórios sobre o modelo político, econômico e social promovido pela sociedade envolvente – entendendo que há uma aproximação entre não-indígena e Terena. Tal ambiente oportuniza uma análise mais fidedigna dos dados em uma pesquisa promovida pela semiótica estrutural. Para isso, se organiza com estruturas do pensamento crítico de Marx (2000), Adorno (2002) e Bauman (2005), último autor que comenta sobre as potencialidades de uma sociedade que se articula em valorização ao capital – sociedade de consumo.

¹ São mais de vinte e quatro mil indígenas da etnia, registrado pela Fundação Nacional do Índio. <http://goo.gl/9futyA> [acessado em agosto de 2015]

Essa seção foi elaborada frente a uma percepção evidente no capítulo anterior – a forte relação entre o povo da etnia Terena e o não indígena. Sendo assim, torna-se importante também conhecer, em seus desdobramentos, o modelo socioeconômico e político adotado pela sociedade nacional ao indígena, para uma comparação sobre os signos analisados em pesquisa – o que é originário do Terena e o que é característico da outra sociedade. As provocações dos textos seguem na via de compreensão da etnografia, ao descrever algumas características sobre as populações, e da semiótica, ao perceber o humano pela sua produção de linguagem. E não esgotamento do assunto. O capítulo, por fim, é construído para descrever as formas de influência do capitalismo, indústria cultural e mídia – sendo esse último presente de forma significativa na rotina das crianças indígenas, o que proporciona o alocamento de significações para determinado signos.

Após apresentado os dois objetos de comparação e estudos da semiótica estrutural de Greimas (sociedade nacional e Terena), o quarto capítulo desenvolverá as análises para esta dissertação. Os dados para o trabalho foram obtidos por meio de visitações à comunidade Bananal – aldeia Terena próxima a cidade de Aquidauana (Mato Grosso do Sul). São dados qualitativos valorizados pela perspectiva de Minayo (2010).

O centro das atenções recai sobre a linguagem imagética (desenhos) produzidas por crianças da comunidade – estratégia defendida por Grubits (2003) como uma das melhores opções de trabalho com crianças. As representações artísticas são questionadas com conceitos bibliográficos entre ambiente da sociedade indígena e não-indígena, entrevista em profundidade e diagrama teórico de Greimas (1973). Importante destacar que os pontos de análise proporcionam lentes complementares para a discussão do tema – característica fundamental em uma proposta de trabalho semioticista.

Sendo assim, a conclusão que será apresentada ao término de todas as reflexões tratar-se de um compilado de informações cruzadas e dialogadas em uma plataforma bibliográfica e prática. Espera-se que esta pesquisa ganhe possibilidades práticas de atuação, não desvalorizando o campo teórico, mas perceber as problemáticas contemporâneas emergentes dessa população vulnerável que poderá ser apresentado ao longo das discussões.

1 A SEMIÓTICA ESTRUTURAL

1.1 A pesquisa com indígenas: uma discussão epistemológica

Compreender as especificidades do grupo social de trabalho possibilita ao pesquisador a apropriação e formatação de instrumentos que colaboram em sua investigação do sujeito, pois a pesquisa entra em cena como ação responiva às necessidades e características elevadas diante das experiências do campo social.

O conhecimento que nasce a partir da experiência do objeto, e não por um processo de conceitos já concebidos, evidencia o sujeito como protagonista de sua história. Bacon (1979b) discute que a descoberta por fatos verdadeiros não depende do raciocínio silogístico de Aristóteles, mas da observação e experimentação regulada. Sendo assim, o conhecimento verdadeiro nasce da concordância e da variação dos fenômenos que, se bem observados, apresentam suas causas reais.

A crítica do autor à ciência racionalista ainda considera a preocupação com discussões que se tornam errôneas quando iniciadas frente à preocupação com ídolos, pois considera que o homem elabore conhecimento com um grau mínimo de contaminação de ideologias, durante o processo. Ou seja, ele tem que se dedicar rigorosamente ao experimento.

Esse processo consiste de quatro partes e igualmente são os seus defeitos. Em primeiro lugar, as próprias impressões dos sentidos são viciadas; [...] Em segundo lugar, as noções são mal abstraídas das impressões dos sentidos, ficando indeterminadas e confusas, quando deveriam ser bem delimitadas e definidas. Em terceiro lugar, é imprópria a indução que estabelece os princípios das ciências por simples enumeração, sem o cuidado de proceder àquelas exclusões, resoluções ou separações que são exigidas pela natureza. Por último, esse método de invenção e de provas, que consiste em primeiro se determinarem os princípios gerais e, a partir destes, aplicar e provar os princípios intermediários, é a matriz de todos os erros e de todas as calamidades que recaem sobre as ciências (BACON, 1979b, p. 38)

Sendo assim, ainda segundo o autor supracitado, os problemas de pesquisa devem nascer em resposta às necessidades relevantes ao seu campo social, percebido pela experimentação, pois, o conhecimento é resultado da investigação e não de um processo que vai dos sentidos e das coisas diretamente aos axiomas e às conclusões. Seguir esse caminho é elaborar condições para informações deturpadas, baseadas apenas em um único recorte sobre a verdade – aqui descrevendo sobre a perspectiva daquele que investiga o ambiente. Tal

posicionamento promove condições para pensar pesquisas indígenas pelo indígena, logo percebido o hiato da historicidade entre o indígena e não-indígena, também. Ou seja, o verdadeiro saber é originário da acumulação sistemática do conhecimento.

Ao discutir sobre as motivações de pesquisa, Silveira (1996a) defende um conhecimento contemporâneo a partir de Popper que se formará por concepções similares. Ou seja, a dinâmica do saber é consequência de uma pesquisa vertical sobre os sentidos do objeto de pesquisa – o que descreve como teoria do holofote. As observações produzidas oferecem subsídios para compreender uma problemática por meio da eliminação de erros. Para que esse processo seja possível, a tese enfatiza os aspectos internos do sujeito – evidenciados pelos tipos de linguagens por ele produzidos (verbal e/ou não verbal). Enquanto que Osterman (1996) descreve as reflexões contemporâneas originárias pela concepção de Kuhn, pois se trata do resultado da observação, além de possuir um diagrama maior e diferenciado. Essa perspectiva é antecedida por pressupostos teóricos que, na sua vez, proporcionam lentes específicas sobre cada situação para o pesquisador, sob a consideração de paradigmas – oriunda de uma ciência nomeada como normal, necessária para o avanço de pesquisas já elaboradas.

Uma epistemologia cuja origem esteja na reflexão sobre a linguagem deve recolocar, mais uma vez, em termos talvez um pouco diferente, o problema do estatuto científico do objeto de conhecimento e de suas relações com o sujeito que conhece, de forma que a ciência seja vista por sua vez como uma linguagem. [...] A ciência só é linguagem na medida em que esta é compreendida como um lugar de mediação, como uma tela sobre a qual as formas inteligíveis do mundo são representadas. O conhecimento, assim, deixa de ser subjetivo, reside nos objetivos reais (GREIMAS, 1975, p. 20).

Ao concordar com as breves descrições sobre a busca do conhecimento ideal, o autor acima comenta sobre a função da linguagem no processo de investigação em uma problemática – essa que assiste às necessidades do campo social. A afirmativa nasce em um ambiente da semiologia que evidencia as experiências do sujeito para que, por meio dos signos por ele construídos, possa compreender a dinâmica vivida. A linguagem é uma oportunidade para que o sujeito torne concreto algo que possa existir em um plano subjetivo. Ou seja, ela é a comunicação mediadora entre humano e ambiente.

Ao compreender o pressuposto inicial das faculdades da semiótica, convém afunilar informações sobre os adjetivos que colaboram para o processo de intercâmbio de conhecimento – seguindo, principalmente, as concepções da corrente estruturalista. Entende-se que a produção do saber, principalmente com comunidades indígenas, deve ser originária

não em vias paralelas, mas comuns dessa população – o que garante dados baseados em uma cultura específica e singular. Bacon (1979b) propôs ao homem de sua época um conhecimento que nasce pela investigação de fenômenos, o que possibilita hoje a reflexão de uma ciência que nasce em prol do campo social.

1.2 A linguagem da pesquisa alinhada ao campo social

A descrição da seção anterior, desta dissertação, apresenta uma conversação sobre um conhecimento conquistado por meio do campo social – estratégia que viabiliza o sujeito como protagonista de sua própria história e não um agente passivo de interpretações oriundas de um ambiente externo. Ao propor o mesmo diálogo, a teoria semiótica se organiza para evidenciar significações em perspectivas angulares, ou seja, o pesquisador tem como proposta compreender o signo, demonstrado por meio de uma linguagem (textual ou imagética), elaborado pelo objeto de pesquisa. Sendo assim, o saber do objeto emerge do próprio objeto (BOUSSAC, 2012). Entre as possibilidades de atuação da semiótica, Pessôa (2013, p. 28), em uma proposta epistemológica, a organiza no campo estruturalista.

Nos anos 1960, a semiótica constitui-se no campo epistemológico do estruturalismo, na confluência entre a lingüística, a antropologia e a filosofia. Os principais fundadores da metodologia da semiótica foram extraídos das obras de Ferdinand de Saussure e de Louis Hjelmslev. É importante considerar que o desenvolvimento da semiótica integrou progressivamente a lingüística da enunciação de Émile Benveniste, superando o “puro formalismo.

O autor citado descreve a presença de dois autores que, respectivamente, partem de um pressuposto dicotômico (significante – significado) para organizar o pensar semiótico. Sendo os signos textuais o trabalho precursor, eles concluem a fragilidade do signo quando em contato com sujeito e ambiente distintos. O que caracteriza seus movimentos como resultados da relação entre os dois itens e não o inverso, pois, mesmo possuindo estruturas similares ou fidedignas, os signos podem conquistar significações singulares de acordo com o espaço que os acessam, por exemplo. Eles são percebidos com significações transitórias e não mais estáticas.

Sobre a quebra do paradigma elaborada por Ferdinand Saussure e Roman Jakobson, Peters (2000) descreve como sendo um movimento de “virada linguística”, pois comprehende que a nova proposta de reflexão torna a linguagem como mediadora do diálogo entre ambiente e sujeito. Essa reflexão aloca o sujeito como parte atuante do processo de

interpretação do material elaborado. Quando descreve sobre o movimento estruturalista, o autor ainda evoca os impactos sobre a investigação do humano em outras áreas, também. Como, por exemplo, antropologia, literatura, psicologia, marxismo, história, teoria estética e nos estudos na cultura popular, cada qual com seu foco de interesse respectivo.

Um grande número de observações do mesmo gênero nos confirma essa opinião: o caráter psicológico do grupo lingüístico pesa pouco diante de um fato como a supressão de uma vogal ou uma modificação de acentos, e muitas outras coisas semelhantes, capazes de revolucionar a cada instante a relação entre o signo e a ideia em qualquer forma de língua. (SAUSSURE, 2012, p.301)

Embora haja uma grande corrente que assuma os estudos da semiótica como proposta técnica, a grande literatura reconhece Saussure como proponente para o surgimento de uma nova investigação científica, devido sua base de investigação, (CARVALHO, 2003). A falta de textos escritos pelo autor sobre seu pensamento crítico provocou em seus alunos a publicação de suas anotações produzidas durante um curso por ele ministrado – curso da Linguista Geral. O intuito era que a comunidade acadêmica conhecesse mais sobre o brilhante autor, após sua morte. As narrações descritas pelos alunos descrevem um homem com pensamentos constantes e acelerados. O manuscrito de um de seus discentes comenta que, mesmo sendo a proposta do curso renovada a cada dois anos, todos participavam novamente da capacitação, não pela incompreensão do conteúdo, mas devido aos fortes *insights* sobre semiologia que o estudioso tinha, provocando a sensação de serem testemunhas no nascimento do saber (BOUSSAC, 2012).

Saussure (2012), devido sua grande bagagem linguística em mais de seis idiomas, provoca um estudo de confrontamento entre as gramáticas estudadas – sendo conhecido como gramática comparada. Para o autor, há algum princípio ativo que modifica as traduções de um signo – quando percebe que algumas palavras possuem uma estrutura idêntica. A noção de tradução do signo é percebida como um movimento de ordem produzido pelo sujeito, criado em um espaço singular – o que ele chama de “princípio de ordem”, ou seja, um elemento apenas faz sentido para um grupo específico que vive uma experiência cultural/social específica. O autor exemplifica esse conceito com o uso da palavra “árvore”, quando ouvida, cada sujeito constrói a sua ideia de tradução de acordo com sua vivência, por um movimento descrito como “imagem acústica”, sendo ela a capacidade de interpretação dos sons.

Sobre a proposta de pensamento da semiologia, há sucessores de Saussure que se propõem a investigar a relação da tríade entre o sujeito, signo e ambiente. De acordo com

Souza (2006, p. 54), Greimas é o autor que mais manterá os princípios do pai da semiótica estrutural, embora se saiba que sua forma de investigação recebe grande também influência de Louis Hjelmslev:

Algirdas Julien Greimas é um dos semióticos mais fiel à análise estrutural, tendo se tornado o núcleo da Escola de Paris com a sua semântica estrutural de 1996. A influência de seu projeto semiótico é sentida em várias áreas do conhecimento, indo da semiótica literária à semiótica da arquitetura, da pintura e da música, à teologia, direito e ciências humanas em geral. É uma influência também bastante notável nas análises dos anúncios publicitários.

As práticas metodológicas de Greimas evidenciam uma investigação dos signos além dos dois caminhos atribuíveis aos enunciadores - linguagem verbal (traduzida não apenas por meio de textos, mas também imagens), e linguagem não-verbal (caracterizada pelas produções corporais elaboradas pelo sujeito ativo e/ou responsável) -, mas também pelos comportamentos humanos da vida cotidiana, como: hábitos e estilos de vida, por exemplo. Também conhecida como semiótica Narrativa, o autor apresenta uma problemática de pesquisa de acordo com as questões expostas pelo objeto. E, é por meio do sujeito que são percebidos os assuntos relevantes para aquilo que ele chamará de trama narrativa - composta por sujeito, antisujeito e objetivo de valor, em sua configuração básica.

Dois aspectos complementares caracterizam a Semiótica Greimasiana desde seus primórdios. O primeiro é a extensão progressiva – e considerável – de seu campo de investigação: partindo da análise da literatura oral [...] O segundo é o projeto de construção de um modelo teórico da significação em um nível de generalidade que permite abordar toda a produção humana significativa, verbal e não verbal. (PESSÔA, 2013, p. 29)

Sendo assim, esse desdobramento da semiologia provoca um conhecimento verdadeiro entre as possibilidades de atuação do campo social, pois direciona seu olhar ao sujeito produtor de signo. Hénault (2006) completa o pensamento ao descrever a rigorosidade da proposta semiótica quando em investigação do signo por meio do sujeito, para isso deve-se promover o espírito da observação. Isto é, deve-se estar atento as diversas formas de produção do objeto de pesquisa. A intenção do trabalho semiótico é fazer com que seja percebido como agente colaborador para compreensão dos signos – o que o provoca a articular uma metodologia que consiga caminhar entre as diversas formas de expressão da linguagem humana.

1.3 Sujeito e sociedade: uma conversa semiótica

As produções de conhecimento, baseado na semiologia de Saussure, propõem o aflorar de informações fundamentadas em um caminho dicotômico, ou seja, os elementos analisados são alocados em “nomes” (significante) e “traduções” (significados). O processo que evidencia as significações do objeto de estudos resulta em uma narrativa do sujeito que se desenvolve e possui influências em seu ambiente. Isto é, conhecer as significações do sujeito é se apropriar de informações sobre seu ambiente, também (CARVALHO, 2003).

De acordo com Sobrinho (2013), a linguagem é uma estratégia individual de o sujeito tornar evidente sua captura simbólica social. Já que os sistemas de signos, sendo uma organização da linguagem, são normatizações inerentes à esfera sociocultural. Sendo assim, eles constroem produtos que correspondem às condições específicas. O autor dá subsídios para a compreensão de um sujeito que possui relação profunda com seu ambiente modelador, torna, portanto, a linguagem uma evidência entre a mediação dos pólos sujeito e ambiente.

A natureza e o homem se manifestam para nós sob a forma de signos que podem, pela mediação lingüística, ser reunidos em conjuntos, tornam-se assim objetos científicos; na mesma medida, as transformações dos fenômenos da natureza e as mudanças resultantes da atividade humana podem ser igualmente transcodificadas e denominadas, convertendo-se assim em descrições baseadas em unidades lingüísticas em caráter discursivo. (GREIMAS, 1975, p.32)

Ao descrever a relação entre signo e sujeito, o autor supracitado evidencia o protagonismo do participante da pesquisa na elaboração de signos, também – característica ora apresentada por Saussure (2012). Entre as possibilidades de linguagem presentes em um ambiente cultural específico, cabe ao sujeito selecionar aquele qual melhor estrutura ou ordem pode representá-lo em um processo de comunicação. Ou seja, a seleção não aleatória dos signos pelo sujeito, concorda que seus adjetivos também podem ser percebidos em uma análise semiótica.

A cultura pressupõe sistemas de signos cuja organização reproduz comportamentos distintos daqueles considerados naturais que são, assim, culturalizados por algum tipo de codificação. Os códigos como sistemas modelizantes e modeladores têm a função de culturalizar o mundo, isto é, de conferir-lhe uma estrutura cultural. O resultado final é a transformação de um não texto em texto. Esse é o mecanismo elementar da cultura, objeto primordial da investigação semiótica que formula um conceito de cultura que não se limita à sociedade (MACHADO, 2003, p. 25)

A semiótica estrutural se organiza para assistir dois pontos de discussões, trata-se do sujeito que produz signo e seu ambiente socializador – tal movimento possui sistemática metodológica singulares, devido aos diversos autores que pertencem a corrente. Durante o processo, os dois itens em questão precisam ser suspensos para uma compreensão melhor do cenário de pesquisa. Quando comenta sobre essa articulação, o autor supracitado descreve a influência da cultura na produção de signo do sujeito pertencente a um ambiente específico. Ele ainda comenta que, devido as diversas possibilidades de informações colhidas em uma pesquisa semiótica, seja importante uma boa definição de objetivos como segmentador de informações.

Ainda, ao descrever sobre as formas de atuação de uma pesquisa semiótica, Greimas (1975, p. 21) a legitima em duas propostas de atuação para captura do conhecimento, sendo: 1) extensão horizontal – aquela que tem por objetivo a coleta de dados semântico presente em um universo científico; e 2) construção vertical, que se organiza para compreender algo que já fora descrito. Ainda sobre seu pressuposto, o autor declara que toda ciência possui uma estrutura semiótica.

Semiótica, uma hierarquia que pode ser submetida à análise e cujos elementos podem ser submetidos por relações recíprocas (e pela comutação). Assim, cada ciência específica constitui uma semiótica específica, sendo que a totalidade das semióticas é visada pelo saber no seu conjunto.

Ao fazer uma análise profunda sobre a semiótica greimasiana, Silva (2010) comenta a decisão do autor em basear seus estudos pelas traduções dos signos, não apenas na dicotomia de “significante” e “significado” aflorado por Saussure, mas, principalmente, na ideologia de “conteúdo” e “expressão” herdada por Hjelmslev – o que o possibilita atuar em diversas áreas de evidência da linguagem. Dosse (2007, p. 281) descreve que, por meio de uma sistemática, Greimas desejava que as ciências humanas estivessem “o mais próximo das ciências duras”. Isto é, formalizasse o mesmo grau de importância.

Quando se questiona sobre a importância da linguagem entre as relações evidenciadas (sujeito-ambiente), Greimas (1973, p. 15) percebe que não há condições para que ela se dissocie do objeto a que pertence, pois ambos possuem um caráter de dependência profunda que se legitima além de uma construção evolutiva temporal. Os contextos que rodeiam o humano são enraizados nos signos utilizados por ele, pois a todo o momento ele recebe material novo de comunicação.

A primeira observação referente à significação só pode tocar ao seu caráter onipresente e multiforme ao mesmo tempo. Ficamos ingenuamente espantados quando nos pomos a refletir acerca da situação do homem que, de manhã à noite e da idade pré-natal à morte, é atormentado por significações que o solicitam por toda parte, por mensagens que o atingem todo momento e sob todas as formas.

Por fim, a semiótica estrutural evidencia-se como agente atuante na compreensão do sujeito e seu ambiente em torno, por meio da investigação de seus signos elaborados, ou seja, organização linguística – estes que, por sua vez, não conseguem se dissociar dessa relação. Para isso, a semiologia questiona as significações produzidas por um elemento elaborado em um processo de comunicação. Greimas (1976) consegue articular esse padrão pela perspectiva do sujeito, sendo assim, o saber é conquistado em trabalho comum ao objeto de pesquisa.

Ao compreender os elementos percebidos pela semiótica, encontra-se como oportunidade, para essa dissertação, a análise de signos elaborados pelas crianças indígenas com o objetivo de compreensão dos adjetivos que as formam e movimentos sócio-culturais que participam. A ordem de análise da semiologia propõe a suspensão dos dois principais itens na investigação, neste caso sendo, respectivamente, a criança Terena e sociedade de consumo, para então um olhar aos dados colhidos em caráter legítimo ao ambiente vivenciado pelo objeto de pesquisa. Após coleta de informações, será apresentada a metodologia de análise desenvolvida pela semiótica estrutura, propriamente pelos subsídios de Greimas (1973).

2 POVO TERENA

2.1 Estratégias de vida

O desenvolvimento das comunidades indígenas foi construído com a interferência das ações do não-indígena – neste momento da dissertação evidenciando seu processo de expansão em terras brasileiras. As ações desenvolvidas pela sociedade dominante influenciaram os caminhos de expansão que seriam percorridos pelas tribos. E, em Mato Grosso do Sul não foi diferente, Oliveira (1968) inicia uma reflexão sobre a origem de algumas tribos indígenas na região do pantanal, seu ponto de partida é há duzentos anos, pois descreve a apropriação dos povos no então estado de Mato Grosso, destacando os *Aruak*, os *macro-Gê* e os *Guaranis*. O primeiro grupo trata-se dos antecessores da etnia objeto desta dissertação, sua trajetória é contada em diversas especulações, como apresenta Sganzerla & Silva (2004, p. 13):

Esta família de características bem típicas do oriente, costuma-se afirmar, veio para a América pelo oceano e chegou nas costas da América Latina, na altura do Peru e do Equador. Em seguida, subiu as morrarias e veio para a Bacia Amazônica, onde encontrou a planície e, acima de tudo, terras férteis. [...] Uma segunda versão confirmada por diversos estudiosos está baseada na semelhança de terras nas planícies da Colômbia e da Venezuela, local de onde teria vindo a família Aruak. [...] em outros países, tem-se como certa a vinda direta da Indonésia para o Peru e o Equador, via marítima.

Ainda a respeito da reflexão, o autor descreve sobre os níveis de proximidade cultural transmitida de uma geração para outra, evidenciando o contínuo de uma tradição que não se limita a linha temporal, ao destacar que o antecessor fixa com mais facilidade em sua terra e dela consegue promover condições para a manutenção de sua vida - característica presente nos Terena quando percebido que são muito ligados ao rio e à planície, agentes importantes na sua dinâmica pelo viver. E continua seu discurso sobre o desbravamento rumo à região do Pantanal.

Sabemos que a família Aruak, em pouco tempo, estendeu-se para além da Bacia do Amazonas. [...] Esses índios não olharam as terras montanhosas, mas se fixaram nas melhores terras e nas planícies. As regiões do Pando, de Santa Cruz de la Sierra, foram as mais cobiçadas. Isso possibilitou que aos poucos fossem se ramificando em outras formas de viver e, inclusive, com muita miscigenação. Todavia, acentuamos mais sua localização em direção ao rio Amazonas. Depois, foram descendo para as fronteiras do Brasil (Pantanal com o Chaco Paraguaio). (SGANZERLA & SILVA, 2004, p. 15)

As terras supracitadas são descritas como grande “achado”² para o desenvolvimento da população, pois a dinâmica do alagamento das planícies e como legado o enriquecimento do solo, proporcionou subsídios para a prática agrícola – atividade desenvolvida com maestria pela etnia. O autor finaliza seu resgate histórico destacando que o Terena, em sua constituição moderna, deve referências étnicas de diversas fontes, especialmente do Chaco Paraguaio e bolivianas, contra algumas reflexões que evidenciam a origem da etnia oriunda dos *Guaná* – grande grupo *Aruak* que proporcionou uma lenta subdivisão até a apropriação como principal língua Terena. Para essa segmentação, Oliveira (1976, p. 24-25) faz uma reflexão didática sobre o grupo e dividi-los em duas estruturas, baseadas em suas posições geográficas, a saber “[...]: 1) Chané que ficaram à oeste do Andes e 2) Guaná que se alojaram na bacia paraguaia”. Ainda sobre a estrutura de pensamento, Oliveira e Pereira (2007, p. 7) comentam que: “De um modo geral as fontes históricas informam que até fins do século XIX os Guaná-Chané estavam organizados e se distinguiam em vários grupos étnicos: Terena (ou Etelenoé), Echoaladi, Kinikinau e Laiana.”

Os termos Kinikinau e Laiana, citados pelos autores supracitados, são comentados por Azanha (2004) para demonstrar o enraizamento de significados entre os indígenas mais velhos, além de oferecer subsídios para alguns autores que, por meio do levante de dados, objetivam o regaste de identidade do grupo.

[...] atualmente a maioria se reconhece como Terena, ainda que haja registros sobre o fenômeno do ressurgimento étnico entre indivíduos Kinikinau que vivem na aldeia São João, reserva indígena kadiwéu, no município de Porto Murtinho, em Mato Grosso do Sul. A emergência de uma identidade terena abrangente a vários grupos étnicos da tradição Guaná-Chané já estava em andamento na época das pesquisas de campo de Altenfelder Silva (1949, 1976) e Cardoso de Oliveira (1968, 1976, 2002), realizadas entre as décadas de 1940 e 1960, respectivamente.

A relação entre os Aruaks e não-indígenas também é descrita como algo livre e espontâneo. A relação entre eles não é marcada por uma relação de dominação, ao menos não de forma tão evidente. Schmidt (1917, p. 26) ao descrever sobre tal característica, cita que:

Em todos os lugares em que a literatura menciona a relação das tribos aruaques com os invasores europeus é frisada sua disposição amistosa para com eles e o motivo dessa harmonia com os invasores europeus está intimamente ligado aos motivos da expansão das culturas aruaques. A fundação e manutenção da posição dominante perante outras tribos de modo

² Termo utilizado para descrever o desbravamento da população até o encontro de um local com as situações ideais aos seus objetivos estratégicos.

algum pode ser tão bem alcançada como meio das vantagens oriundas de relações amigáveis com culturas mais elevadas.

Torna-se perceptível uma aproximação entre os dois grupos, sustentada pela estratégia de sobrevivência adotada pelo grupo indígena. O contato pacífico com os não indígenas proporcionou que o grupo não fosse definido como escravos, pelos europeus, mas parceiros para algumas práticas comuns. Ou seja, os Terena são vistos como colaboradores de atividades típicas não-indígenas – como agricultura em larga escala, por exemplo. Silva (1949) percebe uma grande disparidade de conceitos sobre os Terena, quando comparados em períodos da história distintos, pois a relação profunda da etnia com a sociedade não-indígena adiciona novas características ao grupo em resposta a aproximação desenvolvida.

Ilustrados pelas diversas literaturas, o autor também apresenta um dos exemplos mais representativos sobre a modificação do modo de viver indígena - a Guerra do Paraguai. Batalha essa que é considerada como divisor para os povos indígenas do atual estado de Mato Grosso do Sul, devido à dizimação de muitas tribos. No caso dos Terena sua participação tardia no conflito foi, principalmente, em auxílio às guardas nacionais sobre a localização espacial – além de pontuais intervenções em combate (representado hoje pela dança do Penacho ou bate pau). Entende-se que o pós-guerra alocou novas práticas a etnia – viver em um espaço com recursos naturais reduzido foi seu novo desafio.

Azanza (2000) concorda com Silva (1949) ao fazer uma clara reflexão sobre a evolução do cenário para a etnia. Ele expõe que o grupo se manteve isolado por algum tempo, logo quando sua chegada ao sul do então estado de Mato Grosso. E, de uma forma gradativa, foi sendo influenciado pelos contatos com a povoação da região. Quando a guerra entra em seu ápice, muitos já falavam a língua portuguesa – característica importante para o aprimoramento de dialogo entre os dois grupos (indígena e não-indígena), pois oportunizou a melhor assimilação dos planos de conteúdo e expressão dos signos lingüísticos não-indígenas. Sendo assim, tornando os indígenas também vulneráveis às práticas de consumo propagadas pelas mídias, por exemplo. A assimilação de um conteúdo externo a comunidade recebe total influência dos subsídios culturais informativos, para a criança esse processo acontece durante o seu brincar.

2.2 Uma briga entre nações não-indígenas

A guerra entre Brasil e Paraguai³ é considerada um dos mais sangrentos conflitos bélicos da América. E como herança, deixou marcas que transformaram a vida dos habitantes em perspectiva macro e setorial. Apresentá-la como um grande divisor de águas – aqui usando a expressão popular para descrever ponto de impacto para transformação-, é se apropriar de norteadores para a configuração sociocultural atual da etnia terena e outras, por meio de reflexão de períodos distintos, o antes e o agora.

É consenso entre historiadores e antropólogos que a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança representou um profundo golpe para as formações sociais das populações Guaná-Chané. O principal transtorno provocado pela guerra foi a destruição das grandes aldeias e a consequente desterritorialização da maior parte da população que nelas vivia. Esta situação impôs sérias limitações à produção da vida material e ao exercício de formas de sociabilidade. Entretanto, os efeitos da guerra teriam sido mais traumáticos se os indígenas não pudessem contar, naquele momento, com o apoio que receberam da população das pequenas aldeias, transformadas em aldeias refúgios, principalmente para mulheres, crianças, velhos e doentes. (OLIVEIRA E PEREIRA, 2007, p.12)

O autor supracitado comenta sobre os pontos de impacto que o conflito causou para os mais fracos em sua concepção, os indígenas. Ele não apresenta os dados sobre a população não-indígena (brasileiros e paraguaios), mas sim sobre os nativos que tiveram seus espaços e culturas invadidas em prol de uma estratégia de guerra que a princípio nem deles era. Azanha (2000) ao descrever sobre o episódio que, em suas palavras, modificou radicalmente o modo de viver dos grupos indígenas, comenta que o ponto mais atingido foi a relação modificada entre respeito e dependência do indígena com o não-indígena.

Uma das razões para tais apontamentos de Azanha (2000) pode ser localizada na narrativa de Oliveira e Pereira (2007, p. 11) que apresenta apontamentos de cooperação existentes entre indígenas e não-indígenas, durante o conflito. Tal leitura recebe subsídios das entrevistas de Taunay com índios mais velhos, a saber:

“[...] a região serrana de Maracaju funcionou como um “seguro refúgio à perseguição paraguaia”. As afirmações de Taunay foram corroboradas pelas narrativas dos Terena mais velhos, com os quais os autores conviveram durante as pesquisa de campo e em alguns momentos posteriores. Os

³ Também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

registros genealógicos revelaram ainda que os Terena já estavam na Serra de Maracaju antes do início da guerra.”

A participação do povo Terena no conflito é descrita por Martinez (2003), também. Segundo o autor a etnia atuou como auxiliadores⁴ as Guardas Nacionais. Tal especificidade produz paridade de percepção com os relatórios que apontam o grupo como sendo o povo que teve o número de mortos em menor escala - se comparado às demais etnias –, acredita-se que uma das razões para que isso tenha acontecido, foi o fato de terem sido o último grupo indígena a participar dessa movimentação.

Por meio dos movimentos práticos desenvolvidos pelos Terena – possibilitado ao domínio da língua portuguesa -, subentende-se que existiu algo além de uma comunicação de orientação geográfica aos não-indígenas, mas um processo de troca cultural, também. Ou seja, o convívio diário entre os dois povos propiciou a assimilação de valores consumistas aos indígenas e, como efeito dominó, colaborou para que eles fossem adotados em sua cultura e propagados as suas crianças, por exemplo.

2.3 A atual sociedade Terena: o legado da guerra

Ao findar o conflito bélico, o novo cenário político gera recompensas positivas para a articulação da nação brasileira, mas modifica profundamente o modo de viver dos indígenas que ocupavam a região que fora palco da guerra. Trata-se do processo de reorganização do espaço territorial, prática desenvolvida pela manobra de desapropriação de terras indígenas em prol de novos ocupantes. Melià (2004) avalia a atitude do governo como uma prática de proteção às fronteiras brasileiras. Sendo essa uma região vulnerável para possíveis novos ataques, precisou de incentivo para aumentar a ocupação - estratégia que também foi desenvolvida pelo Paraguai.

Sobre a relação entre indígenas e não-indígenas e com reflexões do episódio pós-guerra, Brandão (1986, p. 87) produz comentário a respeito das modificações indígenas, a saber:

O contato entre índios e brancos provoca alterações sucessivas em todas as dimensões da vida do índio: 1) Ele perde as suas terras ou uma parte delas permanecendo em um território reduzido, ou é empurrado para mais adiante,

⁴ Os índios Terena ajudaram os Guardas Nacionais com orientações sobre os locais, durante confrontos e alimentação, por conhecerem muito bem a região.

onde nem sempre encontra as mesmas condições adequadas de caça e pesca, de coleta e de agricultura. 2) Ele perde toda sua parte de autonomia de suas relações políticas [...]. 3) Ele perde as condições anteriores de manter a equação de troca de bens e trabalhos que preserva a vida física e social de todos, entre todos; caçadores e agricultores solidários, que buscam alimentos em grupos e plantam em famílias para o sustento de todos, tornam-se coletores individuais de castanhas, não mais para a sobrevivência direta da família, ou para a fabricação de ornamentos rituais, mas para a empresa regional que paga pelo produto e, assim, determina as regras do trabalho.

O autor descreve a obrigação dos Terena em produzirem um novo modo de viver frente às modificações em seu entorno – mais uma prática desenvolvida como estratégia de sobrevivência em resposta aos fragmentos da divisão de terras. Fernandes Júnior (1997) concorda com tal apontamento ao comentar que os Terena tiveram suas terras invadidas por fazendeiros (espanhóis e brasileiros), segregando seus grupos e transformando-os em mão de obra semi-escrava, ficaram dispersos no estado até o início do século XX, após as demarcações de pequenas comunidades realizada pelo Marechal Cândido da Silva Rondon.

Porém, é importante destacar que o processo não foi tão pacífico assim. A situação de exploração entre fazendeiros e Terena desencadeava constantes conflitos, onde sempre quem perdia eram os indígenas. Em razão ao seu pouco armamento bélico, se comparado aos seus rivais.

Os conflitos entre os Terena e os fazendeiros eram constantes. Havia muita exploração dos proprietários brancos sobre o trabalho dos Terena. Um exemplo dos conflitos foi o que ocorreu por volta de 1890. Dois fazendeiros brigavam entre si na região de Miranda. A Fazenda Santana, que era disputada pelos dois fazendeiros foi saqueada por um deles, mas o proprietário resolveu culpar os Terena da região de Cachoeirinha. Por causa dessa acusação, os Terena foram obrigados a trabalhar de graça para o dono da fazenda (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000).

O apontamento acima destaca que, mesmo em um ambiente com conflitos programados, os Terena mantiveram algumas características, como a de adaptável e amigável, adjetivos já evocados anteriormente quando apresentado o processo de expansão na América pelos ancestrais, então Aruaks. Para Azevedo (2008, p. 8), o conflito é realmente um divisor de águas na cultura e modo de viver dos Terena, pois se viram obrigados a desenvolver habilidades da sociedade nacional para que pudessem oportunizar relações econômicas, por exemplo.

Destacamos que os índios Terena optaram por um contato submisso e amigável com a sociedade não-índia, ao longo dos séculos, a partir de relações econômicas, com a venda de produtos agrícolas pelas ruas de Aquidauana, Anastácio e Dois Irmãos do Buriti e demais municípios e

passaram a dominar a língua portuguesa para tais relações econômicas e sociais e no núcleo familiar a língua materna. A localização das aldeias e a ocupação em determinados pontos das áreas indígenas pela sociedade não-índia forçando ainda mais as relações de poder de uso e o contado com as sociedades de consumo.

Os novos espaços para as comunidades indígenas, arquitetado por Marechal Rondon, também influenciaram a atual composição Terena. A política adotada na época se alicerça com a intenção de promover intercâmbio de culturas entre indígenas e não-indígenas, por meio de uma aproximação geográfica maior. Sendo assim, reservas foram demarcadas próximas aos centros urbanos para incentivar a conversação entre os dois ambientes (MARTINEZ, 2003). O que se aproxima da reflexão de Brandão (1986, p.111), a saber, “Poucos índios mantêm com os brancos um repertório tão variado de autonomia e dependência como os Terena”.

Oliveira (1960), quando investiga sobre a história de desenvolvimento dessa etnia no Brasil, considera-os como um caso raro, pois, mesmo com tantas influências externas para aculturação⁵, conseguiram manter vivos traços que os definem como indígenas. Cabreira (2006) resume esse fator pelo adjetivo de adaptabilidade. Segundo a autora, o vocativo nasce e se desenvolve como uma estratégia para manutenção da vida, para salvaguardar seu espaço – o que os tornam mais pacíficos e aculturados. Sendo assim, fica a atenção sobre a absorção de cultura não-indígena para a preservação de seus traços Terena – ou seja, encontrar caminhos da sociedade não-indígena que possa colaborar para a proteção da etnia.

Essa pesquisa se legitima também ao entender essa demanda, pois, por meio da semiótica estrutural, investiga se há signos de uma sociedade consumista presentes no cotidiano das crianças que emergem de uma etnia caracterizada como adaptável, pois entende que por meio delas são continuados valores e aspectos culturais da comunidade. Sendo assim, seu material narrativo, confrontado a sua historicidade, possibilita a compreensão de elementos linguísticos que são transitórios ou permanentes à etnia.

2.4 Aldeia Bananal: aspectos introdutórios

⁵ Termo utilizado para descrever uma cultura que se modifica/evolui pelas ações de outra mais latente.

O pós-guerra realmente modificou a rotina dos indígenas. A política pública desenvolvida pelos responsáveis da época, e executada por Marechal Rondon, alocou os espaços indígenas próximos aos centros urbanos em busca de maior interação cultural. A atual localização da aldeia Bananal serve como um dos pontos de exemplos. Localizada próxima da cidade de Aquidauana – interior do estado de Mato Grosso do Sul -, a comunidade desenvolve práticas em busca de sua legitimação étnica.

[...] A Aldeia Bananal abriga Índios da etnia terena. Contando com a aldeia Bananal são sete aldeias na reserva, ambas são semelhantes nos aspectos econômicos, políticos e culturais, cada aldeia possui uma organização com uma política própria, ou seja, possui um Cacique, que através de votação é eleito, onde sua função é defender direitos da comunidade, como, por exemplo reunir homens de cada família para discutir assuntos benéficos que vão favorecer ao crescimento econômico da comunidade, além do Cacique também possui um conselho Tribal, que de uma outra forma defende as causas indígenas, e a Associação de agricultores. (CÂNDIDO, 2011, p. 2)

O autor continua uma reflexão descrevendo características estruturais da comunidade, como, por exemplo, as moradias: sendo produzidas, ora com materiais de alvenaria, ora com adubo e palha – o que gera resgate aos caminhos ancestrais. Sobre tal fenômeno, eles descrevem o primeiro modelo de casa sendo uma consequência da influência dos não-indígenas - sendo assim, mais modernas e em maior número, percebidas durante visitação.

Ao comentar sobre as práticas desenvolvidas pela etnia Terena (agricultura e artesanato), Linhares (2000, p.38) caracteriza um período de tempo como sendo o ponto de partida para catalogar a máximo desempenho das atividades promovidas. Descreve ainda uma manobra comercial desenvolvida pelos indígenas, a saber:

Por volta de 1920, os terena já são considerados exímios cultivadores, sobretudo do arroz, feijão, mandioca e milho, além do domínio do artesanato de penas e de prata usados como adorno, ou complemento para o vestiário. Os produtos de olaria, também fazem parte da rotina de trabalho desse povo, na produção de utensílios de uso doméstico, tais como vasos tijolos, telhas, etc, que eram produzidos para comercializar.

Antônio (2009) ainda é mais específica ao listar algumas atividades caracterizadas pela etnia, que são desenvolvidas pelos moradores da comunidade (sendo mais comum entre as mulheres), como: a cerâmica, cestaria, brincos, tapetes e cocares. Como a aldeia Bananal está próxima a usinas de álcool, os homens encontram nesses espaços uma oportunidade de trabalho. Mas com as mulheres a situação não fica diferente, a autora também comenta que, frente à necessidade de capital, muitas vendem produtos produzidos e/ou frutas e raízes nas

cidades próximas, enquanto outras oferecem seus serviços como babás e domésticas. Sendo poucas as que realizam trabalhos diferenciados como professoras e agentes de saúde. Percebe-se um vocativo econômico modelando algumas práticas indígenas, desenvolvidas como estratégia para sobrevivência em um espaço capital – durante algumas visitações, percebe-se que hoje são poucas as famílias que produzem seus próprios alimentos, além de quase nenhuma produção artística.

Oliveira e Brostolin (2012, p. 137) também colaboram com suas percepções sobre a comunidade Bananal, a saber:

Nas aldeias Terena, sempre há receptividade para convocações de reuniões, discussões e debates, ocasiões que se afiguram como espaços de exercício performático para os líderes constituídos e para as lideranças em formação. As reuniões são também ocasiões para a coletividade (grupos e facções) testarem o grau de habilidade discursiva e comportamental de seus líderes.

A organização política Terena se fundamenta com fortes parâmetros de proteção do coletivo. O grupo colabora com o indivíduo, ao mesmo tempo em que o processo inverso torna-se verdadeiro – o que justifica o desejo de cada indígena que, por razões acadêmicas, saiu da comunidade e deseja voltar para que seu conhecimento colabore com a vida dos integrantes. As oportunidades de graduação, oferecidas em Aquidauana (MS) – cidade mais próxima da comunidade -, são restritas as licenciaturas. Sendo assim, torna-se maior predominante no currículo dos adolescentes. A característica familiar da etnia é um pouco distante da anunciada pela sociedade nacional que produz relacionamentos fugazes.

Na Aldeia Bananal, o tempo de regência de cada cacique varia muito. O poder acaba oscilando de acordo com o que a comunidade espera de seus caciques, e se são avaliados como sendo bom o suficiente, podem ficar bem mais tempo. Se não atendem aos anseios e expectativas, ou se não têm boa saúde, acabam sendo depostos. (ANTONIO, 2009, p. 33)

A autora acima destaca o como a comunidade participaativamente da vida política da aldeia, partindo do exemplo da escolha e permanência e seus caciques. Foram somados, até a publicação de sua dissertação, vinte e três homens que haviam assumidos o poder de gestão interna e representatividade frente a outras esferas políticas da sociedade não-indígena. Importante destacar que, similar a organização não-índigena, o líder possui uma estrutura hierárquica formada com vice-cacique e conselho – o que pode ser justificado como herança conquistada pela aproximação entre os povos, principalmente aos adjetivos oriundos no momento pós-guerra. Ou seja, assim como a estrutura política, outras características e condições de vida Terena foram influências também – a respeito da relação entre consumo e

crianças indígena percebe-se uma grande possibilidade de conteúdo assimilado pelos menores, pois reproduzem a informação compartilhada por seus responsáveis.

2.5 Criança Terena: um dever de todos

A influência da sociedade nacional, que ora foi apresentada no discurso sobre a historicidade Terena, é elaborada de forma singular quando comparado aos cuidados dedicados a criança indígena. A tradição e cultura entram em um processo prático para a promoção de crianças mais empoderadas sobre sua história e papel social. Sendo assim, ela se torna uma das fases que recebe mais atenção na comunidade.

O nascimento da criança Terena é aguardado com muita expectativa por toda a família. Vários cuidados são tomados nesse período para gravidez ser saudável e tranquila. A alimentação da mãe é modificada, e alimentos mais saudáveis são inseridos nas refeições que são pensadas sempre para a saúde do bebê. A expectativa por esse nascimento é amenizada com superstições que são sempre feitas pela avó da criança. A criança sempre está nos espaços da aldeia e, até obter maior independência, fica ao lado da mãe, aprendendo as noções de etiqueta e civilidade, constituindo a identidade Terena. Esta identidade vai sendo construída em todos os momentos na vida da criança, é a família quem garante o conhecimento sobre a etnia e demonstra a importância dos ensinamentos que caracteriza os Terena. (OLIVEIRA E BROSTOLIN, 2012, p.139-140)

Lino (2006) concorda com a reflexão acima ao comentar que, em uma comunidade Terena todos são responsáveis pelo desenvolvimento da criança. A dedicação coletiva é presente em qualquer espaço onde a criança permeie, pois a comunidade assume a função de assistir o pequeno e dar orientações sobre o que deve ou não ser feito, durante seu desbravamento pelo saber.

Os ensinamentos que permeiam a Pedagogia Terena perpassam principalmente pelo âmbito familiar. É de responsabilidade do grupo familiar à apresentação de valores étnicos, como o respeito mútuo, a solidariedade. Na cultura Terena, a comunidade exerce papel fundamental na transmissão de saberes tradicionais, pois possui sabedoria para ser comunicada e transmitida por seus membros, que contribuem na formação da identidade de todos (LIMA, 2008, *apud*, OLIVEIRA E BROSTOLIN, 2012).

O autor supracitado destaca, entre as possibilidades de aprendizado da criança indígena Terena, o processo de oralidade como um dos caminhos mais poderosos. Além das características presentes na dinâmica da observação, pois a descreve como a principal

manifestação do amplo código social. Sendo assim, características da sociedade não-indígena, assumem outros valores dentro das comunidades, como o brincar, por exemplo.

O brincar funciona como uma espécie de eixo na aprendizagem e manutenção da cultura. É na brincadeira que a criança põe em prática o conhecimento sobre civilidade e etiqueta citado acima. O senso do respeito e do cuidar do outro é tão presente, que mesmo em uma brincadeira que há disputa, todos se voltam para um que necessite de ajuda. As meninas e os meninos brincam juntos e não há separação por idade. Os menores, mesmo que com maior dificuldade para acompanhar os maiores, brincam das mesmas brincadeiras e participam por igual das atividades que são sempre combinadas previamente por todos os participantes. As brincadeiras mais presentes no cotidiano das crianças é o futebol, pega-pega, esconde-esconde, brincadeira da flor e vôlei. (OLIVEIRA E BROSTOLIN, 2012, p. 141)

As visitações desenvolvidas na aldeia Bananal, comunidade localizada no interior do estado de Mato Grosso do Sul, destacaram crianças sempre animadas e com adjetivos de partilha, os mesmo vocativos apresentados pelo autor acima. Porém, entre as listas de atividades apresentadas sobre o contexto dessa dissertação, chama a atenção para dois esportes que recebem bastante audiência em uma comunicação não-indígena (futebol e vôlei), o que caracteriza a miscigenação de práticas. A criança aprende fazendo e, por meio da brincadeira, se relacionam, observam, vivenciam e aprendem. Oliveira e Brostolin (2012, p.141) ainda comentam sobre a participação ativa da criança em dinâmicas dos adultos, a saber:

As crianças participam ativamente de todos os eventos festivos que ocorrem na aldeia. Nas festas de São Sebastião e de Nossa Senhora Aparecida, as crianças ajudam no preparam dos enfeites e nos demais preparativos necessários para a realização da festa. No dia do Índio, outra festividade comemorada na aldeia com a presença de autoridades, as crianças apresentam as danças do Bate-pau - dançada somente pelos meninos e da Siputrema - dançada somente pelas meninas. Na preparação destas festas a euforia é sempre presente e evidente.

Nas falas dos autores, percebe-se o envolvimento comunitário entre gerações para a celebração de datas festivas que não nasceram da organização da cultura Terena, mas sim por uma produção religiosa e política da sociedade nacional, respectivamente. Azevedo (2008, p. 11) quando analisa a produção discursiva de crianças Terena, chama a atenção aos resultados que aponta características não presentes na literatura, oriunda de adjetivos presentes na sociedade do não-indígena, a saber:

Os enunciados [...] marcam uma materialidade expressiva da sociedade de consumo através do verbo “querer”, “ter” e “ganhar” para o sujeito criança/adolescente Terena, pois ele deseja algo que não possui em seu universo, isso revela que tanto o índio quanto ao não-índio passam a ocupar

na sociedade de consumo um lugar de poder quando tem acesso aos bens de consumo (casa, móveis, moto, cama, bicicleta, piscina). Para isso, o fato de ser feliz vem marcado pelo ter para ser e o dinheiro (capital) é o foco das atenções.

De acordo com o autor, as entrevistas direcionadas “o que te faz feliz?” para as crianças desperta a atenção ao processo de ressignificação desenvolvido pelas crianças Terena ao adjetivo felicidade. A palavra recebe verbetes que não participam do ambiente da comunidade indígena, como: ter dinheiro, moto e, até, casa com piscina – propostas caracterizadas por ele como oriundas do atual modelo econômico desenvolvido e praticado, até então, pela sociedade não-indígena. Para o autor, esse modelo é sustentado, principalmente, pela interação das crianças indígenas com as possibilidades de mídia presentes na comunidade. Isto é, o contato rotineiro com meios de comunicação segmentados aumenta a possibilidade o surgimento de consumidores em potencial.

De acordo com os apontamentos presentes no primeiro capítulo, a pesquisa em semiótica estrutural propõe a suspensão de seu sujeito com o intuito melhor compreender seu produto linguístico. Sendo assim, para atender ao tema dessa reflexão proposta, foi evidenciada a etnia Terena – desde seus apontamentos históricos básicos até a organização infantil atual. Entre os textos da literatura, percebe-se um povo com fortes características de adaptabilidade, além de amigáveis, o que os tornam mais pacíficos e aculturados.

As descrições de um cotidiano Terena demonstram práticas de uma sociedade não-indígena desenvolvidas em suas comunidades, também. Sendo assim, partindo ainda do pressuposto pela busca do conhecimento sistematizado pela semiótica estrutural, se faz necessário a suspensão dos movimentos desenvolvidos pelo não-indígena, também, – principalmente de caráter econômico e social –, para que, quando analisado a linguagem infantil, se possa evidenciar os signos pertencentes a etnia e os do não-indígena.

3 A SOCIEDADE NÃO-INDÍGENA: UM VIÉS SOBRE CONSUMO

Atualmente, a configuração da sociedade nacional aos indígenas proporciona práticas de consumo aos seus participantes – e, em um modelo social baseado no capitalismo, o humano é ressignificado pela compra. Na comunicação social, percebe-se que a promoção de venda não é unicamente associada a um produto físico, mas, principalmente, as ideologias compartilhadas por meio das técnicas de argumentação (SANTANNA, 1977). Tal dinâmica é analisada por Bauman (2001) quando descreve o comportamento contemporâneo social (externo as comunidades indígenas) pelo vocativo efêmero, ao perceber na prática que os relacionamentos estão perecíveis, não estão mais sólidos como de outrem, seu prazo de validade, já estipulado em seu início, torna-o similar aos produtos disponíveis nas gôndolas de supermercados.

A sociedade com padrões consumistas, descrita pelo autor supracitado, nasce em resposta a toda uma articulação econômica, política e social – em um processo propagado/sustentado pela comunicação social, também. Fica aqui a atenção em elaborar lentes angulares sobre a sociedade dos não-indígenas para compreender como seu modelo econômico pode influenciar seus adeptos – o que oportunizará a percepção de vocativos presentes nessa configuração em torno aos indígenas, principalmente os Terena.

3.1 Capitalismo: de Adam Smith a Karl Marx

A reflexão descrita tem ponto de partida no século XIX, segundo o fisiocrata Smith (1776), ao descrever aquilo que seria o princípio de uma sociedade que se articula em prol do capital. Para o autor, o homem sempre teve uma forte tendência para a realização de trocas – centro da dinâmica capitalista. O impulso natural percorre vias históricas desde as Cruzadas pela Europa ocidental no século XI, até as expedições de caravelas pelos continentes que propunham um comércio pela procura de especiarias.

Marx (2000) também descreve o movimento capitalista em seus apontamentos, tendo como referência a relação de trabalho como troca – teoria do valor. Para tanto, ele inicia sua discussão com alguns recortes históricos sobre a economia da sociedade ocidental. O feudalismo, que teve grande desenvolvimento durante o século VIII, é narrado com a proposta

de tornar claro o ponto de impacto mais próximo que oportunizou a valorização do indivíduo pelo capital, a saber:

O traço mais característico da produção feudal em todos os países da Europa ocidental, é a partilha do solo entre o maior número possível de semi-escravos. O senhor feudal era como qualquer outro soberano; seu poder dependia mais do número dos seus súditos que do conteúdo da sua bolsa, isto é, dependia do número de camponeses estabelecidos em seus domínios. (MARX, 2000, p. 18)

O autor supracitado produz pensamento similar aos apontamentos de Smith (1776) ao descrever que a riqueza depende do grau de produtividade do trabalho. Sendo assim, quanto mais trabalhadores o senhor feudal tem sobre seu comando, maior é a garantia de poder oferecido a ele. A dinâmica era desenvolvida por um modelo básico de trocas (trabalho por segurança), necessidade fundamental em um espaço de conflito e ameaças vividas pelo ambiente europeu da época.

Netto e Braz (2006, p. 81) comentam que o findar do modelo econômico, social e político feudal proporcionou para a sociedade uma expertise sobre as atividades comerciais, produtos eram trocados por produtos tendo como base seus valores de importância.

Na sua configuração mais geral, essa produção de mercadorias – que se designa como produção mercantil simples – assentava em dois pilares: o trabalho pessoal e o fato de artesãos e camponeses nela envolvidos serem os proprietários dos meios de produção que empregavam. Originalmente, esse tipo de produção não implicava relações de exploração: o camponês trabalhava solidariamente com membros da sua família e o mestre artesão compartilhava as condições de trabalho e vida de seus aprendizes e jornaleiros.

Os autores também comentam a adoção de uma moeda (capital) foi instituída para representar a garantia de um produto que seria trocado por outro, característica que não se desvirtuou até século XVIII. O ambiente de negociações recebe a entrada de comerciantes nos processos de trocas que antes eram desenvolvidos apenas entre produtores. Sua participação significa a articulação de produtos com um valor acrescido no preço real⁶. Ou seja, sua taxa de recompensa pelos acordos firmados (lucro).

A produção mercantil capitalista se peculiariza, pois, porque põe em cena dois sujeitos historicamente determinados: o capitalista (ou burguês), que

⁶ A participação de comerciantes na negociação de produtos proporciona também uma divisão de valores para os materiais: 1) valor real que corresponde ao preço fidedigno para sua produção, aqui calculado sobre a mão de obra dos trabalhadores, insumos e lucro simples do produtor; 2) valor de mercado que significa a adição de mais uma porcentagem de lucro em razão a negociação do comerciante – mesmo que não tenha produzido o produto.

dispõe de dinheiro e meios de produção (que, então, tomam a forma de capital), e aquele que pode tornar-se o produtor direto porque está livre para vender, como mercadoria, a sua força de trabalho – o proletariado (ou operário), (NETTO & BRAZ, 2006, p. 84).

O novo significado instituído ao capital comercial promove o surgimento de uma nova burguesia na sociedade, porém, tal característica evidencia a polarização de grupos: uma minoria enriquece e uma maioria empobrece. Smith (1776) defende que, ao longo do tempo, o mercado seria capaz de corrigir essa disparidade. Característica que é discordada por Dobb (1973, p. 177) quando descreve a articulação de um processo de pólos:

[...] O trabalho é o único factor activo criador de riquezas, o direito do trabalho a toda produção. Na sociedade tal como é, esse direito foi obliterado por um sistema de trocas desiguais que resultou na apropriação de parte do produto do trabalho por aqueles que detêm o poder e vantagens econômicas.

Percebe-se na fala do autor acima o trabalho como atividade oportunista para a geração de riquezas, porém em esferas do poder distintas. Ou seja, os trabalhadores produzem mercadorias para que recebam capital de um burguês, já em contrapartida, ele espera no esforço de seus trabalhadores a evolução de suas riquezas e, como consequência, o poder. Destacam-se nesse processo os caminhos similares descritos por Marx (2000) quando descreve no feudalismo o poder do senhor feudal oriundo das atividades de seus vassalos. Sobre essa dinâmica, Chesnais (1996, p. 15) ainda ressalta que: “É na produção que se cria riqueza, a partir da combinação social de formas de trabalho humano, de diferentes qualificações. Mas é a esfera financeira que comanda, cada vez mais, a repartição e a destinação social dessa riqueza.”

Os despojos dos bens da igreja, a alienação fraudulenta dos domínios do Estado, a pilhagem dos terrenos comunais, a transformação usurpadora e terrorista da propriedade feudal e mesmo a patriarcal, em propriedade provada moderna, a guerra às cabanas, foram os processos idílicos da acumulação primitiva. Conquistaram a terra para a agricultura capitalista, incorporaram o solo ao capital e entregaram à indústria das cidades dos braços dóceis de um proletariado sem lar nem pão, (MARX, 2000, p. 46).

A reflexão do autor destaca que, em resposta a um movimento estratégico desenvolvido por grandes forças políticas, os produtores dissipam suas características eminentes para a absorção de uma significação evocada pelo trabalho remunerado – proletariado. Sua condição de trabalhador se valida quando assistem suas terras sendo usurpadas por grandes potências (burguesia). Desenvolver uma atividade específica nas indústrias torna-se uma prática indispensável para a manutenção da vida do ex-produtor –

sujeito as injunções do mercado, ele se torna pacífico as ordens de comando e condições precárias de trabalho, também.

Ao confrontar as possibilidades de traduções para a teoria de valor, Napoleoni (1924) percebe o duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias – eixo que gira a economia política. Segundo o autor, enquanto para Smith a riqueza depende do grau de produtividade do trabalho, para Marx o trabalho é desenvolvido por meio da troca de produtos – o que estabelece relações entre indivíduos e torna a capacidade pessoal similar a capacidade das coisas.

Para Marx, a mercadoria, se por um lado é o pressuposto do capital, por outro é seu produto específico; e isso no sentido de que, enquanto o nascimento do capital pressupõe que se tenham formado no interior da antiga sociedade determinados elementos de produção mercantil, por outro lado a generalização da produção de mercadorias, isto é, a adoção da forma de mercadoria por parte da generalidade dos produtos, implica que o capital se tenha apropriado em geral do processo produtivo. (NAPOLEONI, 1924, p. 128)

A nova configuração do trabalho modifica a percepção de produtos no espaço econômico atual. Ele altera o significado do valor de troca e uso, processo que acontece em passos largos e constantes e que apenas podem ser desenvolvidos por meio do capital. A ausência da moeda inviabiliza a troca por mercadorias. Sendo assim, quanto maior a produção de consumo, maior a elevação de riquezas – mesmo sendo para poucos. Nesse estágio, o fetichismo das mercadorias é evidência radical do deslocamento social pelo seu ilimitado.

Para os fisiocratas, o capitalismo se oportuniza frente duas movimentações básicas: 1) a venda do excedente; e 2) a acumulação de capital. Vias que se originam como descendência as práticas do movimento econômico-político-social que foi o mercantilismo. Marx (2000, p. 11) comenta que essas duas práticas são apenas desenvolvidas em dupla, a relação de dependência de um para o outro é organizado pelo vocativo de mais-valia – característica que promove modificações no resultado de um preço de mercado, destinado a um produto.

A acumulação capitalista supõe a existência da mais-valia, e este, a da produção capitalista que, por sua vez, não se pode realizar enquanto não se encontram acumuladas, nas mãos dos produtores-vendedores, massas consideráveis de capitais e de forças operárias.

Netto & Braz (2006) descrevem sobre o processo de universalização da relação mercantil em uma sociedade que adota o modelo de produção capitalista. Segundo os autores, as operações de compra e venda recebem práticas angulares quando o capitalismo se

desenvolve, tal dinâmica interfere diretamente na vida social, pois, para o modelo econômico, tudo é objeto de compra e venda, desde artefatos materiais a cuidados humanos. Eles ainda comentam a respeito do ambiente que proporcionam um cenário de dependência em seus participantes, a saber:

Na reiteração da nossa experiência diária, tudo isso nos parece muito óbvio porque nos remete a fenômenos que parecem ser absolutamente naturais. Nascemos, crescemos e vivemos (e morremos) em meio a mercadorias; aprendemos a comprar e a vender – para isso, usamos o dinheiro; e desde a infância sabemos que a riqueza se expressa pela abundância de mercadorias (que, com o dinheiro, podemos comprar), assim como a pobreza se manifesta por sua carência (quando não temos dinheiro para comprá-las), (NETTO & BRAZ, 2006, p. 78).

A criança é evocada no dialogo para descrever uma das mais importantes fases de aprendizado de um comportamento adquirido em seu ambiente, micro ou macro – o que, como um ciclo vicioso, fortalece as práticas desenvolvidas pela instauração das práticas mercantis. Para os autores, a sociedade assume legitimidade pela dinâmica capital (venda e compra), sendo assim, sua existência é resultado de sua possibilidade de consumir. Ainda sobre a discussão, Adorno (2002, p. 15-16) chama a atenção para a incapacidade de produzir práticas opostas ao modelo econômico legitimado da sociedade. Tal consequência se deságua em uma exclusão, uma morte social.

Sob o monopólio privado da cultura sucede de fato que "a tirania deixa livre o corpo e investe diretamente sobre a alma". Aí, o patrão não diz mais: ou pensas como ou morres. Mas diz: és livre para não pensares como eu, a tua vida, os teus bens, tudo te será deixado, mas, a partir deste instante, és um intruso entre nós. Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência. Enquanto agora, na produção material, o mecanismo da demanda e da oferta está em vias de dissolução, na superestrutura ele opera como controle em proveito dos patrões.

Ao produzir reflexão similar ao autor acima, Castel (1998), por meio de apontamentos históricos, descreve o princípio do capital como agente ativo para promoção de poder na sociedade. Ao mesmo tempo em que percebe as consequências negativas que a falta de acumulação de riquezas provoca no indivíduo que decide não participar do modelo econômico adotado pela maioria. Segundo o autor, o capital é consequência de uma dedicação ao trabalho, sendo assim, aquele que decide não trabalhar, não colabora para o progresso coletivo, sendo então, considerado excluído ao ser nomeado como "vagabundo" – caracterização de um refugo humano.

Adorno (2002) explica o fenômeno anterior como resposta aos trabalhos desenvolvidos pelas práticas da comunicação. Em um ambiente capitalista, talvez seja normal que seus agentes possam alimentar, a todo instante, o desejo de pertença dos indivíduos em espaço – anseio unicamente conquistado por meio da compra de produtos e/ou ideologias. Ou seja, o processo de conhecimento da potência capitalista caminha pela clarividência de uma indústria cultural.

3.2 Indústria Cultural e Sociedade de Consumo

Os grandes sistemas de comunicação modernos são hoje instituições-chave nas sociedades capitalistas. Sua descrição como canal que gera oportunidade para troca cultural, possibilita uma presença ativa no cotidiano dos participantes do modelo econômico atual - maioria no ocidente. Martino (2005), entre suas considerações, descreve que a característica da mídia em evocar um controle sobre grande parte dos fluxos de cultura em circulação na sociedade, também. Porém, esse produto tem uma finalidade divergente a sua proposta inaugural - promover manifestações artísticas -, sendo reconhecida como oportunidade para a promoção do diálogo de venda, ou seja, a arte é apenas mais um objeto de consumo.

É necessária uma nova postura para compreender as comunicações de massa a partir de certa fase do século xx, quando a intersecção entre cultura e mídia passou a ser maior e mais complexa. A televisão não é mais novidade. [...] Qualquer pessoa nascida a partir de 1980 está imersa em um oceano de informações. Está, também, em contato, desde a primeira infância, com computadores, videogames, CDs, aparelhos diversos e imagens, muitas imagens. Milhares de imagens por minuto, um número praticamente infinito de imagens por ano, mediadas por computadores e televisões. Há um enorme contingente social que jamais conhecerá uma imagem que não seja da televisão, (MARTINO, 2005, p. 15-16).

O autor supracitado destaca como a evolução da tecnologia oportunizou nos meios de comunicação, em seus diversos segmentos, a presença forte no cotidiano do indivíduo que consome o entretenimento. A logística no uso das linguagens, textual e, principalmente, imagética, promoveu um vínculo forte com a massa para conteúdos veiculados desde o bom dia à boa noite do receptor da mensagem não-sincrônica⁷. Adorno (2002, p. 23) em sua obra

⁷ A rápida inovação das forças tecnológicas possibilitou, na comunicação social, um contato diferenciado com o receptor da mensagem. As transformações oportunizaram um rápido feedback sobre aquilo que é veiculado. A linguagem da comunicação é percebida, em sua historicidade, em dois grandes momentos: sincrônica e não-sincrônica, significando o contato imediato ou não com o receptor, respectivamente.

faz uma reflexão sobre a relação de dependência elaborada pelo indivíduo quando em contato com a mídia, denominado Indústria cultural – essa que, por meio da arte, cria necessidades e mostra como solucioná-las pelo consumo.

O princípio básico consiste em lhe apresentar tanto as necessidades como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto por outro lado organizar antecipadamente essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural.

O processo comentado por Adorno (2002) é, também, anunciado por Chesnais (1996, p. 40-41) quando descreve sobre as conexões ocultas desenvolvidas por em uma indústria cultural. Segundo o autor, ela se organiza em uma proposta de nivelamento cultural – ambiente ideal para tornar o indivíduo pertencente ao capitalismo, pois quando em contato com marcas sendo endossadas por figuras públicas, assumem o desejo do uso para si. Essa articulação acontece por meio das mídias.

Ao se organizarem para produzirem mercadorias cada vez mais padronizadas, sob forma de telenovelas, filmes da nova geração hollywoodiana, vídeos, discos e fitas musicais, e para distribuí-los em escala planetária, explorando as novas tecnologias de telecomunicações por satélite e por cabo, essas indústrias tiveram, ao mesmo tempo, um papel importante em reforçar o nivelamento da cultura e, com isso, a homogeneização da demanda a ser atendida a nível mundial.

A descrição acima, em suas considerações finais, aponta as produções em comunicação como item em resposta as necessidades evocadas pela população mundial. Quando comenta sobre as peças publicitárias, Anzanello Carrascoza (2003) também concorda com o autor supracitado. Os materiais são baseados na demanda da sociedade, sendo impossível, em um modelo atual de comunicação, sua criação o levantamento de dados relevantes sobre o público que será abordado. Porém, a presença da publicidade é mais significativa que uma manobra de vitimização pelos desejos sociais, sendo ela fonte de referência do indivíduo, também consegue seduzir seu receptor. Adorno (2002, p 39), sobre o ambiente de discussão, ainda comenta que:

A cultura é uma mercadoria paradoxal. É de tal modo sujeita à lei da troca que não é nem mesmo trocável; resolve-se tão cegamente no uso que não é mais possível utilizá-la. Funde-se por isso com a propaganda, que se faz tanto mais onipotente quanto mais parece absurda, onde a concorrência é apenas aparente. Os motivos, no fundo, são econômicos. É evidente que se poderia viver sem a indústria cultural, pois já é enorme a saciedade e a apatia que ela gera entre os consumidores. Por si mesma ela pode bem pouco contra esse perigo. A publicidade é o seu elixir da vida.

Tornam-se evidente, frente à fala do autor, a presença de um organograma simples que resulte na valorização do capital – a comunicação social, por meio da publicidade, promove diálogos de uma indústria cultura, que por sua vez legitima um espaço capitalista. Entre as habilitações da comunicação especializada sobressai, no atual modelo econômico atual, a publicidade, em razão da sua dinâmica transformadora para venda. O processo colabora para que os receptores sejam enxergados como consumidores em potencial.

As artimanhas do atual modelo econômico propiciam uma estrutura diferenciada aos padrões de relações sociais. Em um ambiente onde tudo é reinventado em passos largos, seja natural que a mesma dinâmica sobressaia nas práticas humanas. Bauman (2005) enxerga essa dinâmica como uma nova estrutura social, surge então a sociedade líquida para tradução de uma ausência de posicionamento concreto entre suas práticas. Sendo assim, vocativos como a transitoriedade e aceleração são comuns entre seus habitantes. Cabendo a eles, frente à imutabilidade do sistema, a adaptação como estratégia de sobrevivência – Item também comentado por Chesnais (1996, p. 25):

Os relatórios oficiais admitem que a globalização decerto tem alguns inconvenientes, acompanhados de vantagens que têm dificuldade em definir. Mesmo assim, é preciso que a sociedade se adapte (esta é a palavra-chave, que hoje vale como palavra de ordem) às novas exigências e obrigações, e, sobretudo que descarte qualquer ideia de procurar orientar, dominar, controlar, canalizar esse novo processo.

O indivíduo pós-moderno não nasce mais em sua identidade, ele se modela de acordo com as possibilidades oferecidas no ambiente. Torna-se natural, então, que em um espaço onde impera a distribuição da arte pela indústria cultural, em razão ao capital, suas características sociais também sejam modificadas ao mesmo padrão, tornando-as mais breves, mais líquidas (BAUMAN, 2001). A problemática destacada pelo autor também é pontuada por Adorno (2002, p. 10) ao comentar que:

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente.

Sendo assim, a organização da mídia desenvolve na sociedade a necessidade de adaptação ao ambiente – característica que sempre é promovida para a existência de uma

dependência nivelada. A dinâmica, que é descrita por Bauman (2001) como sociedade líquida, recebe outra nomenclatura por Adorno (2002) – sociedade de massa –, porém possui a tradução de algo com fácil manuseio em um espaço capitalista.

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas, (BAUMAN, 2005, p. 71).

Para o autor, a sociedade líquida, quando percebida a influência do capital em sua estrutura, também pode ser compreendida sobre a perspectiva de consumo – promovido pela indústria cultural. A tipificação de seus indivíduos por uma prática orientada aos argumentos da retórica do discurso de compra demonstra um ponto significativo nas relações humanas. Todos são considerados como produtos e, nessas condições, produzem políticas similares aos desenvolvidos nos supermercados com produtos nos pontos de venda. “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e, é a qualidade de mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”, (BAUMAN, 2005, p. 76).

O capítulo em questão tem apresentado uma narrativa sobre o desenvolvimento e práticas do atual modelo econômico, social e político, adotado, em sua maioria, pela parte ocidental do planeta. A crítica do modelo apresenta adjetivos sobre sua influência com o humano, sustentada por caminhos que justificam o poder sobre eles. Porém, percebe-se que o capitalismo possuiu profunda dependência dos vocativos que emergem de uma indústria cultural – responsável pela ressignificação do indivíduo pela compra de produtos e/ou ideologia.

Baseado nos apontamentos de Adorno (2002), o próximo item continua os subsídios teóricos sobre o diálogo entre capitalismo e indústria cultural, ao descrever sobre a publicidade e propaganda, pois, ainda segundo o autor, ela é a grande responsável pela difusão dos conteúdos midiáticos que colaboram para o alocamento dos indivíduos em consumidores (BAUMAN, 2001). Sendo assim, após a compreensão dos movimentos Terena que destacam a profunda relação entre a etnia e a sociedade não-indígena, aliado aos aspectos introdutórios do capitalismo e indústria cultural, convém apresentar as estratégias de sedução da publicidade com seus receptores, pois se entende que ela é uma das grandes colaboradores de uma sociedade direciona ao consumo.

Além disso, os elementos midiáticos presentes no cotidiano das crianças Terena de Bananal, como: celulares com internet, computadores e notebook, rádio e televisão – percebidos por meio de pesquisa a campo, dão indícios da entrada dessas mensagens comerciais, consumidas por um público durante os intervalos de seus programas de televisão, ou presentes no mesmo espaço virtual que acessam uma informação específica.

3.3 A publicidade e propaganda: um olhar sobre o indígena e não-indígena

A comunicação é uma dos principais recursos de sobrevivência desenvolvidos pelo humano. Segundo Hoff & Gabrielli (2004), pensar sua evolução histórica é se apropriar dos caminhos sociais desenvolvidos pelo indivíduo – principalmente, os que dizem respeito aos modelos econômicos adotados. As transformações sociais, oriundas da Revolução Industrial, proporcionaram a comunicação social uma inteligência estratégica, ao desenvolver conteúdos em resposta a pesquisas mercadológicas. Além de se desmembrar em habilidades específicas – a saber, jornalismo, relações públicas, cinema, rádio e televisão, publicidade e propaganda e edição.

As sociedades de consumo, como a brasileira, potencializam os processos de comunicação para divulgar e vender produtos. Vivemos mergulhados em mensagens publicitárias que invadem nossa casa, entram em nossos quartos, infestam a paisagem urbana. A mesma situação se repete quando ligamos o rádio, a televisão ou acessamos a internet. (HOFF & GABRIELLI, 2004, p.2),

A publicidade e propaganda emerge das necessidades de um modelo que legitima seus participantes por meio do consumo. Gonçalves (2013, p.124) descreve que o participante do ambiente capitalista recebe, diariamente, inúmeras mensagens publicitárias que possuem os mesmos objetivos – despertar a atenção. Sendo assim, qualquer um, em contato com as mensagens desenvolvidas, fica vulnerável aos argumentos de consumo apresentados – mesmo os indígenas. Para esse processo, seu trabalho semiótico é fundamental. Ganharia a corrida pelo interesse do receptor, a mensagem que melhor consegue eliminar barreiras comunicacionais.

A publicidade produz imagens e publica-as como os textos, com o intuito de representar um ideal de beleza, um determinado padrão de comportamento socialmente aceitável, divulgar objetos de riquezas e também atuar como um espelho que reflete a sociedade. Era comum ver anúncios com imagens de cenas cotidianas, algumas até mesmo simplórias, que expressavam a vida real. Uma ação que funcionava muito bem, uma vez que o consumidor se identificava com a cena representada.

Sobre a produção de um diálogo pertinente ao receptor da mensagem, a publicidade e propaganda organiza a conversação entre três estruturas de linguagens: textual, imagética e midiática. Quando combinadas, produzem uma mensagem mais assertiva com o público-alvo. No que diz respeito à linguagem textual, alguns autores divergem em suas definições, sendo que para Martins (2003) ela é organizada em duas estruturas, denominadas: hardsell e softsell, enquanto que para Anzanello Carrascoza (2003), elas são descritas como apolíneas e dionisíaca. Porém, percebe-se que nos dois casos suas traduções são similares, sendo, respectivamente, mensagem promocional e institucional. O que ainda mantém intacta sua característica de venda (produto/idéia). O trabalho minucioso com as linguagens em comunicação pode ser uma das estratégias adotadas para captação de atenção, assim como em crianças (indígenas ou não) quando veem seus personagens favoritos anunciando um produto.

As pesquisas desenvolvidas na área possibilitam lentes angulares para perceber o indivíduo quando produz comportamento de compra. O agrupamento de informações específica colabora para a visualização das mídias presentes em seu ambiente, também. Santana (1977, p.259) destaca que esse tipo de dado abre um leque de possibilidades de trabalhos com o consumidor, uma vez percebida a força que cada veículo possui em produzir linguagem textual e imagética:

Cada mídia pode exercer diferentes influências sobre os compradores em potencial e algumas podem ser mais adequadas do que outras à propaganda de certos produtos. [...] É importante conhecer previamente a capacidade que têm as diferentes mídias de levar o consumidor a tomar conhecimento do produto e das suas vantagens.

A manutenção por uma sociedade baseada pelo consumo evoca na publicidade a apropriação de conhecimentos de outras áreas. Lindstrom (2009) descreve que, em um ambiente com múltiplas opções de informações, novas estratégias têm sido elaboradas para fidelizar o consumidor a uma marca específica. E, desde 2002, pesquisas no cerne do *neuromarketing* são desenvolvidas. Trata-se de uma abordagem que utiliza de apontamentos psicológicos e biomédicos para a elaboração de um ambiente físico que provoque no indivíduo, por meio dos cinco sentidos humanos, o comportamento de compra e envolvimento com a empresa emissora da mensagem. Nesse novo paradigma da publicidade, os anúncios visuais, textuais e audíveis são possibilidade de atuações coadjuvantes.

Porém, as características dos modelos de produção contemporâneos, a exemplo do *neuromarketing*, não são apenas arquitetadas para uma proposta de retroalimentação do público que está fadigado de informações provenientes de seu ambiente consumistas, mas,

principalmente, na evocação de novos adeptos ao modelo que ressignifica a vida a partir da compra – atingindo aqueles que se constituem com valores diferenciados e a princípios não seriam audiência para os diálogos da comunicação, a exemplo os indígenas.

A unidade sem preconceitos da indústria cultural atesta a unidade em formação da política. Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas de diferentes preços, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa, cada um deve se comportar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo, (ADORNO, 2002, p. 7).

Segundo o autor supracitado, as ações da comunicação social – nesse momento descrevendo sobre a publicidade e propaganda -, evidenciam a valorização do capital – comum em um ambiente capitalista -, pois, seu processo de decisão torna-se estratégico desde a tipificação do indivíduo. A iniciativa de qual grupo socioeconômico deve ser atingida pelo produto condiciona o discurso narrativo e midiático. Mensagens são elaboradas de acordo com o público-alvo, em categorias de grandes grupos sem segregação de etnias, como, por exemplo: idosos, jovens, mulheres, homens e crianças.

As características de adaptabilidade destinadas aos Terena, assumidos por Cabreira (2006) quando descreve sobre a forte aproximação entre a etnia e os não-indígenas, aliadas aos dados colhidos durante as visitação à comunidade Bananal que evidenciam a grande presença de meio de comunicação, colaboram para a compreensão dos apontamentos aflorados por Azevedo (2008) que, quando pesquisa o significado da felicidade para as crianças Terena, localiza como hospedeiros produtos, como, carro, por exemplo. Ou seja, mesmo a criança indígena Terena que vive em uma comunidade pouco distante à cidade, tem recebido argumentos midiáticos/publicitários bem elaborados que são de origem de uma sociedade para consumo.

Ainda em resposta a reflexão sobre influência dos apelos publicitários, Kotler (1998, p. 162) problematiza um ambiente onde a criança se torna público das ações midiáticas. Ao comentar sobre as influências culturais que seguem em torno delas. Ele descreve que a cultura é “[...] o determinante mais fundamental dos desejos e do comportamento de uma pessoa. A criança em crescimento adquire um conjunto de valores, percepções, preferências e

comportamentos através da vida familiar e de outras instituições básicas". Ou seja, uma sociedade, indígena ou não, que consome conteúdo que nasce de uma cultura de consumo, transmite os mesmos princípios aos seus descendentes.

3.4 Normativas para uma publicidade infantil

O comportamento de compra desenvolvido pelo integrante da sociedade onde se pratica capitalismo, é percebido como algo intrínseco ao seu ambiente. O não indígena aprende essa prática desde pequenos, acompanhando os pais em uma visita ao supermercado, por exemplo. O filme documentário CRIANÇA a Alma do Negócio (2014) chama a atenção para o relacionamento entre criança e mídia. Sua atenção é em descrever os impactos de uma alimentação saudável, quando são substituídos por produtos industrializados – anunciados pela mídia, por meio de propagandas com personagens animados. Característica também percebida na comunidade indígena Terena.

O conceito jurídico sobre criança se alicerça em um período de tempo limite, tornando o indivíduo pertencente a esse grupo quando completo, no máximo, doze anos de idade. Porém, durante as visitações a comunidade Bananal – campo desta pesquisa -, percebe-se a categorização da criança (Kalivôno) como sendo aquela que tem até quinze anos de idade completos (ANEXO H). Ou seja, a base para a sistemática de políticas públicas, fundamentada em um princípio biomédico, agrupa indivíduos e, consequentemente, ignora suas diferenças culturais, como, por exemplo, indígenas e não indígenas. A definição de criança, pela faixa etária, proporciona no ambiente jurídico, um parâmetro que coordenada os limites de ações direcionadas a ela – em sua grande maioria, voltas apenas a não-indígena.

A produção publicitária, modelada segundo o perfil de seu público-alvo, tem se organizado em proteção a alguns itens sobre a criança, entendendo-a como consumidora em potencial. O conceito elaborado tem se modificado profundamente, tal ação é uma conquista por alguns agentes normativos da própria área.

Os esforços de pais, educadores, autoridades e da comunidade devem encontrar na publicidade fator coadjuvante na formação de cidadãos responsáveis e consumidores conscientes. Diante de tal perspectiva, nenhum anúncio dirigirá apelo imperativo de consumo diretamente à criança. (CONAR, Art. 37, Sessão 11)

Além, é claro, das orientações objetivas promovidas pelo Código de Defesa do Consumidor, quando apresenta a proibição de propagandas abusivas e enganosas, sobre a

primeira, o texto a define, também, como aquela que “[...] se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança” (Art. 37, § 2) - Tal “benefício” não é elaborado de forma diferenciada em razão a etnia, por exemplo, sendo assim, as crianças indígenas também gozam das mesmas prerrogativas quando em contato com os conteúdos midiáticos.

A publicidade infantil tem suas práticas orientadas pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente (CONANDA), também, órgão que nasce em resposta aos apontamentos da Declaração dos Direitos Humanos, que, segundo Comparato (2008), emerge em 1945 com a proposta de produzir ações para a manutenção da vida humana. Porém, como dito anteriormente, os parâmetros orientativos são baseados apenas em um rotina das cidades, ignorando as comunidades indígenas que já possuem acesso aos meios de comunicação, além de possuírem um contato mais recente com o modelo capitalista. A publicidade para crianças é orientada a seguir os seguintes caminhos, pela resolução nº 163

São consideradas abusivas propagandas com os seguintes tópicos: linguagem infantil, efeitos especiais e excesso de cores; trilhas sonoras de músicas infantis ou cantadas por vozes de criança; representação de criança; pessoas ou celebridades com apelo ao público infantil; personagens ou apresentadores infantis; desenho animado ou de animação; bonecos ou similares; promoção com distribuição de prêmios ou brindes colecionáveis ou com apelos ao público infantil; e promoção com competições ou jogos com apelo ao público infantil.[...] a publicidade e comunicação mercadológica no interior de creches e instituições escolares da educação infantil e fundamental, inclusive em seus uniformes escolares ou materiais didáticos

Importante destacar que tal citação modificou o discurso publicitário produzido em território brasileiro. Aliado ao Conar, as agências de publicidade começaram a elaborar anúncios diferenciados do padrão comum da década de 90, onde as práticas da resolução eram comuns. Os personagens comercializados perderam a magia de movimentação e ganham o texto legal em vídeo que apresenta seus movimentos como algo produzido por computação gráfica (KOTLER, 1998).

O assunto ainda está longe de ser findado. Neto (2013) descreve que as práticas abusivas da publicidade destinada às crianças e adolescentes não-indígenas têm encontrados caminhos ilícitos dentro das normativas para sua produção. Mesmo com a atuação de conselhos auto-reguladores da área. Tal situação é presente nos países que ela propõe análise (Brasil e Argentina), por exemplo. Fica uma atenção sobre os possíveis impactos de influência da sociedade de consumo sobre as crianças indígenas, em especial as da etnia Terena que possuem acesso aos conteúdos midiáticos, pois, percebe-se que, mesmo em um ambiente com

normativas pontuais e abundantes possibilidades de recursos informativos, a criança não-indígena se torna a cada dia legítimo membro de uma sociedade consumista.

O segundo e terceiro capítulos se propuseram à produção de reflexão sobre dois universos, até então distintos – sociedade indígena Terena e sociedade nacional, respectivamente. Porém, ao desenvolver dos textos, percebe-se a profunda aproximação entre os dois pólos ao caracterizar pontos presentes na historicidade da etnia, como, por exemplo, a diálogo pacífico presente entre indígenas e não-indígenas. O que os tornam mais aculturados.

Ao visualizar no início do terceiro capítulo as dinâmicas negativas que surgem em um espaço capitalista, presente na sociedade não-indígena aos Terena, faz-se necessário, depois de percebido as relações entre os dois grupos, como que esses elementos são absorvidos pela etnia. Ou seja, como se produz influência sobre o comportamento deles.

O caminho de investigação pela semiótica estrutural produzido até então, nos direciona a uma investigação mais direta, nesse momento. A questão agora é compreender, por meio da análise de linguagem, como a criança Terena, objeto desse estudo, demonstra sua relação com os discursos midiáticos (publicitários) que promovem em seus receptores o desejo de pertença a uma sociedade que se legitima por meio do consumo. Sendo assim, convém no próximo capítulo uma decisão metodológica para que, por meio dela, possamos compreender o fenômeno desenvolvido.

4 DECISÕES METODOLÓGICAS E ANÁLISE

A forma de investigação a luz da semiótica estrutural, ao ter como referência sua concentração com elementos significativos, se organiza em um trabalho qualitativo de atuação, para os modelos dessa dissertação. Quando descreve sobre as competências de uma pesquisa qualitativa, Minayo (2010) afirma que é um modelo de investigação ideal para refletir questões que não podem ser quantificadas, pois se tratam, em sua maioria, sobre sentimentos e percepções, por exemplo. A autora ainda comenta que a forma potencializadora da estratégia é um trabalho em campo (*in loco*), pois as traduções dos dados são organizadas de acordo com o ambiente do próprio objeto de pesquisa.

4.1 A criança e sua representatividade linguística

Durante os processos de investigação bibliográfica para subsídios teóricos desta dissertação, a literatura tem apresentado diversas considerações sobre o trabalho com crianças – objeto de estudo-, por meio de desenhos – linguagem imagética que também é analisada por Greimas (1973). O grafismo infantil é uma das manifestações adotadas pelo artista, por meio de traços, cores e elementos que, quando em conjunto, traduzem questões de ambiente interno e externo a ele. Ou seja, o desenho é uma das estratégias semióticas de significação para a criança. Quando elas ainda estão no processo de absorção de formas de comunicação verbal (PIAGET, 1971).

O desenho conta também, a quem pode entender, o que nós somos no momento presente, integrando o passado e nossa história pessoal. O desenho conta sobre o objeto; ele é a imagem do objeto e se inscreve entre numerosas modalidades da função semiótica: ilustrar, desenhar, fazer o sentido com os traços, quer dizer com outros sinais ou com as imagens de tais objetos, que são muitas vezes difíceis de dizer ou descrever com as palavras, (GRUBITS, 2003, p.98).

A autora acima explica como o desenho faz parte do processo de desenvolvimento da criança que, na ocasião, encontra nas ilustrações uma possibilidade de representação que caminha não somente sobre as questões ao se em torno, mas, principalmente, sobre itens e adjetivos internos. Posicionamento que concorda com a reflexão de Luquet (1994). Para o autor, o desenho infantil precisa ser encarado com toda seriedade possível, pois ele é construído com a preocupação em reprodução do real. Ou seja, a criança transcreve em traços e cores aquilo que faz parte do seu universo.

Gobbi (1999) ainda comenta que o desenho pode ser encarado como um processo biológico e cultural daquele que o produz, pois os valores representados produzem um diálogo com as características internas e externas ao sujeito. Sendo assim, ele evolui junto com o desenhista. Tal característica é ideal para a investigação com crianças indígenas Terena, pois, por meio do desenho, podemos perceber sua relação com o espaço ao seu entorno – aqui direcionado às características da sociedade de consumo antes apresentado no terceiro capítulo.

Quando se questiona sobre a interpretação dos elementos presentes no desenho da criança, Ferreira (2001) destaca a importância de um trabalho *in loco* às realidades do investigado – característica concomitante aos apontamentos de Minayo (2010). Para a primeira autora, a observação do espaço de articulação do artista colabora para a compreensão legítima dos signos, pois se trata de um “lugar” para o provável e o indeterminado. A significação é construída por um processo de vias duplas.

4.2 Estrutura greimasiana de análise textual

A análise dos desenhos das crianças Terena será desenvolvida por meio da semiótica estrutural – conforme já anunciado nos textos dessa dissertação. Para isso, utilizaremos da estrutura reflexiva de Greimas (1976) que se legitima como continuação dos apontamentos de Saussure e Hjelmslev, respectivamente. Ao entender que todo *corpus* é um universo semântico, dotado com dispositivos sintático e semântico-, o autor supracitado entende que o texto pode ser percebido em duas vias, verbal e não-verbal, sendo essa segunda modalidade a que está localizada as linguagens imagéticas de representação humana.

Quando adota as concepções saussurianas para seus apontamentos metodológicos, Greimas (1973) entende que o programa narrativo dos textos é compreensível por meio de um paradigma dicotômico - significante (nome) e significado (tradução cultural), aliado a um princípio de ordem. Isto é, toda e qualquer linguagem possui uma natureza relacional. Uma estrutura elementar da significação, ou seja, quando em um programa narrativo, cada elemento combina e colabora para a compreensão de um próximo, o que mantém um sistema ativo de linguagem.

Morato (2008) lembra que a teoria greimasiana é fundamentada pelos questionamentos de Hjelmslev, também, pois, todo texto, quando em análise, possui sua evidência em plano de

conteúdo e expressão – o que representam, respectivamente, o significado e significante. Tal articulação é indivisível ao *corpus*. Sendo dinâmico, se apresentam simultaneamente de acordo com suas referências sócio-culturais. Ou seja, compreender os movimentos linguísticos é também ter acesso às influências que modelam o humano durante o momento de análise – ponto forte para o objetivo deste trabalho.

Por fim, as referências de ambos os autores para Greimas perfaz o entendimento do percurso gerativo, antes descrito como princípio de ordem. O percurso gerativo assume uma sequência hierárquica de estrutura semântica que organiza as traduções de todo e qualquer texto. Em metodologia, o autor a descreve como sendo percebido em três níveis do sentido: I. fundamental, sendo as interpretações simples e do objeto de análise; II. narrativo, entendido como item intermediário oriunda da relação entre sujeito⁸ (personagem) e objeto; e III. discursivo, sendo a mais profunda, representa uma análise mais complexa, porém concreta. (SILVA, 2010).

A origem da significação é definida como uma relação elementar constituída pela diferença entre dois termos semânticos. Por exemplo, a diferença entre os itens lexicais “filho” e “filha” é devida a uma oposição semântica que pode ser definida pelos traços “masculino” e “feminino”. Mas, para Greimas, esta estrutura semântica binária já possui um aspecto duplo: a diferença entre masculino e feminino, que é uma disjunção, pressupõe o reconhecimento de alguma semelhança semântica, neste caso, a categoria semântica de “sexo”, que é comum tanto a masculino quanto feminino, (NÖTH, 1996, 151)

A compilação do autor acima representa uma estrutura utilizada para análise dos materiais em evidência para o pesquisador. Ou seja, Greimas (1973) então define que todo texto (verbal ou não-verbal) possui dois elementos centrais em sua narração, caracterizado pelos seus opostos, como, por exemplo: A e B. Os dois pontos não recebem ligação direta, mas precisam de seus respectivos contrários para se acessarem. Sendo assim, para que o actante (personagem principal) da história alocado no ponto A chegue até o ponto B, antes ele precisa direcionar seu caminho até o item –A, sendo a recíproca verdadeira. Conforme a ilustração.

⁸ O termo é descrito por Greimas como actante – sendo o personagem que interagem com o objeto representado na narrativa. Ele vive uma ação e/ou consequência da trama narrativa (verbal e/ou não-verbal)

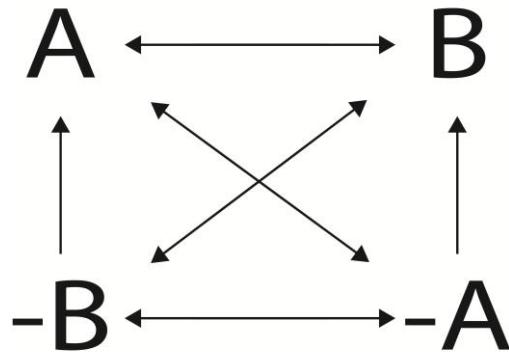


Figura 1 - Modelo de quadro semiótico de Greimas.

Ducrot (1972) descreve que o quadrado semiótico de Greimas reforça a ideia de que um signo mantém profunda relação com o processo de significação de seu oposto – então caracterizado como princípio de participação, pois, todo e qualquer elemento, guarda em si uma memória de seu signo contrário. SILVA (2010, *apud*, ÁLVARES, 2000) ainda comenta que, por meio de recursos sintáticos, o quadrado semiótico proporciona condições para a representação dos recursos lingüísticos (semas). Sendo assim, sua construção não modela a produção, mas sim uma estratégia para a análise das intervenções narrativas.

O caminho, até aqui apresentado nesse capítulo, retrata uma condição de decisão metodológica para essa dissertação. Em base de cumprimento do objetivo – perceber se há ou não influência da sociedade de consumo em crianças indígenas Terena da aldeia Bananal e como isso modela o comportamento das crianças na comunidade -, foi selecionado a análise de desenhos infantis, por meio do recurso técnico de Greimas (quadrado semiótico). Sendo assim, o próximo item apresentará a discussão desse levantamento de dados.

4.3 Pesquisa de campo: desenho e entrevista em profundidade

4.3.1 Análise de texto não-verbal livre

O princípio da investigação com as crianças Terena foi promovida na Escola Municipal Indígena “General Rondon” - presente na comunidade da Aldeia Bananal. Ferreira (2008) descreve que a estrutura é resultado de uma caminhada política. Inaugurada em 1934, o prédio era um ponto de referência para que a FUNAI pudesse atender a comunidade. Já em 1944 foi modificada para proporcionar ensino aos indígenas – importante destacar que o nome dela é em homenagem a uma das referências não-indígenas responsáveis pelas demarcações de terras no então estado de Mato Grosso, após o término da guerra entre Brasil e Paraguai.

Durante a visitação, percebe-se que não houve muitas modificações em sua estrutura original, porém a escola possui - além dos itens básicos, como: salas de aula, pátio de recreação, refeitório e sala para professores -, uma estrutura para ensino virtual (sala de informática).



Foto 1- Escola Municipal Indígena Marechal Rondon

Durante a visitação realizada no dia vinte e seis de outubro de dois mil e quinze, enquanto era desenvolvida uma capacitação com os professores da escola, o pesquisador desta dissertação propôs uma atividade recreativa, por meio do desenho com os alunos do segundo ano – com alunos matriculados entre a média etária de sete a oito anos.

Grubits & Darrault-Harris (2008), ao comentarem sobre a habilidade de reprodução artística da criança, destacam a preocupação delas em considerar seus meios para reproduzir o real. Sendo assim, um texto não verbal livre é a garantia para uma expressão transparente do ambiente pela criança. De acordo com o ANEXO B desta dissertação, foi solicitado aos alunos que produzissem um desenho com tema livre, foram disponibilizados alguns materiais para a produção, como, papel sulfite tamanho A4, lápis de cor, giz de cera e outro. A atividade durou sessenta minutos, aproximadamente. Todos conseguiram finalizar suas ilustrações quase que em período de tempo simultâneo. A característica marcante para o momento foi desenvolvida pelos meninos que – ora para desenhar, ora para pintar, se compartilharam os materiais e auxílio com as produções dos traços.

Foram coletadas dezoito ilustrações, sendo dezenas com os mesmos elementos descritos em sua narrativa – duas porções de terras divididas por um rio, os outros dois

desenhos distintos representavam a própria comunidade, porém com signos diferenciados, 1) um signo que representa um coração humano, sendo dividido por um traço cor azul (simulando rio), cada parte do signo-objeto recebeu um significante (Jesus e Deus); 2) o signo-objeto de um brasão de um time de futebol (São Paulo). A regularidade de expressão é o foco de análise da semiótica estrutural, pois descreve como o personagem está inserido em um ambiente influenciador comum. Sendo assim, um dos desenhos desse montante de maioridade representativa foi selecionado para investigação, sua decisão foi baseada nos traços mais legíveis e a presença de signos que não-indígenas, a saber.

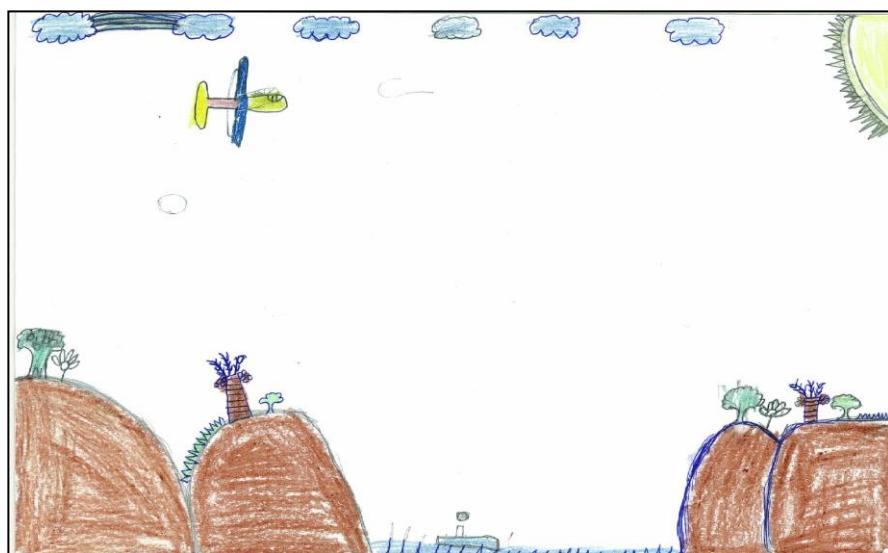


Figura 2 - Desenho livre desenvolvido por menino indígena Terena de sete anos

Ao iniciar a análise semântica estrutural, orientado pelos conceitos de atuação em Greimas, faz-se necessário a investigação dos elementos presentes nos planos de conteúdo (PC) e plano de expressão (PE), evocados na obra. Em uma análise básica, percebe-se a narrativa de diferença entre dois territórios ilustrados. Além disso, mesmo separadas pelo signo que expressa um rio, o personagem se utiliza do signo-objeto barco para poder transitar entre as duas porções de terras. Essas duas áreas representadas recebem elementos próximos – exatos dois morros para cada lado, além das três espécies de árvores frutíferas e um coqueiro para cada -, porém, há signos que os legitimam como diferenciados, a saber: 1) há um personagem que navega próximo a porção de terra esquerda; 2) Os morros presentes no lado direito do desenho, além de mais unidos, são levemente inferiores se comparados com os do lado oposto; 3) Enquanto a parte superior do lado direito da ilustração há uma representação

de um sol, no lado oposto há um avião que circula pela paisagem; 5) apenas acima do avião há a presença do que seria um arco-íres.

Sobre o personagem que está no barco, percebe-se uma aproximação maior dele com a porção de terra maior, quando comparada as duas presentes na ilustração. Cabe afirmar que essa área possui características de superioridade no que diz respeito a área de terra, espaço e signo tecnológico. O actante apenas consegue se aproximar quando utiliza um objeto específico que, em um espaço aquático, consegue auxiliá-lo. Porém, mesmo perto dessa porção de terra, ela ainda parece distante – devido a sua alta inclinação. O que sugere um acesso por escalação.

A próxima etapa da análise da obra é orientada pela compreensão dos elementos culturais e sociais que deram subsídios para a produção do texto não-verbal. Mesmo subsidiado pela literatura, essa proposta só foi possível por meio da pesquisa *in loco* desenvolvida no dia treze de setembro de dois mil e dezesseis, de acordo com o anexo E desta dissertação. Na ocasião, o grupo de pesquisa precisou se dirigir até a comunidade vizinha para que, com o auxílio da rádio comunitária Alternativa (108,9), pudesse noticiar sobre a capacitação de redação para o Enem. Foi quando se percebe uma grande diferença estrutural entre as aldeias Bananal e Ipegue, conforme fotos.



Foto 3 - Modelo de casa da Aldeia Bananal



Foto 3 - Modelo de casa da Aldeia Ipegue

Importante destacar que mesmo pertencentes à mesma etnia (Terena), há uma diferença presente entre alguns elementos da comunidade Ipegue quando comparada com a Bananal. A presença de tecnologia, carros e estrutura similar a de casa de fazendeiros, projeta a Ipegue como sendo um lugar com bons recursos financeiros. O texto não-verbal apresentado, anteriormente, fica mais próximo a essa realidade de comparação quando percebido que há um pequeno rio que divide as duas aldeias – signo evidenciado na obra.



Foto 4 - Riacho que divide Bananal e Ipegue.

Tais apontamentos, entre realidade e representação artística, concordam com a reflexão de Grubits (2003), quando descreve que o desenho é o resultado linguístico de movimentos internos e externos a criança. Sendo assim, neste momento de análise, convém a inscrição das informações em um modelo gerativo do sentido, distribuído no quadrado semântico proposto por Greimas (1976).

A primeira fase do modelo gerativo – caracterizado como “fundamental”, objetiva a sintaxe do texto não-verbal em uma descrição de verbetes oposto – razão da representação. Entendendo a criança indígena como actante da obra, inscreve-a em dois pontos opostos, sendo: /sociedade indígena/ e /sociedade não-indígena/.

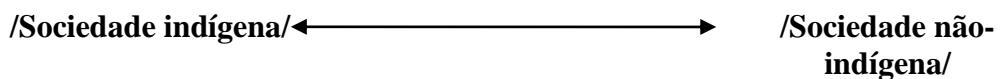


Figura 3 - Modelo de pontos opostos (primeira análise)

A descrição dos dois pontos traduz uma proposta de ação vivenciada durante anos pelos povos indígenas da etnia Terena e retratada por Oliveira (1960) e Cabreira (2006), a saber: a forte aproximação dos Terena com os não-indígenas – elevada em um espaço de guerra e alocada por uma estratégia política de pacificação, coube a eles se adaptarem às mudanças, característica presente durante a história Terena. Sem pressuposto se a dinâmica é positiva ou não, o quadrado semiótico de Greimas descreve a prática em seu processo de análise. Segundo a estrutura, o personagem alocado na /sociedade indígena/ apenas consegue estar presente na /sociedade não-indígena/ quando há o movimento de contrariar seu ponto inicial, sendo:

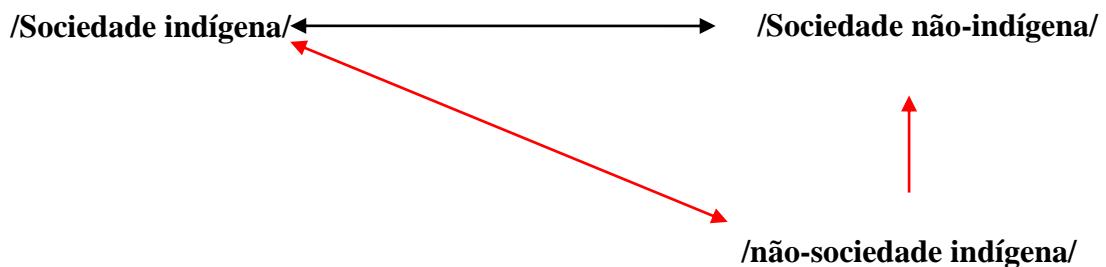


Figura 4 - Modelo de caminho narrativo - (primeira análise)

O diagrama acima proporciona um questionamento sobre o elemento que oportuniza a contrariedade da /sociedade indígena/ e aloca o personagem no ponto /sociedade não-indígena/. Ou seja, o termo descrito /não-sociedade indígena/ caracteriza o processo que o personagem principal deve realizar para se deslocar da /sociedade indígena/ para a /sociedade não-indígena/. Segundo o diagrama anterior, o actante precisa negar suas condições naturais para incorporar signos tecnológicos e capitalistas. Momento então que oportuniza a segunda fase do percurso gerativo do sentido (narrativo). Sua atuação descreve o signo-objeto que possibilita essa movimentação – barco

O entrante dessa nova perspectiva elabora sinônimo para o verbete antes alocado, ao entender que sua característica forte para representá-lo. O signo de contrariedade /barco/ - presente em um espaço indígena e não-indígena, descreve o movimento de transição do campo para outro. Ou seja, o personagem do texto não-verbal, apenas consegue ter acesso ao universo da /sociedade não-indígena/ quando se aproxima a um dos elementos de contrariedade a /sociedade indígena/ - na obra sendo representado pelo personagem que está em cima do barco.

A terceira fase do processo gerativo do sentido descreve uma análise em um processo “discursivo”. Isto é, uma reflexão mais profunda sobre o texto, com dados concretos obtidos por meio do quadrado semiótico. De forma didática, opta-se pelo início da análise pelo signo /barco/ - apresentado no desenho. Ele descreve claramente uma ação do personagem principal durante sua narrativa. Percebe-se um actante que se aproxima de uma porção de terra com adjetivos de superioridade, ao mesmo tempo em que se afasta da área que apresenta possibilidades distintas da outra. Tal realidade ilustrada acessa um ambiente de comparação com o espaço que as crianças vivem na comunidade, pois percebem a diferença estrutural e financeira entre a aldeia Bananal e Ipegue, além de como essa segunda possui características mais vantajosas devido as suas modificações oriundas da /sociedade não-indígena/.

Em síntese, o texto não-verbal apresentado descreve uma criança que está em uma caminhada de contrariedade ao seu ponto inicial, objetivando uma referência opositora. Segundo Grubits & Darrault-Harris (2008), é muito comum que desenhos de crianças indígenas o quadrado semiótico ainda não esteja completo – sendo uma semântica aberta, pois, além de estar em forte processo de desenvolvimento, pode não ter ainda a experiência de vida em uma cidade – ponto geralmente representado em suas obras.

Sendo assim, o texto não-verbal descreve um actante da narrativa que está em um processo de negação a /sociedade indígena/ para a sua presentificação em uma /sociedade não-indígena/, porém ainda está localizado no ponto de referência /não-sociedade indígena/. Tal situação está sendo aprendida pelo espaço que vive, ao perceber que o ponto oposto ao seu de origem /sociedade não-indígena/ possui mais possibilidades. Importante destacar que, tal situação, descreve o personagem como consumidor de signos da /sociedade não-indígena/ para sua inscrição nela, também.



Foto 5 - Rádio Comunitária Alternativa (FM 108,9)

Os desenhos com característica livre oportunizam uma iniciação sobre a reflexão proposta nesta dissertação, pois se entende que a análise precisa de mais subsídios para se tornar fidedigna – minimizando assim uma descrição situacional do período em que a prática do texto não-verbal foi desenvolvida. Sabe-se até então sobre o encantamento do público sobre as características tecnológicas que proporcionam vantagens para a comunidade vizinha. Importante relembrar que outro grande signo que demonstra vantagem ou superioridade da comunidade é a rádio local presente na aldeia Ipegue – também uma comunidade Terena.

Sobre as rádios comunitárias, Ruas (2004) exemplifica como elas têm sido utilizadas para a promoção e desenvolvimento econômico de uma comunidade. A estratégia tem ensinado como que as ondas do rádio são capazes de movimentar um grupo e oferecer poder aos seus donos. Além de movimentar o capital – mesmo não sendo essa sua identidade original. Frente a esse cenário, aumenta a necessidade desse pesquisador em ter acesso a mais informações sobre a percepção da criança Terena de Bananal que participa dessa dinâmica de notoriedade da mídia. Ou seja, que tem mais acesso a recursos midiáticos.

4.3.2 Análise de texto não-verbal segmentado

Em sequência ao movimento exploratório sobre as crianças Terena de Bananal e seu contato com a mídia e sociedade de consumo, foi realizada uma entrevista em profundidade com um jovem pai indígena e, para salvaguardar sua identidade, ele foi nomeado como PERSONAGEM-PAI - referência é adotada durante todas suas falas presentes neste *corpus*.

Ao descrever sobre entrevista em profundidade - recurso de pesquisa com caráter qualitativo -, Minayo (2010) valoriza sua importância, pois, segundo a autora, nela emergem questões com significados e intencionalidade inerente aos atos e outras características presentes na construção humana. Ou seja, o sujeito evoca os signos que pertencem ao seu ambiente e contexto, eles são traduzidos com as significações inerentes ao seu sujeito criador.

Entre as discussões introdutórias dessa entrevista, de acordo com o anexo H, percebe-se o desenvolvimento de um modelo familiar na comunidade – pais bastante ativos no processo de educação de seus filhos, além da prática de conversação entre eles. É evidente também a rápida iniciação sexual dos jovens, promovendo pais com idade média de quinze e dezesseis anos. Chegar a idade de aproximadamente trinta anos com média de quatro filhos é

descrever uma caminhada diferenciada dos seus pais que, no mesmo período de vida, já possuíam mais que o dobro.

A diminuição de filhos entre duas gerações, segundo o entrevistado-pai, não extingue o adjetivo de cuidado oferecido aos menores. Na comunidade, todos zelam pelas crianças não apenas por um contato direto com a família, mas principalmente pela empatia desenvolvida entre os indígenas. Tal afirmação concorda também com a descrição de Lino (2006), quando comenta sobre a atenção que a criança Terena recebe em sua comunidade – ela é um dever de todos.

Sobre a rotina das crianças, o personagem-pai comenta que na comunidade não há atividades oferecidas a elas, cabe então aproveitar o período matutino brincando com os amigos e o vespertino na escola Marechal Rondon – nada no período noturno é realizado, pois elas dormem entre às dezenove e vinte horas. Porém, quando questionado sobre os tipos de brincadeiras realizadas pelas crianças, ele descreve uma realidade que chama atenção, a saber: “Na verdade, é eles brincam. Aquelas que toda criança brinca: carrinho, futebol, algumas brincadeiras tradicionais. Mas, um dos meus filhos, hoje (pausa) eles brincam, principalmente o PERSONAGEM-FILHO, ele gosta muito de televisão”, e continua “PERSONAGEM-FILHO gosta mais de jogar bola, correr. Aquelas brincadeiras, assim, de “esconde-esconde”, sabe, eles não brincam mais. Eles brincam mais é com isso, *né*, futebol.”

A narrativa acima do personagem-pai descreve uma realidade já evocada por Cabreira (2006) e, principalmente, por Oliveira e Brostolin (2012). Para os autores as brincadeiras tradicionais perderam espaços para as contemporâneas difundidas pela mídia – atividades que evocam uma prática da rotina presente na vida da sociedade não-indígena, como, por exemplo: o carrinho e futebol, presente entre os meninos. O entrevistado-pai também comenta algo já anunciado pela primeira autora deste parágrafo, o tempo antes disponível para o lazer é alocado para a televisão que oferece entretenimento – entre sua programação acessada, estão os desenhos animados que transmitem histórias com casos, piadas e ideias para sua audiência.

Ainda sobre a descrição dos comportamentos infantis, o entrevistado-pai comenta sobre o acesso às informações midiatisadas pela criança, a saber:

Então na verdade, querem presente caro (risos), brinquedo caro. Mas a gente sempre pesquisa, por exemplo: a boneca tava em promoção, agora na semana, compramos uma bonecona, um brinquedo de cento e vinte reais, parece. [...] Por isso que eles tão ligado, com o brinquedo que, *né*. O personagem-filho, ele pede aqueles carrinho motorizado. É aqueles que a gente leva eles *pra* cidade.

Sua fala demonstra o princípio de uma identidade do sujeito que tem suas necessidades deturpadas pelo desejo de compra – o que também é descrito pela literatura de Kotler (1998) e Lindstrom (2009). Para os autores a audiência de um produto de comunicação tem possibilidade mínima de atuação sobre suas decisões, ou seja, a televisão ensina ao seu público aquilo que deve ser consumido, ignorando seus valores e atendendo um imaginatório construído por meio dos recursos linguísticos (textual, imagético e midiático). Os autores também relembram que os argumentos de venda são realizados durante a pausa comercial de um programa – sendo específico às crianças, os desenhos animados. Diante dessa realidade, cabe compreender, por meio da criança, se esse cenário se legitima ou não.

Como continuação da investigação proposta nesta dissertação e de acordo com o anexo G, foi convidada uma criança para a produção de textos não-verbais segmentados – tendo como referência uma idade próxima aos entrevistados na primeira fase da pesquisa (texto não-verbal livre). Ao todo, foram solicitadas três ilustrações com temas específicos: 1) o que você tem em casa; 2) o que você gostaria de ter; e 3) o que você gosta de fazer; – apresentarei as duas últimas propostas, pois a primeira teve como objetivo um relaxamento das possíveis tensões do participante. As análises seguiram um modelo gerativo do sentido, antes já apresentado na análise do texto não-verbal anterior.

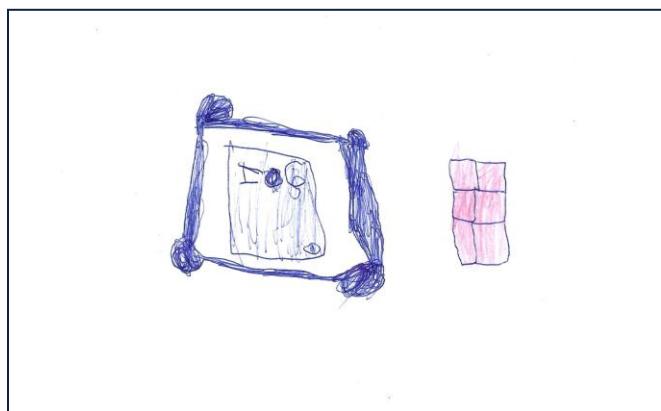


Figura 5- Desenho segmentado de criança indígena Terena - 1

Quando solicitada para que desenhe aquilo que gostaria de ter, a criança reproduz a ilustração acima. Dois signos pareados e de distribuição central na área de reprodução. O primeiro elemento de cor azul mostra um signo com forma geométrica alocado dentro de outro com características similares a um quadro, porém com suas pontas arredondadas. Ainda sobre o primeiro, há um preenchimento de cor no retangular que ainda possui três signos, bem

visíveis, em seu canto superior e um, pouco notável, em seu canto esquerdo inferior. Enquanto isso, ao lado está um signo que exerce uma prática de organização de seis formas quadrados para o seu entendimento. São dispostas com bases pares e recebem a cor vermelha. O restante do cenário não foi ocupado, dando em si a devida importância para apenas os dois elementos reproduzidos.

Não obstante, o pesquisador procurou uma melhor compreensão sobre os signos apresentados no texto não-verbal. Sendo assim, levantou alguns questionamentos sobre o desenho para seu autor – aqui chamado de personagem-filho. Entre as discussões, o entrevistado explica: “*Tablet e chocolate pra comer.*” – sua resposta objetiva trata-se da resolução à pergunta “o que você gostaria de ter?”. Sua ordem na descrição colabora para o entendimento de que o signo da direita com cor azul é o *tablet* e, sucessivamente, o ao lado representado como chocolate. Ele ainda continua sua explicação e comenta que tem acesso ao equipamento pelo primo próximo e usa-o apenas para fazer download de jogos para brincar.

Os dois signos representados são sinônimos de produtos finais que nascem em um ambiente tecnológico e/ou industrializado – característica mais presente no *tablet*. Sendo assim, promovem o despertar de duas palavras opostas para o início de uma análise em auxílio ao quadro semântico, a saber:

/sociedade indígena/ ← → **/sociedade de consumo/**

Figura 6 - Modelo de pontos opostos (segunda análise)

A presença desses dois pontos de percepção abre a possibilidade para o resgate interpretativo descrito pelo personagem-pai, quando comenta que, atualmente, as crianças indígenas Terena não têm as mesmas brincadeiras da /sociedade indígena/ que seus antecessores. As brincadeiras são desenvolvidas apenas sob a condição de entrada de um signo industrializado. Ou seja, para que o signo proveniente de uma /sociedade de consumo/ seja incorporado, eles precisam participar de um processo de contrariedade ao ponto /sociedade indígena/ - obtido por meio do capital, conforme apresentado na estrutura a seguir:

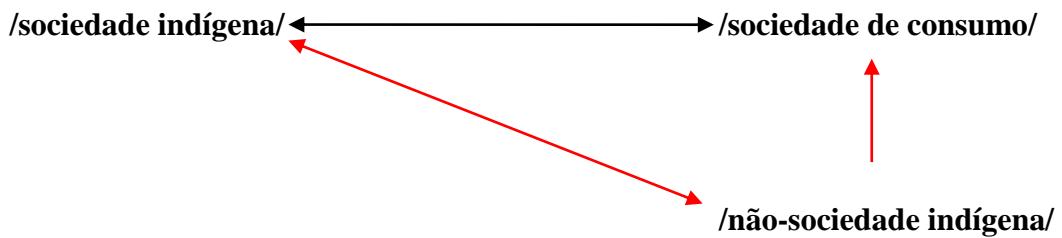


Figura 7 - Modelo de caminho narrativo (segunda análise)

A figura 7 muito se assemelha a estrutura elaborada na figura 4, porém a decisão pela substituição do signo /sociedade não-indígena/, antes apresentado, para o termo /sociedade de consumo/ condiz com a proposta do novo texto não-verbal em questão – quando se entende que envolve um processo de consumo envolvido. Ou seja, é por meio do desejo de querer ter um *tablet* que se revela a necessidade de possuir dinheiro suficiente para sua compra.

Sendo assim, percebe-se um sujeito que encontra na estratégia de compra um movimento de significação forte, conforme anunciado por Bauman (2005) ao descrever sobre os legítimos praticantes de uma /sociedade de consumo/ - o que é exemplificado pela disposição dos signos no modelo anunciado anteriormente. Isto é, ao demonstrar seu querer por meio de um objeto inscrito como pertencente a /sociedade de consumo/ (*tablet*), o sujeito precisa contraria sua área natural, fazendo isso pela valorização do capital – o que o inscreve em um ambiente consumista.

O segundo texto não verbal segmentado oferece condições para a reflexão anterior aqui apresentada e desenvolvida. Quando solicitado para que o personagem-filho reproduzisse algo que ele gostava de fazer, surge a seguinte tradução:

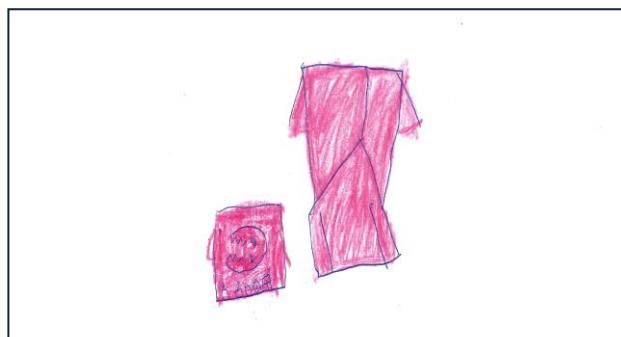


Figura 8 - Desenho segmentado por criança indígena Terena - 2

São novamente dois signos pareados e de distribuição central na área do sulfite, porém com formas e cores diferenciadas da primeira reprodução. O primeiro signo possui sua estrutura retangular, com um elemento em seu interior, pintado de lilás e referencialmente menor ao signo vizinho. Enquanto que o segundo possui formas distintas para sua composição, sendo quadrado, triângulo. Sua ordem descreve uma preferência de ambiente ou atividades desenvolvidas.

A ilustração foi indagada para o personagem-filho que, de forma breve respondeu: “assistir e ir *pra* escola” – em perguntas contínuas, ele verbaliza seu gostar de assistir desenhos ou filmes animados na televisão, durante o período matutino, pois à tarde vai à escola. Tal cenário foi apresentado pelo personagem-pai que comenta sobre a decisão do personagem-filho em acessar esse conteúdo midiático - mais que as brincadeiras antes desenvolvidas na comunidade. A escola também é anunciada pelo personagem-filho que justifica seu gostar em razão das brincadeiras que desenvolve com os amigos que participam do ambiente. Ou seja, percebe-se que o processo de atividades não é extremista, porém compartilhado. Ora a criança valoriza o entretenimento da televisão, ora as brincadeiras físicas desenvolvidas na escola.

Ao cerne desta dissertação, percebe-se pela fala de Santana (1977) que cada mídia pode desenvolver o argumento ideal para seu público específico, promovendo, assim, o desejo de consumo. Quando a criança participa de um roteiro televisivo, ela fica vulnerável aos apelos publicitários distribuídos durante a exibição de seu programa favorito, pois foram alocados nessa grade para que possam capturar a atenção da sua audiência – mesmo que esses argumentos sejam norteados por comandos de órgãos como Conar e CONANDA. Tal cenário relembra a estrutura da análise anterior, a saber:

/sociedade indígena/ ← → **/sociedade de consumo/**

Figura 9 - Modelo de pontos opositores (terceira análise)

Sua proposta de signo-contrário possui o mesmo vocativo, /não-sociedade indígena/, porém com a caracterização de outro signo-objeto. Sendo assim, demonstra uma narrativa lógica de que é por meio da televisão que o sujeito tem acesso às informações e características que provêm de uma sociedade baseada em consumo, isso quando não inserido em uma mesma

estrutura física da /sociedade não-indígena/, pois nela se percebem outros estimuladores, também.

Por fim, o modelo descreve um sujeito que está em conversação com signos-objetos que não nasce em um espaço indígena, mas aloca o sujeito para um ambiente em que não é seu de origem – aqui descrevendo sobre a /sociedade não-indígena/ ou /sociedade de consumo/. As análises dessas duas produções de expressão também podem significar a população assistida de forma geral, pois o personagem participa das mesmas condições de ambiente e influência que a maioria dos envolvidos, ou seja, expressam como a cultura se transforma a partir das modificações do ambiente que os personagens participam.

A reflexão desta dissertação seguiu o caminho metodológico presente e desenvolvido pela semiótica estrutural. Foram elevados os dois ambientes centrais dessa discussão: I. sociedade indígena e II. sociedade não-indígena ou de consumo; para perceber a paridade ou não de seus discursos. A descrição compilada aloca-os como: um grupo que desenvolve práticas que salvaguardem suas vidas, enquanto o outro promove a ressignificação da vida por meio do capital e consumo, respectivamente. A caracterização do acesso dos indígenas nesse ambiente não é então percebida como resultado promovido em resposta aos poucos subsídios informacionais, mas sim pela organização do modo de viver dessa população assumida atualmente.

A experiência de análise qualitativa propiciou uma investigação do sujeito pelo sujeito – máxima adotada pela semiótica, também. E, ao analisar os textos não-verbais, entende-se um actante que está em processo de desenvolvimento da sua narrativa. Porém, já com marcas de uma sociedade que vive para o consumo evidente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado se organizou para a promoção da discussão entre as influências da mídia quando em contato com crianças Terena. Porém, não faz parte de seu objetivo o esgotamento dessa reflexão, mas sim torná-la um agente colaborador para novos questionamentos a partir dos seus dados levantados, por meio de um trabalho orientado aos apontamentos metodológicos da semiótica Greimasiana. Importante destacar em parágrafo inicial a relevância da criança Terena para seu contexto social e cultural – reflexão discutida adiante.

Entre as diversas possibilidades teóricas para a investigação dos humanos e seus itens em torno, encontra-se na semiótica estrutural uma lente apropriada para diálogos de seus signos. A proposta dicotômica de Saussure elabora caminhos evolutivos para investigação do sujeito, assim como àquela que fora adotada por Greimas - conhecido como fundador da escola semiótica de Paris - o desejo desse autor em tornar as ciências humanas equiparadas às ciências duras, possibilitou uma evolução metodológica na forma de enxergar o signo, que é inerente ao sujeito e às situações ambientais.

Sobre a formatação de investigação desse autor é que esta dissertação foi organizada. Sendo necessário o entendimento de subsídios referenciais do povo Terena, assim como os textos que auxiliam para a breve compreensão sobre a sociedade não-indígena pelo viés do consumo. A proposta de Greimas norteia aquele que se apropria de seu raciocínio para a investigação da tradução de um signo de maneira mais fidedigna, pois aloca o pesquisador em ambientes práticos e não somente ao espaço de um escritório.

Um povo que aprendeu a se adaptar aos desafios para manter sua etnia salva e protegida das ameaças enfrentadas ao longo do seu processo de desenvolvimento, assim se percebe os indígenas Terena. As narrações em textos de diversos autores sempre descrevem situações que coordenaram o povo a tomar decisões: optar pelo duelo ou se adaptar ao novo ambiente. Traço conquistado desde seus ancestrais que buscavam por territórios propícios à continuação de suas vidas e, como consequência, os alocam para a região do Chaco paraguaio. É uma etnia que não olha seu passado com lamentações, e sim com ideias firmes para um futuro que pode ser cada vez melhor.

Entre as dinâmicas e movimentações desenvolvidas, lá está a criança – membro primordial na sociedade indígena. As características da criança Terena são promovidas por forte atuação familiar e outras esferas de grupos (ora pela comunidade onde vivem, ora pela escola em que apreendem). Mesmo em constante vigilância pelos pais ou qualquer integrante da comunidade, a criança caminha livre pelos espaços. Ela é a guardadora do futuro da etnia. Sendo assim, merece todo cuidado e manutenção em um período de tempo presente. A etnia deixa claro, a quem estiver disposto a conhecer, sua articulação promovida em prol da proteção e cuidado com suas crianças e na aldeia Bananal tal característica não é diferente.

Em primeiro lugar, visitar a comunidade Bananal é promover percepções de igualdade entre indígenas e não indígenas por meio dos elementos similares aos não-indígenas. Signos presentes que são originários de uma sociedade que se ressignifica a partir do capital e do consumo. Todavia, com o aprofundamento da pesquisa notam-se características indígenas que não são mais percebidas livremente na cidade, como compartilhamento e fraternidade.

Os elementos comuns entre os dois grupos (indígena Terena e não-indígena) são justificáveis pela forte aproximação que a etnia promoveu durante seu desenvolvimento histórico. Sendo considerados os mais pacíficos e adaptáveis, eles integraram signos que não fazem parte de sua gênese cultural – ambiente que promove ainda mais a curiosidade sobre a dinâmica de paridade entre os povos.

Sobre os pontos absorvidos da sociedade não-indígena destacam-se os que se apresentam como imperativos para o consumo. O capitalismo é um modelo político, econômico e social que tem se apresentado com pontos positivos e negativos, baseando seu processo no capital e mais valia. Tendo pontos positivos ou não, ele tem modificado o significado de poder durante seu desenvolvimento, o que afeta as relações sociais, também. E, a partir daí, recebe o holofote de atenção de alguns autores como Bauman, principalmente, pois entende que os adeptos desse modelo promovem práticas similares aos produtos perecíveis, isto é, tudo se torna efêmero.

A organização da indústria cultural, alimentada pelos movimentos midiáticos, propaga e fortalece os discursos que se objetivam para a manutenção de uma audiência capitalista. São caminhos que tornam públicos potenciais em fiéis consumidores. Em um espaço contemporâneo, onde a comunicação se torna cada vez mais especializada, fica a atenção em suas estratégias de persuasão adaptáveis aos receptores das mensagens que conseguem

projetar as táticas de consumo em ambientes que a princípio não teriam a mesma receptividade – como o caso da criança Terena.

Durante as visitações à comunidade Bananal, percebemos o forte envolvimento de todos com diferentes meios de comunicação, tais como: celulares, notebooks e computadores. As casas possuem estrutura simples, mas uma voz muito ativa que vem dos rádios – mesmo com um ou outro momento embalados com o funk e música sertaneja, são as faixas religiosas que comandam as famílias durante boa parte do dia. Entretanto, nada chama mais a atenção do que a televisão por fazer parte ativa da rotina das crianças.

A rotina da criança Terena é dividida em dois grandes momentos de atividades, entre a segunda-feira e a sexta-feira: I. As manhãs são vagas para as brincadeiras, porém essas são ocupadas pelo entretenimento da televisão com seus desenhos animados (sinal aberto ou pago); II. As tardes são direcionadas para as atividades escolares - local alternativo de lazer para as crianças com aqueles que estão no mesmo espaço e possuem idades próximas. A televisão é percebida, desta forma, como um canal de forte diálogo com as crianças da comunidade, devido a uma interação de horas com o público oportunizado pela linguagem infantil. Sendo assim, ela garante a sedução de uma sociedade de consumo para sua audiência, por meio de seus anúncios publicitários segmentados.

Os dados sobre tal influência, obtidos por meio de desenhos infantis, apresentam características próprias dessa movimentação social em que vivem as crianças. Analisados semioticamente, elas descrevem a polarização entre aquilo que pertence à sociedade indígena e sociedade não-indígena, também caracterizada como sociedade de consumo. São elementos industriais distribuídos em signos que expressam a natureza/comunidade que vivem. Característica que foi percebida por um dos pais dos entrevistados. Sua fala possibilita um complemento aos elementos evocados na análise. Duas gerações que se comportam de forma distinta, entre acesso à tecnologia e à concepção de filhos.

Os textos não-verbais descrevem crianças indígenas que vivenciam um processo com características não-indígenas, práticas de consumo. Elas estão percebendo mais os signos-objetos, têm mais acesso às informações televisionadas que têm por função vender produtos e ideias. Além disso, querem tais produtos, mesmo ainda não tendo racionalidade sobre a barganha de capital que será preciso – elemento que foi também comentado pelo pai entrevistado.

A discussão anterior oportuniza a sincronia com o conceito de “natureza e cultura” descrita por Lévi-Strauss (2009). Para o autor o indivíduo é coordenado a desenvolver práticas baseadas em questões ora biológicas, ora culturais – esta segunda proveniente de um acordo social. Sobre a criança, entende-se que ela assume práticas culturais semelhantes as referências que as rodeiam desde seu nascimento, sendo assim, um ambiente que promove comportamento de consumo é um forte incentivador para procriação de seus adeptos, por exemplo. No entanto, quando confrontados dados bibliográficos e pesquisa em campo nesta dissertação, percebe-se como esse agente pouco influencia os valores culturais da etnia.

Os signos industriais expressados foram alocados como elementos que caracterizam o ambiente de suas comunidades. São narrativas que descrevem a importância da aldeia Bananal para seus artistas. Há um valor simbólico muito forte nesse espaço para eles. A pesquisa caracteriza mais um movimento de adaptabilidade da etnia as transformações do espaço, assim como em outros momentos marcantes em sua historicidade.

O indígena dessa comunidade é completamente diferente de seus pais e seus avós e, com certeza, não será o mesmo que seus filhos. Ele tem acesso aos meios de comunicação e vantagens provenientes de um ambiente consumista e industrial, todavia ainda mantém contínuas características que os significam como etnia. Ou seja, eles têm contato com os elementos provenientes de uma sociedade não-indígena e utilizam isso para a garantia de manutenção da comunidade.

A maioria dos relatos ouvidos durante as visitações em comunidade descrevem um povo que busca pelo conhecimento ou outros caminhos para que possam ajudar a família Terena de Bananal. A escola de ensino fundamental é uma forte expressão disso, pois tem em sua grade curricular a lotação de professores indígenas. Proposta então que legitima ainda mais a aproximação de signos não-indígenas.

Tal articulação da comunidade elabora, assim, uma prática diferente aos adjetivos caracterizadores dos que vivem em uma sociedade consumista, pois nela o sujeito se organiza como ponto principal de uma narrativa, sendo caracterizado como individualista – característica não presente nos Terena. Eles querem conquistar algo para que possa beneficiar a todos.

Sendo assim, o povo dessa comunidade é descrito pelos olhares e expressões das crianças. É uma etnia com capacidade estratégica, pois durante muitos episódios tiveram que se organizar como proposta para manutenção de suas vidas. O forte contato e o diálogo

familiar na comunidade orientam as crianças para que possam transitar entre um espaço indígena e um espaço não-indígena sem o rompimento de sua identidade. São crianças que acessam seus signos contemporâneos e ainda mantêm salvo sua história.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Traduzido por Juba Elisabeth Levy...[et al] São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANTONIO, Nilza Leite. **Raízes na língua: identidade e rede social de crianças Terena da escola bilíngüe da Aldeia Bananal / MS**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2009.

AZANHA, Gilberto. **Relatório GT 553/FUNAI**. Brasília: FUNAI, 2000.

ANZANELLO CARRASCOZA, João. **Redação Publicitária: Estudos sobre a retórica do consumo**. São Paulo: Futura, 2003.

BACON, Francis. **Novum Organum**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2. Ed. São Paulo: abril Cultural, 1979b.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Editora: Zahar, 2001.

_____ **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria. & LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BRAND, Antonio. **Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul**. v. 1, n 2, p. 59-67 Março. 2001. Disponível em: < <http://goo.gl/n9L7ge> >. Acesso em: janeiro. 2016.

BRANDÃO, Carlos R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986

CABREIRA, Denise S.. **O cotidiano das famílias Terena: Um estudo exploratório**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2006.

CÂNDIDO, Margareth Fialho. **Análise da (Agri)cultura Terena, Aldeia Bananal-Aquidauana (MS)**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTEL, Robert; POLETI, Iraci D. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CHESNAIS, François. **A mundialização do Capital.** Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamâ, 1996.

DOBB, Maurice Herbert. **Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith.** Portugal: Editorial presença, 1973.

DOSSE, François. **A História do Estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966.** vol.1; trad. Álvaro Cabral. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

FERNANDES JÚNIOR, J. R. **Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações sócio econômicas no êxodo dos índios Terena para o perímetro urbano de Campo Grande.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 1997.

FERREIRA, Fátima Cristina Duarte. **Representações Sobre meio ambiente, dos professores terena que atuam de 1^a a 4^a série, na aldeia Bananal, distrito de Taunay, município de aquidauana, em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande, Universidade Católica Dom Bosco, 2008.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** Campinas: Papirus, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: pesquisa e método.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Sobre o sentido: ensaios semióticos. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

Semiótica do discurso científico + da modalidade. São Paulo: Difel Difusão 1976.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas.** Pro-Posições, Campinas, v. 10, n.1, p. 139-156, 1999.

GONÇALVES, Lilian S. **Neuromarketing Aplicado à redação Publicitária.** São Paulo: Novatec, 2013.

GRUBITS, Sonia. **A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil.** Psicologia em Estudo. Maringá, PR, v.8, Número Especial, p.97-105, 2003.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. **Cultura e sociedade: ouvindo crianças indígenas através de sua produção artística.** Im. Silvia Helena Vieira (Org.) A criança fala; a escuta de crianças em pesquisa. 1 ed.. São Paulo: Cortez Editora, 2008, v. 1, p. 264-280.

HÉNAULT, Anne. **História concisa da semiótica.** Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

HOFF, Tania & GABRIELLI, Lourdes. **Redação Publicitária.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing: Análise, planejamento, implementação e controle.** São Paulo: ATLAS, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Natureza e Cultura.** Revista Antropos – volume 3, Ano2, Dezembro de 2009 ISSN 1982-1050

LINDSTROM, Martin. **A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LINHARES, Gladis. **A televisão no imaginário dos Terena.** Campo Grande, Ed. Uniderp, 2000.

LINO, Adriana Rita Sordi. **A influência das relações familiares no ajustamento escolar da criança Kaiowá.** Campo Grande. Universidade Católica Dom Bosco, 2006.

LUQUET, Georges-Henri. **L'art primity.** Paris: PUF, 1994.

MACHADO, I. **Escola de semiótica – a experiência de Tártu-Moscou para o estudo de cultura.** Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Fapesp, 2003.

MARTINEZ, Ângela Benites. **Mitos e do povo Terena: Uma analogia com a mitologia grega.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação: Troca Cultural?** São Paulo: Paulos, 2005.

MARTINS, Zeca. **Redação publicitária: a prática na prática.** São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **A origem do Capital.** São Paulo: Centauro. 2000.

MELIÀ, Bartomeu. **El pueblo Guaraní: unidad y fragmentos.** Tellus, Campo Grande, 4(6): 151-162. 2004.

MINAYO, Maria Cecílio de Souza. **O desafio do conhecimento.** 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORATO, Elisson Ferreira. **Uma abordagem semiótica da pintura de Manoel da Costa Ataíde.** Revista online Travessias. Ed. 02 ISSN 1982.5935, 2008.

NAPOLEONI, Claudio. **Smith, Ricardo, Marx: considerações sobre a história do pensamento econômico.** Tradução de José Fernandes Dias, São Paulo, Paz & Terra, 1924.

NETO, Dário Aragão. **Direitos Humanos e a Publicidade Infantil na Argentina e no Brasil.** 2º Congresso Internacional de direito e Contemporaneidade, Santa Maria, ISSN 2238-9121, 2013.

NETTO, José Paulo & BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2006.

OSTERMAN, F. **A epistemologia de Kuhn.** Caderno Catarinense de Ensino de Física. Florianópolis, V. 13, n3, p. 184-196, 1996.

OLIVEIRA, Evelyn Aline da Costa de & BROSTOLIN, Marta Regina. **A educação da criança terena: da aprendizagem familiar a aprendizagem escolar.** INTERMEIO: Revista do programa de pós-graduação em Educação (UFMS), Campo Grande, MS, v.18, n° 36, p 135-149, jul/dez 2012.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de & PEREIRA, Levi Marques. **“Duas no pé e uma na bunda”: da participação Terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti.** Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 1 n. 2 – UFGD - Dourados Jul/Dez, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O processo de assimilação dos Terena.** Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1960.

Urbanização e Tribalismo: A interação dos índios Terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro: Zahar.1968.

Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna; prefácio de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença** / Michael Peters: tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PESSÔA, Luís Alexandre Grubits de Paula. **Narrativas da segurança no discurso publicitário: um estudo semiótico.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RUAS, Claudia Mara Stapani. **Rádio comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local.** Campo Grande: UCD, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Org.). **Curso de lingüística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTANA, Antonio. **Propaganda: Teoria, técnica e prática**. São Paulo: Pioneira. 1977

SCHMIDT, Max. **Os Aruaques: uma contribuição ao estudo da difusão cultural**. Trad. Do original alemão. Die Aruaken ein Beitrag zum problem der kulturverbreitung. Leipzig: Veilt al Comp., 1917.

SGANZERLA, Alfredo. SILVA, Neli Guimarães. **A epopéia Terena**. UCDB, 2004.

SILVA, Fernando Altenfelder. **Mudança cultural dos Terena**. Revista do Museu Paulista. São Paulo: Nova Série, v. 3, 1949.

SILVA, Flávio Augusto Queiroz. **A proposta epistemologia de A. J. Greimas a partir da relação entre leitura e a estrutura profunda da significação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

SILVEIRA, F. L. da. **A filosofia da ciência de Karl Popper: o racionalismo crítico**. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v.13, n.3, p.197-218. dez. 1996a.

SOBRINHO, Asdrúbal Borges. **Processos Semióticos em Comunicação** Formiga; Pedro Russi [org.] Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

SOUZA, Lucia Soares de. **Introdução às teorias semióticas** | Petrópolis, RJ: Vozes; Salvador, BA, 2006.

6.2 Eletrônicas

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista **Análise das produções discursivas de crianças terenas a partir do enunciado: “As coisas que me fazem feliz são...”** Jardim: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/41sEyT>>, acessado em fevereiro de 2016.

AZANHA, Gilberto. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. Brasília, Centro de Trabalho Indigenista. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/cB5Qy7>>, acessado em maio de 2016.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de junho de 1990 Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.. In: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em://goo.gl/XE9ht. Acesso em: setembro de 2015.

BRASIL. Lei nº 8.078 de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. In: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 set. 1990. Disponível em://goo.gl/vjwxT. Acesso em: setembro de 2015.

CONADA. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 163 de 13 de Março de 2014. Disponível em://goo.gl/mTkS3T. Acesso em: setembro de 2015.

CONAR. Conselho de Autorregulamentação Publicitária. **Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária.** São Paulo: 1980. Disponível em://goo.gl/PIY9O . Acesso em: setembro de 2015.

CRIANÇA a Alma do Negócio. Direção: Estela Renner. Produção: Marcos Nisti. “Documentário, 49’05”. Disponível em://goo.gl/ZsNph. Acesso em junho de 2014.

7 APÊNDICE

7.1 APÊNDICE A

7.1.1 Plataforma Brasil – inclusão em projeto âncora

08/11/2016 PLATBR - Citação no Projeto de Pesquisa - Thiago Muller

PLATBR - Citação no Projeto de Pesquisa

Equipe Plataforma Brasil

qui 03/11/2016 14:19

Caixa de Entrada

Para:=?ANSI_X3.4-1968?Q?Thiago_M=3Fller_da_Silva?= <thiago_muller5@hotmail.com>;

Prezado (a) Sr. (a) Thiago Müller da Silva,

Você foi incluído como Equipe do Projeto no Projeto de Pesquisa MULHERES INDÍGENAS DO CENTRO OESTE BRASILEIRO: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE, que tem como Pesquisador Responsável Sonia Grubits em 03/11/2016.

Atenciosamente,

Plataforma Brasil

www.saude.gov.br/plataformabrasil

plataformabrasil@saude.gov.br

Esta é uma mensagem automática. Favor não responder este e-mail.

Esta mensagem pode conter informação confidencial e/ou privilegiada. Se você não for o destinatário ou a pessoa autorizada a receber esta mensagem, não pode usar, copiar ou divulgar as informações nela contidas ou tomar qualquer ação baseada nessas informações. Se você recebeu esta mensagem por engano, por favor avise imediatamente o remetente, respondendo o e-mail e em seguida apague-o.

<https://outlook.live.com/owa/?viewmodel=ReadMessageItem&ItemID=AQMkADAwATYwMAitOTY4Mi1IZjFjLTAwAi0wMAoARgAAA7AJNU9SOmNBj7...> 1/1

8 ANEXOS

8.1 ANEXO A

Aos 13 dias do mês de junho do ano de dois mil e quinze, às dez horas, na Aldeia Terena Bananal, estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se com o propósito de promoção do conhecimento, a Professora Doutora Sonia Grubits, acompanhada de seus acadêmicos dos cursos de mestrado e doutorado, e comunidade de professores da escola do ensino básico.

A Professora doutora fez uma introdução sobre os projetos que pretende desenvolver na comunidade, além de apresentar seus orientandos para os docentes que estavam presentes na reunião – perfazendo um total de vinte indígenas (importante destacar que, segundo a equipe, o grupo de professores é formado com mais de sessenta integrantes).

Após a sequência de diálogos introdutórios (apresentação de acadêmicos e projetos), os professores verbalizaram alguns adjetivos sobre suas funções, destacando sempre a autonomia que possuem para decidir qual projeto de pesquisa externo pode ou não ser executado em sua comunidade, porém, acharam por melhor agendar reunião com a secretária de educação de Aquidauana – município responsável pela comunidade -, para torná-los cientes dos processos que acontecerão na escola. Para isso, os indígenas verificarão uma data com a líder política (antes das férias escolares que acontecerá entre os dias 20 e 31 de Julho no ano vigente) e encaminharão ao grupo, por meio de e-mail.

Os professores solicitaram algumas demandas ao grupo de acadêmicos do programa de pós-graduação, curso de mestrado e doutorado me psicologia, também, como: 1) Retorno das pesquisas, depois que realizado o trabalho; 2) Capacitação para os professores (como formular projeto de pesquisa, didática em sala de aula, estratégia de abordagem com alunos e situações especiais, cursos para professores que possuem apenas “magistério”) e 3) Avaliação cognitiva de alguns alunos, encaminhados pela escola.

Sendo o primeiro contato meu com a comunidade, percebo bons adjetivos entre o grupo de professores. Nos fomos muito bem acolhidos e até convidados para almoçar com a equipe de professores local. Entre os indígenas que fizeram parte da reunião, ficou evidente o respeito a integração entre o grupo. Cada momento que um queria participar da conversação,

a mão direita era levantada como sinal de pedido de fala. Outra coisa que me despertou atenção foi a atuação de crianças que não eram impedidas de ouvir a conversa.

Com o término da conversação, fomos convidados a conhecer a estrutura da escola infantil e, depois do almoço, participar de um lanche com pão caseiro e café – oferecidos por uma das dirigentes do centro educacional. Todas as crianças são reconhecidas pelo nome, o que deixou evidente o compartilhamento de cuidado – afirmativa já destacada pela literatura.

8.2 ANEXO B

Aos vinte e seis dias do mês de outubro do ano de dois mil e quinze, às dez horas, na Aldeia Terena Bananal – localizada próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se com o propósito de devolutiva ao encontro promovido no dia treze de junho no mesmo ano, os acadêmicos Adriana Sordi, Alessandra Lumi e Thiago Muller, pertencentes ao programa de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, e comunidade de professores da escola do ensino básico.

Na ocasião do primeiro encontro supracitado, a comunidade de docentes da escola, junto à direção, solicitou aos pesquisadores - acompanhados pela Professora Doutora Sonia Grubits, uma capacitação para avaliação cognitiva de alguns alunos. Em resposta ao pedido, as duas psicólogas do grupo organizaram material impresso avaliativo que pudesse subsidiar os proponentes e, junto a eles produzir estratégias de intervenção didática com os alunos em questão. Foram organizados itens que não são restritos ao uso do psicólogo, salvaguardando questões éticas da profissão.

A busca de autorização para pesquisa na comunidade com as lideranças foi um dos objetivos desenvolvidos, também. Ação que foi realizada com sucesso, após diálogos com o cacique da aldeia. A conversação entre o líder e pesquisadores garantiu retorno à comunidade para novas capacitações objetivando assistir docentes e índigenas que estão inseridos ou desejar entrar no mercado de trabalho. O cacique se comprometeu a pesquisar a demanda da comunidade sobre curso técnico de mercado e encaminhar, por meio de e-mail ou ligação telefônica, ao pesquisador Thiago Muller, devido sua formação como publicitário, além de experiência de mercado e docência.

Após a sequência de diálogos, intermediado pela indígena Nilza Antonio, o grupo de pesquisadores retornou a escola de ensino básico para introdução aos docentes sobre a

temática de avaliação. O momento durou aproximadamente sessenta minutos e reuni todos os professores do período vespertino. Para que a capacitação pudesse ser realizada, as crianças desenvolveram atividades lúdicas supervisionadas pelo Thiago Muller – ação desenvolvida em um local diferenciado do espaço dos professores.

Em auxílio à dupla, que fazia reunião com os docentes da comunidade, tive um momento de lazer com as crianças que estavam em horário de aula na ocasião. Entre as diversas dinâmicas que realizamos juntos, percebi entre as crianças há pouca presença de competitividade – aquele que tinha domínio sobre uma ação específica ajudava seu próximo a desenvolver também. Sendo assim, todos finalizavam as propostas em momentos quase simultâneos. Foram dezoito ilustrações, sendo oito de cada para gênero.

Finalizada as atividades do dia, o grupo informou a diretora da escola sobre os procedimentos realizados e a previsão de retorno. Com mais nada que pudesse ser tratada, a visitação que teve duração de cinco horas, aproximadamente, encerrou-se.

8.3 ANEXO C

Ao nono dia do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis, às dez horas, na aldeia Terena Bananal – localizada próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se os acadêmicos Adriana Sordi e Thiago Muller, pertencentes ao programa de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, e o Cacique da comunidade Célio Fialho.

O líder da Aldeia foi nomeado no ano vigente, eleito democraticamente no fim do ano passado. Tal situação promoveu no novo cacique o cumprimento de uma agenda política, como: formação de novas parcerias estratégicas, encontros com outras realidade/lideranças e conversações com representantes de Brasília – situação de dificultou o encontro da dupla de acadêmicos com a comunidade, desde seu encontro passado.

O encontro realizado proporcionou uma maior transparência sobre as ações que serão desenvolvidas pelos acadêmicos, assim como, a garantia de boa entrada na comunidade anunciada pelo Cacique Célio. A reunião ainda contou com a presença de sua esposa Nayara Gonçalves – atual professora da única escola que oferece o ensino médio na comunidade, e seu pai Celso – que tem em sua história o cargo de cacique, também.

Durante as conversas os Terena sempre pontuavam a importância do ensino para que possam conseguir um status diferenciado em sua realidade econômica. Era na fala do Célio que se percebia o agradecimento ao seu pai pela insistência em promover o conhecimento nele e em seus irmãos. Atitude inovadora para o patriarca que nem estudo possuía. Atualmente, todos possuem (ou estão em processo de formação) ensino superior.

O senhor Celso fala com muito saudosismo sobre o período que se dedicou para promoção do conhecimento dos filhos, conquistando, junto com parceiros, a primeira e, até então única, escola de ensino médio na comunidade Bananal e que atende todos da região. Importante destacar que, segundo o grupo, as sete aldeias da região possuem escolas com ensino infantil básico. Entre o discurso do pai do cacique, ele também comenta o como alguns indígenas visualizavam a iniciativa como uma bonificação apenas familiar.

O atual cacique destaca seu desejo por melhorias pontuais para a comunidade durante sua gestão, desde a modificação no prêmio que está localizada a escola de ensino infantil básico – prédio construído em 1944-, até a elaboração de um pólo para graduação que atenda os Terena - uma porção entre sete e dez mil. Ele sempre justifica seu posicionamento com a frase “Podemos modificar a vida, por meio de estudos” – ora fazendo referência ao seu pai, ora a sua irmã que tem o título de mestre e possui um carro conquista pelo seu trabalho.

A casa do líder possui alguns objetos bem marcantes como: televisão, geladeira, notebook, celulares e moto broz, além de um aparelho de rádio que durante toda a conversação tocou músicas gospels. As crianças, um menino e uma menina de idade aproximada entre dez e doze anos, não participaram do ambiente de conversação entre os maiores, bastou pouca comunicação visual oriunda dos pais que as crianças já se retiraram do espaço, depois dos cumprimentos com a dupla de acadêmicos. Quando percebo um breve comportamento do menino, filho de Célio e Nayara, percebo algo curioso em seu corte de cabelo, uma modelagem estilo a de um jogador de futebol famoso (NEYMAR)

Próximo ao fim do encontro, o grupo Terena solicitou a dupla de acadêmicos ajuda para uma intervenção com vinte e cinco alunos do ensino médio. Eles realizarão no mês de novembro o exame nacional do ensino médio (ENEM), o que possibilitará a entrada em uma universidade. Porém, estão com dificuldade em alguns tópicos, como redação, por exemplo. Os acadêmicos se prontificaram a colaborar e ainda nesse mês fazer alguma ação no local. Sem mais itens, a reunião que perlongou duas horas foi encerrada.

8.4 ANEXO D

Ao vigésimo terceiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis, às dez horas, na aldeia Terena Bananal – localizado próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se os acadêmicos Adriana Sordi, Thiago Muller e o filósofo Rafael Zanata, para cumprirem solicitação proposta pela escola estadual da região durante encontro passado – sendo orientações sobre redação para a realização do exame nacional do ensino médio (ENEM).

Fomos recebidos pela esposa do cacique, Nayara Gonçalves, que também é professora da escola do ensino médio localizada no interior da comunidade. Representando a diretora que estava de licença médica legal, ela nos apresentou os recursos físicos, humanos e organizacionais da escola. Entre os pontos conversados, foi apresentado as atividades artísticas que são produzidas pelos alunos do ensino médio – única fase de ensino presente na estrutura. Entre as diversas habilidades desenvolvidas por Nayara, destaca-se a de educação artística que ela oportuniza para a propagação da cultura Terena.

Para a oficina sobre redação, ministrada pelo Rafael Zanata, foram convidados os alunos que participam do terceiro ano do ensino médio e que em breve realizarão a prova para qual se preparam. Outras comunidades foram convidadas também. Para isso, Nayara se utilizou do espaço de uma rádio comunitária que há em Bananal. Ela comentou sobre a importância da capacitação para os jovens.

Enquanto Rafael Zanata ministrava a oficina, fui até a escola de ensino fundamental Marechal Rondon para conversar com a diretora e participar de um momento recreativo com as crianças. O encontro foi surpreendente. No início sou abordado por crianças tímidas e com pouco diálogo com um estranho, porém, em menos de dez minutos – cronometrados -, percebo que sou acolhido por eles e já participo das brincadeiras que estavam sendo desenvolvidas quando cheguei.

Uma hora foi o tempo suficiente para que eles me abraçassem como estratégia de impedimento que eu vá embora, uma das meninas que brinquei ainda pediu que eu a adotasse. Vejo-me em um círculo de crianças, rindo alto e pedindo para que eu não vá embora, até que precisei ser resgatado pelo cacique da aldeia que de longe viu o movimento. E, após retornar para a escola estadual, localizada há poucos metros de distância da municipal, sou

surpreendido novamente por um grupo de alunos que brincaram comigo, eles foram me entregar alguns lápis de cor que eu havia esquecido na sala deles.

Já na escola os acadêmicos visitantes tiveram um breve diálogo com os professores da escola, o objetivo foi pensar em estratégias conjuntas para ajudar os alunos da escola, por meio de palestras ou outras oficinas. Foi decidido que, até o próximo encontro, eles pensariam em ações pontuais.

Às 16 horas, o grupo se despediu dos que se faziam presentes e se organizam para um retorno na próxima semana, para que possamos continuar a oficina de redação e continuar um planejamento de intervenção com os alunos do ensino médio.

8.5 ANEXO E

Ao décimo terceiro dia do mês de setembro do ano de dois mil e dezesseis, às onze horas e vinte minutos, na aldeia Terena Bananal – localizada próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se os acadêmicos Adriana Sordi e Thiago Muller, pertencentes ao programa de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, acompanhando com Rafael Zanata, na casa do Cacique da comunidade Célio Fialho.

O propósito da visita foi em continuar a capacitação de redação para os alunos do ensino médio da comunidade. O encontro não aconteceu na semana passada devido as dificuldades de acesso até o local, em razão da chuva forte que aconteceu. Porém, mesmo tendo diálogo com os representantes sobre o novo dia, soubemos que os alunos não sabiam da nossa chegada.

Célio nos acolheu muito bem, na ausência de sua esposa Nayara que estava em Aquidauana fazendo capacitação docente. E, acompanhado pelo vice-cacique Omir Pereira, Célio nos sugeriu anunciar a nossa visita e o curso de redação na rádio comunitária que há na comunidade vizinha a Bananal – comunidade Ipegue. As duas são separadas por um pequeno rio.

A Comunidade Ipegue possui uma estrutura muito diferenciada da Bananal, desde estrutura das ruas, as construções das casas – se assemelhando muito a chácaras ou fazendas. As construções são bem elaboradas e com materiais que, em geral, demonstram um poder

aquisitivo relevante. Na comunidade é muito evidente os diversos modelos de carros estacionados em suas garagens.

A rádio comunitária Alternativa (108,9) possui uma programação produzida pelos próprios Terena, tendo em sua programação a grande presença de músicas religiosas. Sua programação acontece apenas no período diurno – essa estratégia é devido a pouca mão de obra especializada.

Acompanhados pelo vice-cacique de Bananal, fomos recebidos por um dos radialistas que logo entrevistou, em link ao vivo, o Rafael Zanata para fazer o convite a todas as comunidades. A intervenção proporcionou a participação de seis alunos para a continuação da oficina, número menor quando comparada à visitação passada.

Enquanto a oficina foi realizada, os acadêmicos fizeram entrevistas em profundidade com alguns indígenas. O autor desta dissertação fez diálogo com o atual cacique Célio que descreveu algumas dinâmicas da comunidade e povo Terena, além, é claro, de apresentar alguns fatos sobre sua história e de sua família e parentes. Durante a conversa, se percebe que ele acessa alguns dados com saudosismo – o que torna evidente pela sua linguagem não verbal (olhar para o vazio lacrimejando), em momentos de tensão o entrevistado usava muito a estratégia de rir, além de justificar uma prática, sendo bastante detalhista.

Com as atividades propostas para o dia encerradas, o grupo se retirou da comunidade, às dezenas horas, com o compromisso de retorno no dia vinte de setembro para orientações sobre carreiras e profissões com os alunos do ensino médio. Sem mais, os participantes se despediram.

8.6 ANEXO F

Ao vigésimo dia do mês de setembro do ano de dois mil e dezenas, às dez horas e trinta minutos, na aldeia Terena Bananal – localizada próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se os acadêmicos Adriana Sordi e Thiago Muller, pertencentes ao programa de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, acompanhados da acadêmica de graduação em psicologia Sâmela Lima (Unigran capital).

Quando chegamos à escola estadual da comunidade, logo nos deparamos com a ausência da professora Naira – esposa do atual cacique. Porém, em quarenta minutos ela nos

recebeu e nos acompanhou até que o almoço preparado para que nos fosse servido. Durante esse momento, conversou com a equipe sobre alguns itens da comunidade, como: a diferença estrutural entre a Bananal e Ipegue, a caracterização da criança indígena como sendo até os quinze anos – momento em que, no caso das meninas, já arrumam relacionamentos e casam-se -, além de pequenas histórias sobre sua família.

Após o almoço, percebemos que houve uma falha na comunicação e que, mais uma vez, os alunos do ensino médio não estariam presentes para um diálogo sobre profissões que havia sido ofertado – cabendo ao grupo apenas a realização de uma entrevista em profundidade, desenvolvida pela acadêmica Adriana Sordi.

Em momentos finais à visitação, o grupo combinou com a professora Naira um retorno no dia três de outubro, para último encontro com o professor Rafael Zanata que falará sobre técnicas de redação, aliado à acadêmica Sâmela Lima que dialogará sobre as profissões presentes na formação superior. Sem mais, o grupo se despediu às 15 horas em retorno a campo grande (MS).

8.7 ANEXO G

Ao vigésimo quarto dia do mês de outubro do ano de dois mil e dezesseis, às dez horas e trinta minutos, na aldeia Terena Bananal – localizada próxima a cidade de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul, reuniram-se os acadêmicos Adriana Sordi e Thiago Muller, pertencentes ao programa de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, acompanhados da acadêmica de graduação em psicologia Sâmela Lima (Unigran capital).

Na ocasião, todos compareceram à comunidade com a proposta de auxiliar a escola estadual de ensino médio em um teste de sondagem para profissões. O público selecionado foi de alunos do terceiro ano – prestes a realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Realizaríamos o trabalho no período vespertino, porém a professora Nayara, acompanhada pela diretora da escola, pediu para que pudéssemos realizar naquele instante, aproveitando, assim, os alunos que já estavam na unidade.

Enquanto Adriano Sordi e Sâmela Lima seguiam os procedimentos, o pesquisador Thiago Muller localizou a esposa do Personagem-PAI para que pudesse coletar desenhos segmentados com seu filho. A iniciativa foi desenvolvida após perceber na entrevista em

profundidade com o Personagem-Pai a narração de elementos não-indígenas em contato com a criança. O personagem-pai estava viajando a negócios. A mãe autorizou a participação de seu filho e foi buscá-lo para a realização da atividade. Trinta minutos depois chega a criança com banho tomado e acompanhada pela mãe

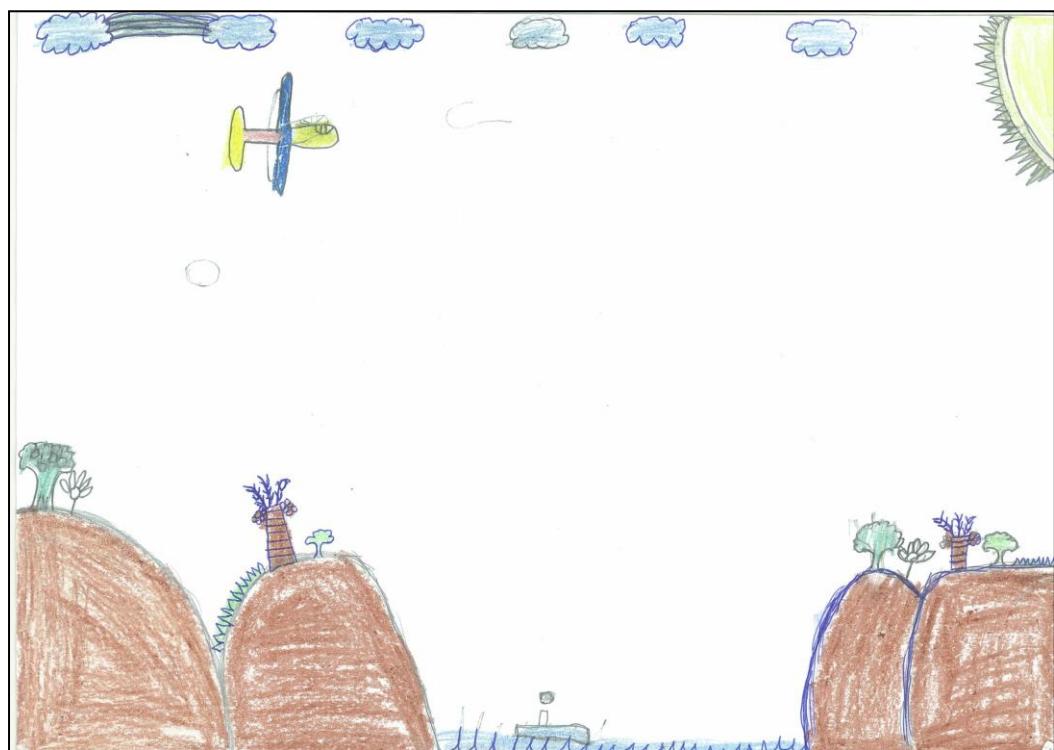
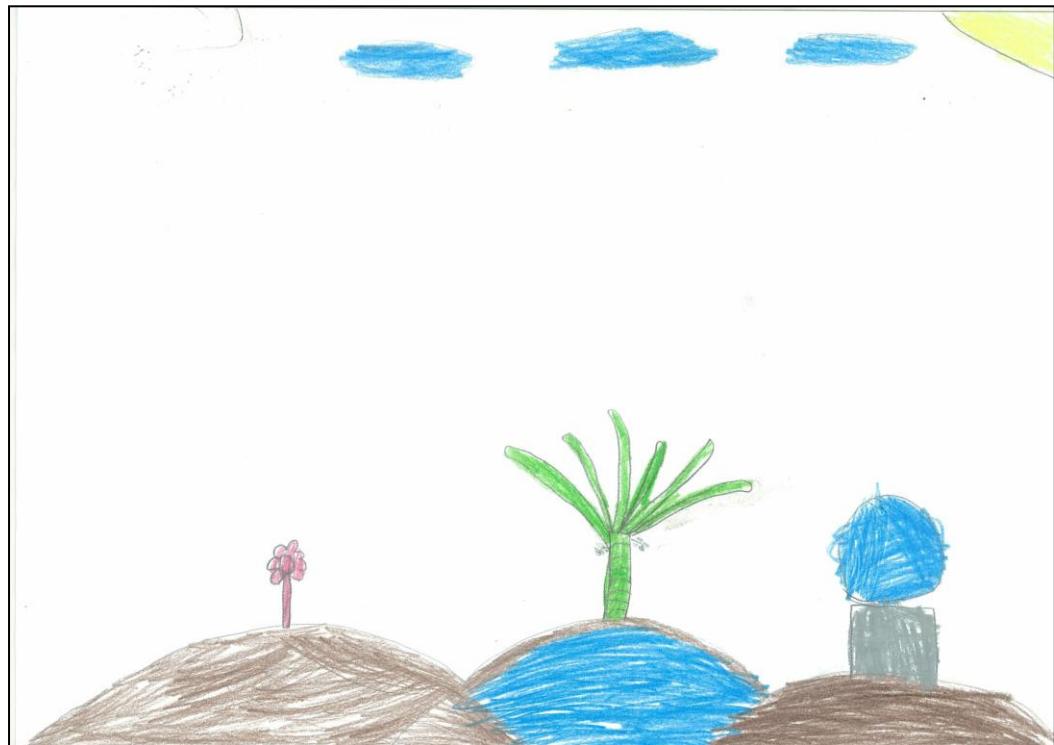
A atividade aconteceu em uma sala de aula distante dos alunos do ensino médio que estavam sendo orientados profissionalmente. A dinâmica foi explicada para a criança e os materiais distribuídos (sulfite, lápis, lápis de core, giz de gera, canetas e canetinhas). Foram solicitados apenas desenhos segmentados, a primeira proposta foi utilizada apenas como técnica de *break-ice* (quebra gelo). Os primeiros vinte minutos foram supervisionados pela mãe do desenhista. A intervenção durou aproximadamente sessenta minutos. Para que os textos não-verbais fossem mais bem compreendidos, foi realizada com a criança uma entrevista com período de tempo curto. Cabe registrar a alegria do menino em produzir o texto não-verbal – sua segurança em assumir os traços desafiados era interrompida apenas em um momento de análise para a escolha dos lápis de cores ou giz de cera que usaria para colorir.

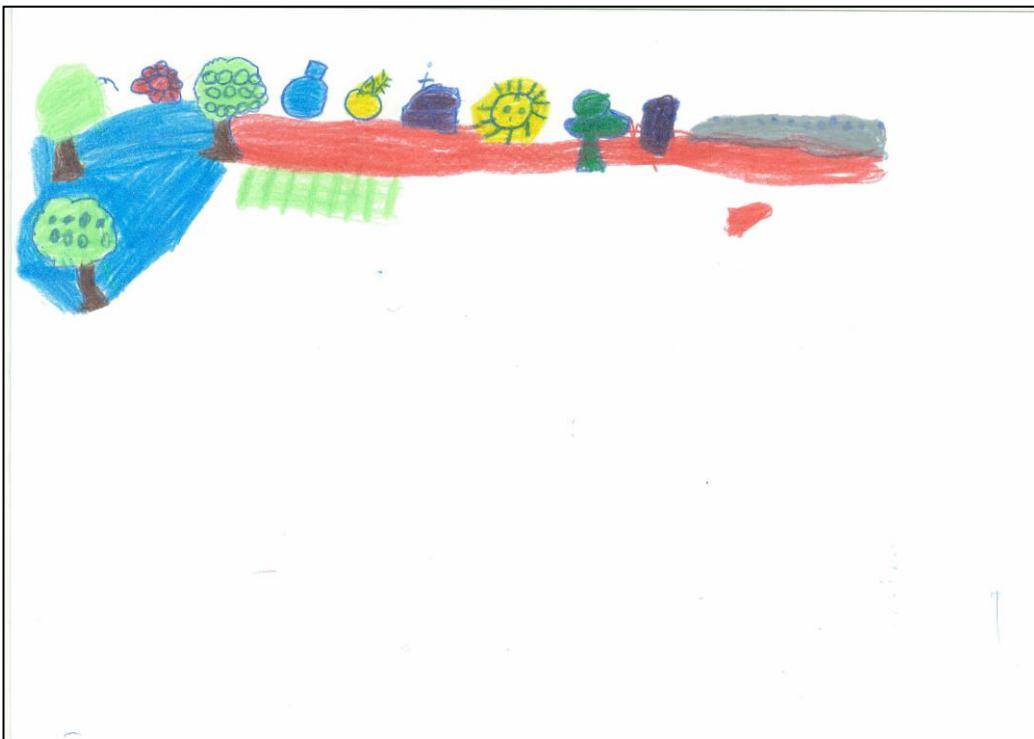
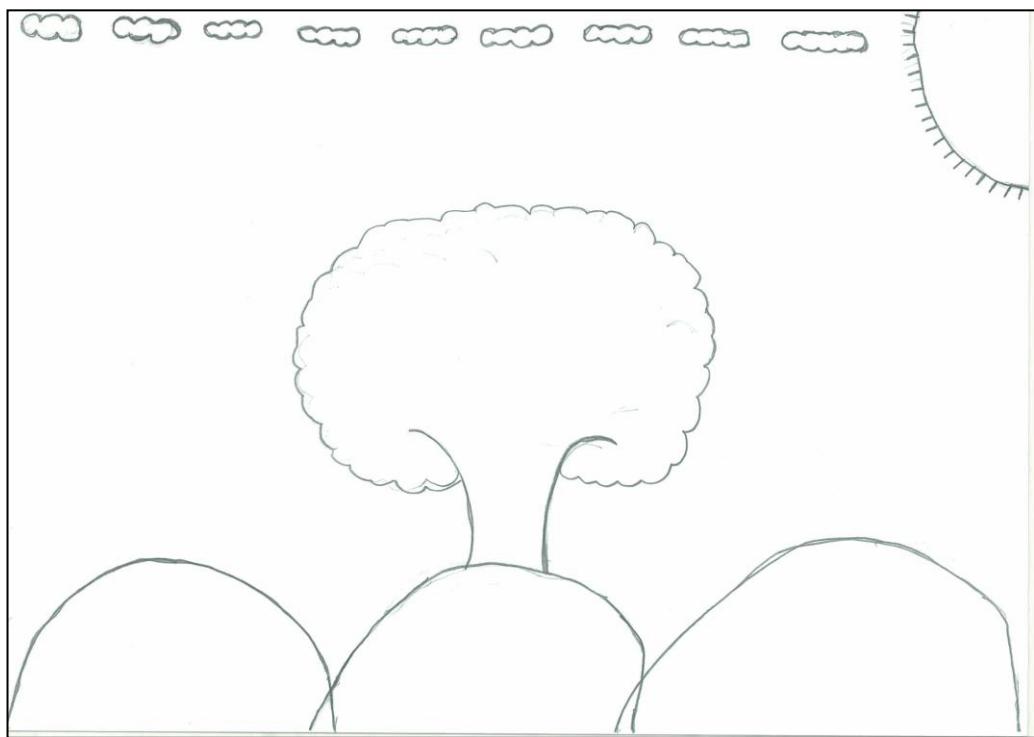
Ao término das atividades, os pesquisadores foram convidados para almoçar com a comunidade escolar. Após isso e sem mais, o grupo se despediu às treze horas e retornou a cidade de Campo Grande (MS).

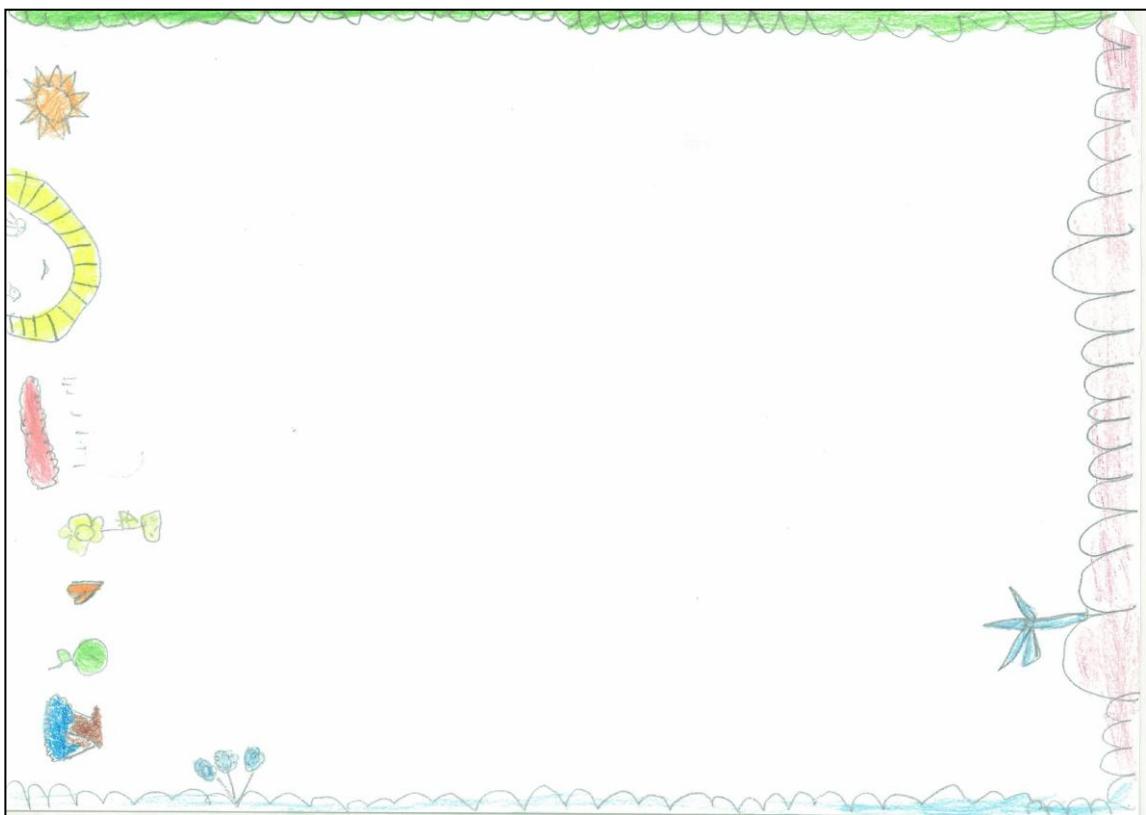
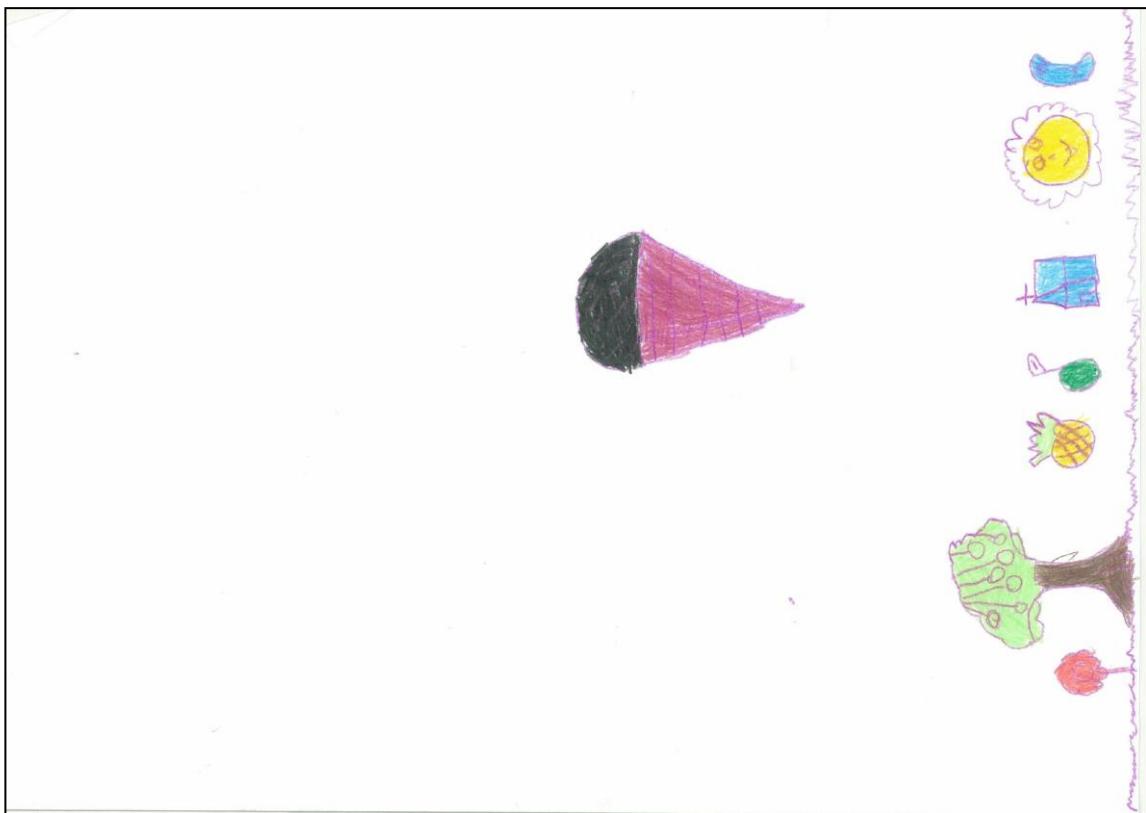
8.8 ANEXO H

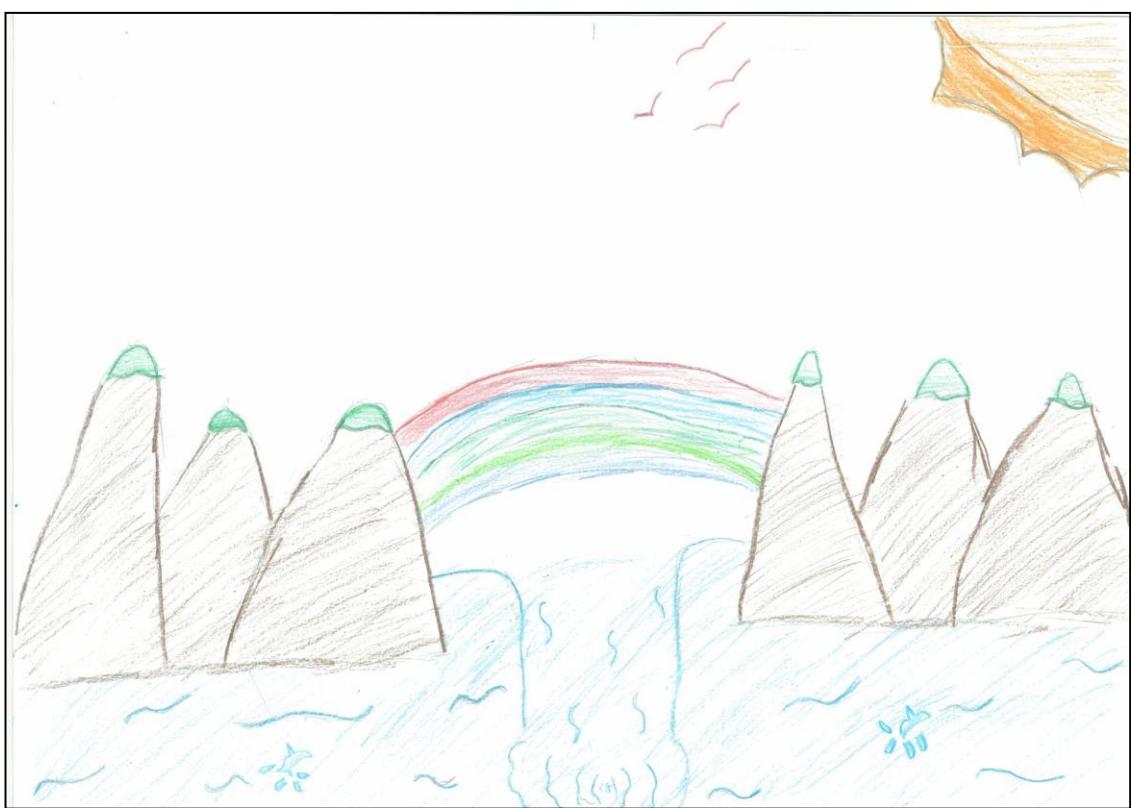
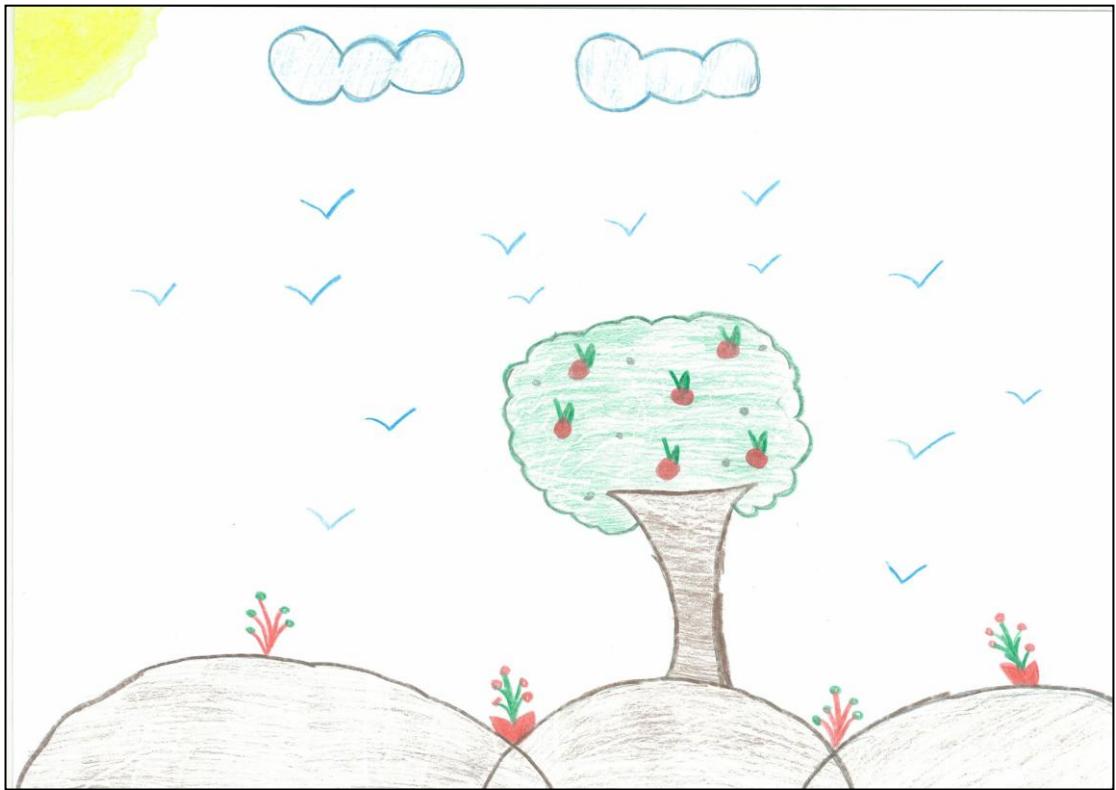
Desenhos infantis obtidos no vigésimo terceiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis com crianças da escola de ensino fundamental Marechal Rondon, localizada na aldeia Bananal – distrito de Aquidauana.

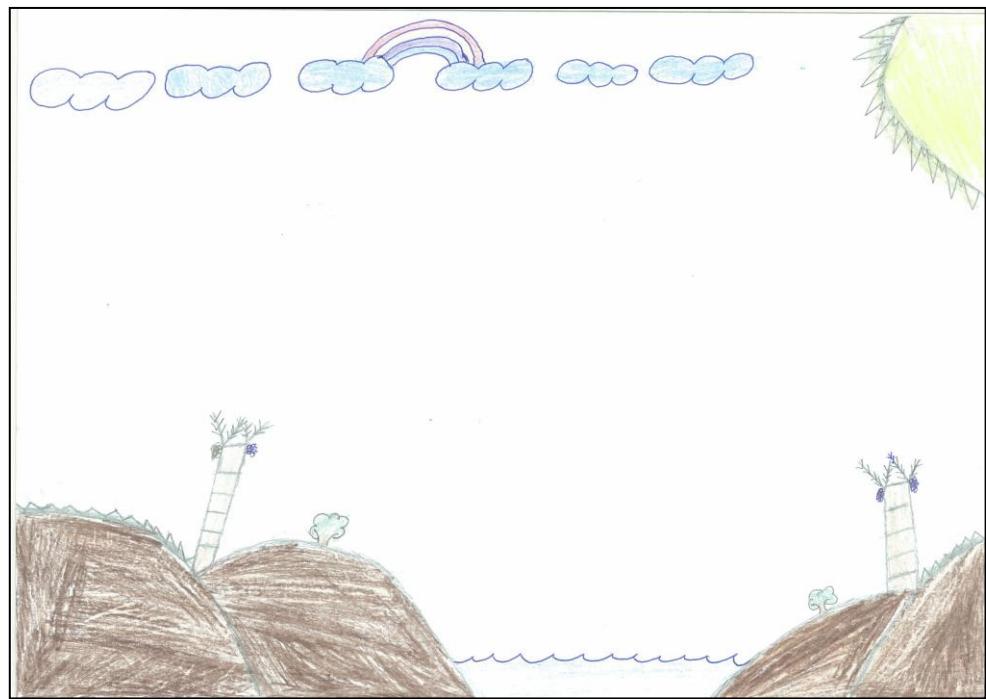
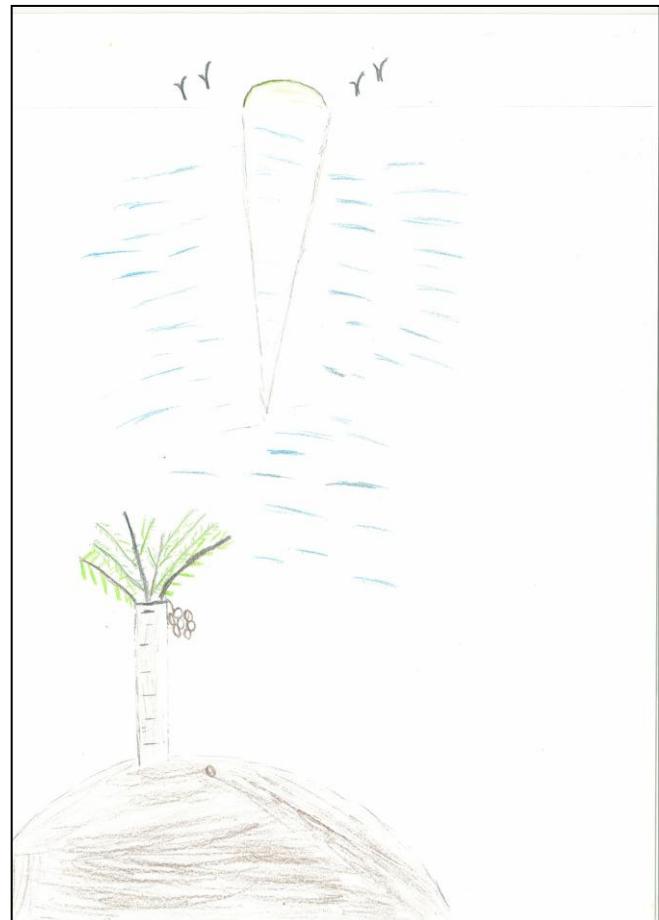


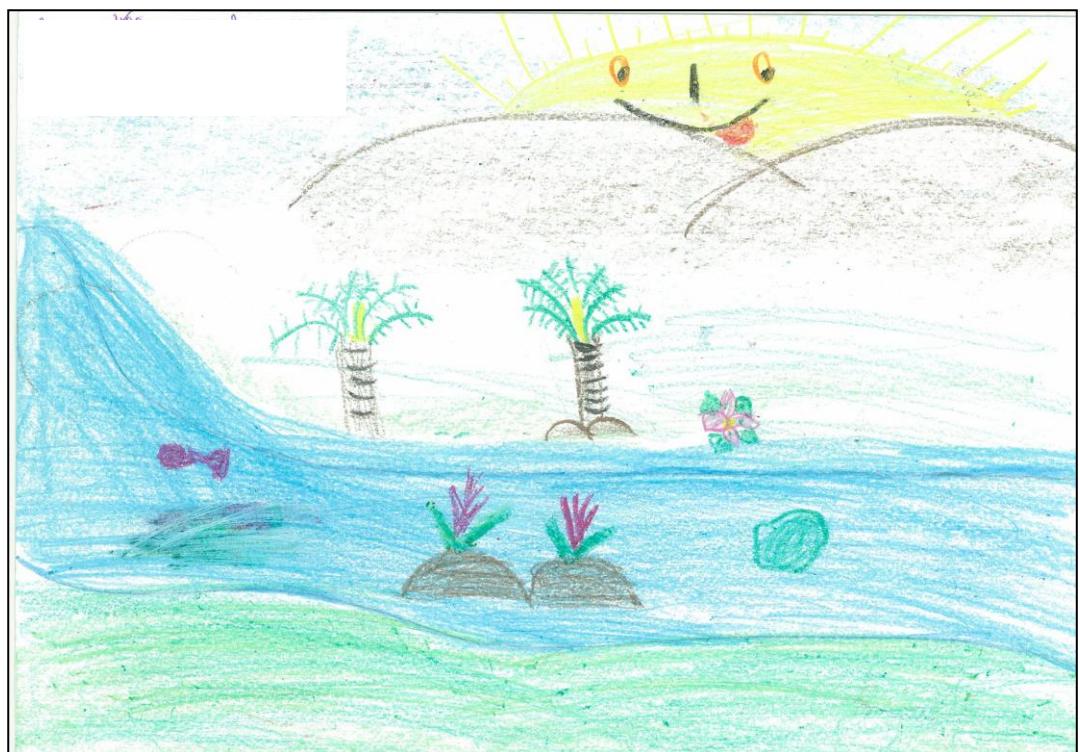




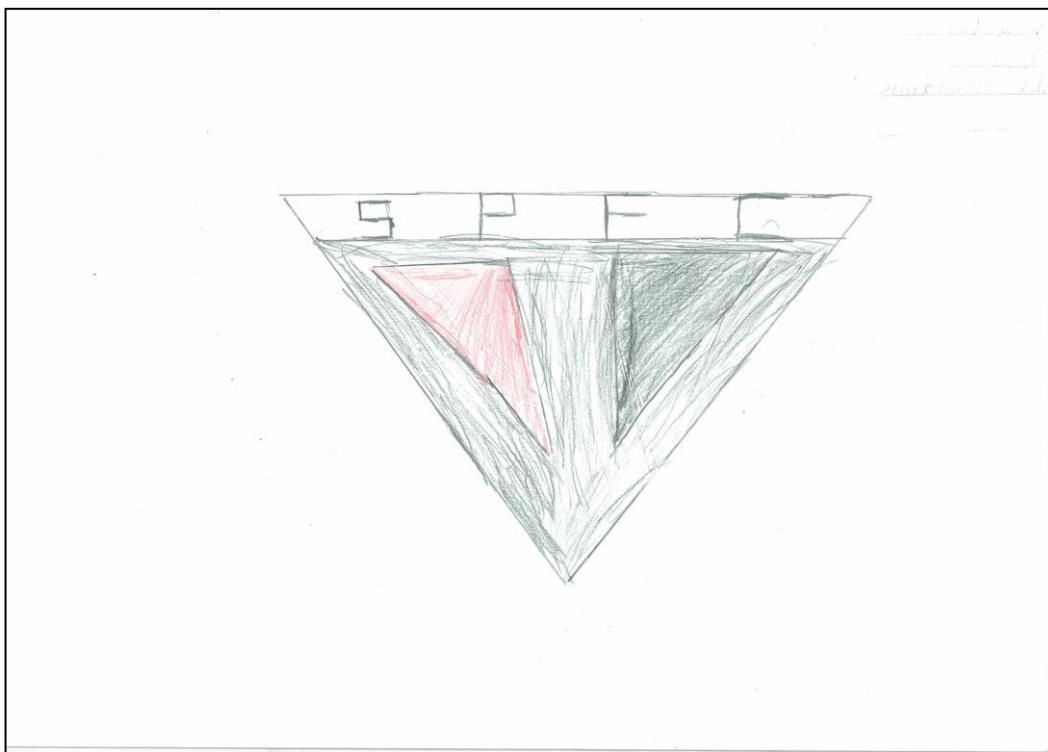
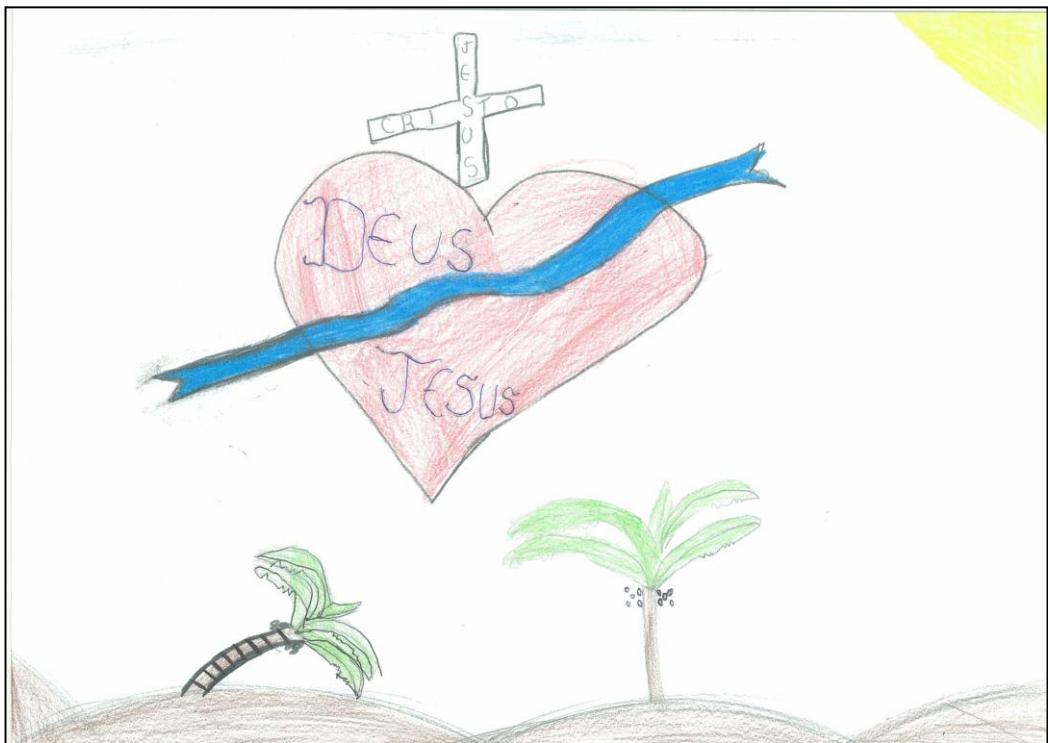












8.9 ANEXO I

APRESENTAÇÃO⁹

Essa Pesquisa faz parte da minha dissertação de Mestrado. Então, depois que eu trouxer o Termo, eu não vou identificar você com homem - pode ficar à vontade. Não existe um tipo de resposta correta ou errada - é só para eu entender e não escrever nada que seja diferente da realidade. Ou, até mesmo, falar coisas que nem são verdadeiras. É um trabalho que eu estou gostando muito, estar aqui conhecendo. Então, fique bem à vontade, se tiver alguma questão que você não queira responder. Fique à vontade também, se, antes de eu publicar, você fala assim: Olha aquela entrevista que eu dei, não coloca. Fique à vontade, também, para me avisar. Depois, vou fazer um termo assumindo esse meu compromisso de não identificar você, de não o comprometer de qualquer forma. Tudo bem?! Mas é só para eu conhecer, o meu projeto é sobre criança, criança terena. E como eu sou publicitário, é mais entender como funciona esse processo da criança com mídia, criança enquanto consumo, como que está acontecendo? Se não está acontecendo? Porque uma coisa eu ler artigo, estudar um lado e, outra, é eu conhecer a realidade. Esse contato é mesmo para conhecer essa realidade, por meio de alguém.

QUESTÕES¹⁰

P: Quantos anos você tem?

E: 33.

P: Idade de Cristo, heim! (rsss)

E: (rsss)

P: Você disse que é formado.

E: Eu não, sou formado. Sou licenciado na área da linguagem.

P: Linguagem?

E: É, linguagem! Um curso licenciado pela Federal, ela abrange quatro áreas. Dentro dessa linguagem, eu posso dar aula de português, literatura, educação física e artes.

⁹ A entrevista foi realizada com o pai de uma criança, pois sua mãe estava em viagem de estudos. Tendo disponibilidade de tempo e forte aproximação com o filho, o entrevistado se propôs a participar do processo.

¹⁰ A letra “P” descrever uma abreviação para pesquisador, enquanto a sigla “E” é utilizada para entrevistado. O entrevistado foi nomeado como PERSONAGEM-PAI para proteção de sua identidade.

P: Sabe quem comentou que tinha esse curso? Acho que foi seu irmão.

E: Sim, ele trabalha aqui.

P: Trabalha aqui? (referindo-se à Escola Estadual do Ensino Médio de Bananal)

E: Esse curso, ele faz também. Ele já é formado inclusive, é uma grande honra porque hoje ele foi convocado - convocado mês passado -, e hoje, ele foi dar aula de um curso onde ele se formou, com essa nova etapa.

P: Na Federal?

E: É na Federal. É aqui em Aquidauana.

P: Nossa!

E: É nela que a minha esposa tem aula e ela foi pra área da linguagem, também.

P: Entendi.

E: Aí, o meu irmão (PERSONAGEM-IRMÃO) vai dar aula lá, também.

P: Como vocês descobriram? Como surgiu esse curso?

E: Na verdade, é uma demanda! Uma conquista das comunidades indígena. Um projeto. E, nos queremos que esse Pólo se torne permanente - tanto é que, através da política, também, nós já estamos trabalhando -, o atual representante que foi eleito - Heitor Turini -, nós tivemos uma conversa com ele e ele se comprometeu a se empenhar, em fazer, criar a faculdade indígena.

P: Que é totalmente gratuita?

E: Gratuita, gratuita. Então, alguns são formados na área da linguagem.

P: Há quanto tempo, já?

E: Ha praticamente um ano e alguns meses. E eu me formei ano passado, abril do ano passado, nós colamos grau.

P: Como é que faz o processo de conclusão: um artigo, um TCC? Como é que é?

E: Um Banner que nós fizemos, mas é como um artigo, né?

P: Aham. Quanto tempo?

E: O que, o curso? O curso é de quatro anos.

P: Quatro anos? É uma graduação?

E: É, uma graduação! Ela tem um período presencial, no qual minha esposa tá participando agora, que é de duas semanas e o período comunidade, que é onde os alunos vem e voltam prás suas comunidades com base das entrevistas, entendeu.

P: E o processo seletivo?

E: Na verdade, ela veio pra atender a demanda de professores indígenas sem formação. Esse que ela ta fazendo é a segunda turma - nós fomos a primeira turma. Eu fiz processo seletivo, passei pelo vestibular, mas dessa vez não teve vestibular. Foi tudo assim, diminui - na verdade só os professores que não tinham formação mesmo, inclusive aqui no Bananal, só dois que foram, que entraram, estavam dando aula no ensino fundamental - series final no ensino fundamental e no ensino médio.

P: Isso é só para os professores do colégio do ensino médio ou fundamental, também?

E: Fundamental, também. Do sexto ao nono ano que não tem formação. Ela tem vaga garantida, lá. Mas, a intenção é criar outro formato lá pra frente, criar um vestibular. Na criação da faculdade indígena, a gente tem a intenção, também, de trazer outros cursos né. E, ai por fora, to com esse projeto: trazer o curso EAD aqui pra dentro da aldeia, também.

P: Aqui, a escola tem wifi?

E: Tem.

P: Só que a Municipal ali da Rondon não? Só a Estadual que tem?

E: Tinha, não sei se tem ainda tem. Aqui, por dois anos os professores pagavam, agora que chegou do Governo Estadual, do governo Federal, agora que foi instalado.

P: Na comunidade?

E: Não, só na comunidade escolar mesmo.

P: Há entendi! Célio, o que é criança para a comunidade, o que é criança, como vocês percebem criança?

E: Criança?! Uma boa pergunta (risos).

P: Por exemplo: você vê, fala "ah, criança é".

E: Ah, tá! Nós consideramos a criança até certa idade, vamos dizer assim: uns quinze, dezessete anos.

P: Entendi!

E: E é uma parte da família que é mais sensível, né! Então, pra nós a criança é primeiro lugar.

P: Por quê?

E: Sério, por que pra nós ela é! Você conhece a nossa geração, a nossa família.

P: Aham!

E: Ela depende muito de nós, então nós precisamos orientar essa criança pra que elas mantenham as nossas crenças, por que, se ele a é criança é o nosso futuro, os nossos direitos. A nossa família vai acabar, então, pra nós, é a parte mais importante da família.

P: Tem uma média de filhos por família, hoje, por exemplo, sei lá, a média por cada família são três?

E: Engraçado Professor, na verdade, a geração do meu pai - engraçado que eles tinham entre oito e dez filhos. Hoje a nossa geração já é diferente. Eu tenho quatro, mas o meu irmão tem dois, a outra irmã minha tem três. Quer dizer, a grande maioria dos meus amigos, minhas amigas, meus colegas, praticamente entre três/quatro, dois, três, quatro, já é a metade...

P: Isso em quanto tempo, trinta e três anos? (risos)

E: É, trinta e três! Na verdade, meu pai, né. Eu não sou o mais velho, eu sou o terceiro, meu irmão mais velho deve ter, quase beirando cinquenta.

P: Nossa!

E: Quase cinquenta! O Personagem-irmão-primogênito. Aí, a personagem-irmã, ela deve ter uns quase quarenta. Aí, o meu irmão tem uns trinta e poucos. Eu tenho trinta e três, eu sou o terceiro, quarto da família.

P: Vocês são em?

E: Oito. Na verdade meu pai teve dez filhos, morreu dois. Então, geralmente na época do meu pai, eles tinham nessa faixa aí, de oito a dez filhos. Mas, ainda tem, ainda tem famílias que tem em torno de sete. Engraçado que, eu acho que quanto mais instruído a família, ela acaba....

P: Reduzindo?

E: Reduzindo, né. Por exemplo, nós, eu queria ter mais filho, só que a gente conversa bastante, eu e a Nayara. A Nayara, principalmente quer fazer a pós-graduação, mestrado,

doutorado. E o meu sonho, tratamento com a comunidade mesmo, um dos projetos meu é chegar à câmera Municipal, ser vereador, um sonho que eu tenho é esse.

P: Não é impossível?

E: Acostumado a fazer, mas como eu falei se tiver uma criança no meio, a gente deixa de lado essas coisas, e a gente tem que focar.

P: Para cuidar da criança?

E: Pra cuidar da criança. Que nem eu falei. Hoje, eu não quis falar, mas eu cuidava dos meus filhos mesmo, por que eu precisava dar banho neles, alimentar eles, prepara pra ir pra escola.

P: Quando, por exemplo, você que tem uma rotina de Cacique muito forte, Nayara também professora, quando tem algo que envolve vocês dois, quem que cuida dos seus filhos?

E: Minha mãe e meu pai, às vezes a tia dela, mas poucas vezes. Às vezes, é outra pessoa, mas é minha mãe e meu pai que ficam com eles ali, eles gostam também, né.

P: Deixa eu perguntar: você não sabe se tem algum mito, por exemplo: quando descobre que a menina está grávida, faz alguma festa, alguma celebração?

E: Não. Não tem.

P: Já teve?

E: Não, pelo que eu saiba, não. Na verdade, o nascimento da criança, hoje, como nossa família é Evangélica, o que a gente faz, a gente apresenta ela, a gente entrega na mão de Deus. Apresenta ela na igreja, como se fosse o batismo da Igreja Católica. É isso que a gente faz, entendeu? Não tem um ritual que existe. O ritual que existe é os quinze anos da mulher. Isso a grande maioria da comunidade ainda faz, quinze anos, a festa de debutantes que eu acho que os Brancos fazem também, né.

P: Nos quinze anos então a criança, deixa de ser criança para entrar na adolescência, a menina?

E: A menina.

P: Você acha que existe esse termo adolescente aqui?

E: Existe, existe inclusive tem uma palavra num idioma que fala que o rapaz é adolescente né, é moça, moço rapaz.

P: Você tem como escrever isso aqui no papel para mim?

E: Homoehov (rapaz), Ârunóe (moça) - É que eu não escrevo Terena direito.

P: Tem alguma criança?

E: Uhum. É Kalivôno.

P: Isso aqui é só para Terena ou indígenas?

E: Terena, acho que mais ou menos assim. A Personagem-esposa que sabe escrever. Criança.

P: Nossa! Isso é só para Terena?

E: Só pra Terena.

P: Não é só para o pessoal da comunidade?

E: Não, todo pessoal aqui da comunidade fala assim.

P: Você não falou assim: Que quando a criança nasce, vocês apresentam a criança para a religião evangélica, sua família sempre foi evangélica?

E: Olha, desde que eu comecei a entender as coisas, né, meu pai sempre nos levou pra igreja, meu pai é desviado¹¹ na verdade, né, é, nós, eu acho que não, por que minha mãe sempre conta que ela sempre levava ele no culto. Inclusive aconteceu um fato - foi antes do meu irmão mais velho, antes de mim. Veio o primeiro que é o Cesar, depois veio a Celma, aí depois da Celma, morreram dois e, nessa época, meu pai e minha mãe ainda não eram dessa religião que são hoje - não eram evangélicos, eles levavam em benzedores, né.

P: Ah, aqui tem?

E: Aqui tinha, tinha bastante, tem ainda, mas muito pouco. Tem é Pajé, então como morreu esse dois aqui, aí eles iam, porque, ela conta, né, que eles iam nesse Pajé e foi onde o meu irmão que sobreviveu pegou o nome do meu pai Celso Filho, porque foi uma orientação do Pajé - tinha que colocar o nome do meu Pai pra não morrer mais, daí, depois dele, eu vim. Tem mais quatro depois de mim - mais cinco depois de mim, né. Então, somos entre oito e, aí, desde que eu me lembro a gente freqüentava a Terceira Igreja Batista Independente...

P: Evangélica?

E: Evangélica – que é a primeira Igreja aqui na região. Foi deles, aí, depois veio a Igreja Católica, a Igreja Pentecostal, aí, ela não criou Igreja independente.

¹¹ Termo que significa, religioso que não pratica as ações evangélicas.

P: O meu padrasto é missionário de uma Igreja Pentecostal e ele diz que você vai, é uma para outra experiência, o louvor é diferente. Tem a revelação, também.

E: E a aldeia já não acredita nisso.

P: Você é qual?

E: Pentecostal, ela era totalmente indígena - até o final do ano passado. Agradeço muito a Deus por meu pai ter me ensinado esse caminho, sei que na minha adolescência eu desviei, né. Me batizei ano passado - retrasado-, praticamente dois anos de batismo eu tenho. Eu me envolvi com o álcool - até depois de casado, eu era viciado, mas Deus muda nossa vida. Eu falo que muda, porque mudou. Você entendeu, na comunidade, não era assim. Ninguém esperava nada de mim praticamente, né, de mim, da minha esposa - que é a Personagem-esposa - na família dela todos são católicos. Ela ta vendo que realmente Deus muda a vida das pessoas, por que na verdade ela foi muito perseguida. Ela fez magistério quatro anos, o pessoal humilhava ela, mas Deus tem nos honrado, ele me ensinou.

P: Você é muito apegado ao seu pai?

E: Desde criança...

P: Desde criança?

E: Minha mãe conta, né, que quando tinha uma reunião de gente grande, eu estava. Assim como meu filho menor hoje – aí, eu me vejo nele.

P: Você não diz não para a criança?

E: Não.

P: Você percebe isso na sua família ou na comunidade: O menino mais ligado ao pai ou a menina mais ligada a mãe, existe ou não?

E: Existe.

P: Existe. Por que você acha?

E: Não sei explicar, não sei explicar. Talvez, é (pausa) eu não sei explicar. (ele comenta que ganhou um instrumento de guerra de um amigo e, às vezes, quando em uma reunião difícil, ele a carrega. Percebendo isso, seu filho menor o ajuda, pegando-a) – o áudio ficou inaudível.

P: Borduna?

E: Borduna é uma flecha grandona.

P: Meu Deus! (risos)

E: (risos) Um símbolo de Guerra. Aí, nas reuniões - ele sabe que eu não vou contrariar ele, ele pede para não ir até a escola, diz que está muito cansado. Um dia eu estava em uma reunião com clima bem pesado. Ele saiu correndo e voltou com a Bordona. Eu penso, assim como eu e meu pai, de repente, ele pode ser o meu sucessor - daqui a não sei quantos anos. Eu fico pensando nisso. Quando eu vi ele vindo com essa Borduna, ai falei pra o meu cunhado, que é o meu vice, um dia ele vai ser meu sucessor.

P: Como você foi do seu pai!

E: É. Entendeu. Deve ser sobre isso, alguma ligação. O porquê dessa ligação eu não entendo direito, não consigo explicar. Eu o vi sentado do meu lado e, de repente, estava a Bordona do lado dele. Trouxe e deixou na mesa. Eu carrego ela não para brigar, mas para mostrar respeito,

P: Como que ganha ela? Foi seu pai que lhe deu ou você quem fez?

E: Esse daí, eu ganhei. Foi em um evento que fui. Foi lá em Juazeiro. Teve um encontro de indígena lá, eu fui, aí, eu conheci um cacique que conversamos bastante. Até que ele me deu, eu acho que ele disse que eu precisaria dessa Borduna. E, na minha posse, eu passei. Nós fizemos um ceremonial ali. Tava passando um bastão. E, ai, não foi eu que fiz, ganhei de presente e tá comigo. Agora do meu cunhado acho que ele que fez ou ganhou.

P: Isso que eu ia perguntar a você. Estou lembrando que, agorinha há pouco, você disse que as únicas celebrações que fazem são das meninas que viram moças - fazem essa festa de quinze anos que mostra que ela já está crescendo e deixa de ser criança. Tem alguma coisa para o menino? Assim que chega um momento em que o menino está com bastantes hormônios. Um amigo conversa com ele sobre sexo, pai conversa ou não, deixa ele aprender sozinho?

E: Eu não acho que, não. A grande maioria, era quase uma obrigação aqui das famílias, mas a educação foi quebrando isso. Mas a grande maioria aprende no Quartel.

P: No Quartel? E aprendia sobre isso?!

E: Todos os rapazes aqui serviram o quartel e aprender isso na vivência e no quartel, né.

P: E como é isso hoje?

E: Hoje. Na verdade a minha família, praticamente ninguém serviu na minha família. Nada contra o Quartel (risos). Meu pai dava prioridade pra gente estudar, ele sempre deu valor à educação.

P: Ele serviu?

E: Meu pai serviu, mas nunca teve esse momento do meu pai chegar e falar, é isso, é aquilo, não.

P: Qual que é a idade que o índio de Bananal costuma ter filhos?

E: Ah é muito cedo, né, é muito cedo - em torno de quinze e dezesseis anos tão casando - ta amigando. Eu e a Personagem-esposa não somos casados, nós nos conhecemos, ela com quatorze e eu com dezesseis anos. Aí, ela teve a personagem-filha1 aos quinze anos, tanto é que, eu tinha isso em mim: eu queria servir o quartel. Tava tudo certo, já, cheguei lá - no quartel -, na última entrevista tava assim, até minha roupa já tava separada já. Eu lembro que a Personagem-esposa - eu fiz uma horta-, eu falei pra Personagem-esposa cuida da minha horta, só que a minha menina personagem-filha1 - a mais velha já tava com duas semanas, não, tava com um mês. Cheguei lá, fiz a entrevista. O Sargento perguntou pra mim: "tem certeza que quer servir"? Falei não. Falei na hora, eu não quero servir, porque sou pai de família, não pensou duas vezes, pegou um papel de baixo da mesa e disse: "você tá dispensado tá, assim de um jeito bem tosco mesmo. Eu fiquei até sem jeito, um monte de gente dispensado, falei: "O que, que eu fiz?" Era o que eu queria. Personagem-esposa tinha aceitado, tava tudo certo, não precisava fazer aquilo. E os meus, da minha geração, tava tudo lá - alguns cortando o cabelo. Eu comecei, naquele momento, a me arrepender. E ele começou um a um, de novo. Chegou minha vez, eu perguntei: "tem como voltar atrás? "Eu fiz a maior burrada da minha vida, porque eu falei que não quero servir, mas eu quero servir". Ele falou assim: "primeira coisa, você vai sair daqui como um homem e homem não pode voltar atrás. Você falou pra mim que não quer servir por quê?", falei: "não. É que minha filha nasceu tem, praticamente, um mês". "A partir de hoje, você tem que começar a tomar decisões e você, como homem, pelo menos isso o Quartel vai te ensinar hoje! Você não vai voltar atrás. De todas as coisas que você for fazer e outra o quartel só te ensina uma parte do que a vida vai te ensinar, disciplina, tudo mais, tem muita coisa que você vai aprender com a vida". Tive que facilitar voltei pra trás. Fui embora, cheguei em casa. Então, eu acho que eu, mas hoje que não da, mas tem ainda um numero grande de gurizada que serve o quartel. Mas alguns não querem servir, alguns deles.

P: Qual é a rotina das crianças aqui da comunidade?

E: É escola e casa. Falar a verdade não tem uma. É com família mesmo.

P: Não tem nenhuma? Nenhum atrativo? Aqui, eles estudam a tarde?

E: Alguns à tarde e de manhã.

P: Tem o período matutino. Por exemplo, seus filhos, quando eles não estão na escola o que eles fazem?

E: Eles brincam bastante, ficam com o meu pai - o avô deles. Meu pai conversa muito com eles, conta história, bastantes histórias.

P: Você sabe quais são essas brincadeiras o modo delas, como que é?

E: Na verdade, é eles brincam. Aqueles que toda criança brinca: carrinho, futebol, algumas brincadeiras tradicionais, mas um dos meus filhos, hoje, eles brincam, principalmente o personagem-filho, ele gosta muito de televisão.

P: Televisão?

E: Televisão. Acorda de manhã, ele já quer assistir (risos).

P: Desenho?

E: Desenho.

P: E que desenho, você sabe?

E: Como é o nome daquele desenho (ele tenta se lembrar do nome)

P: Você lembra como ele é também, ou não?

E: Ele fala muito do Bob Esponja, mas tem um desenho de manhã que ele assiste, eu não sei o nome.

P: De lutinha, de corrida?

E: Ele fica até certo horário, ele já sai pra fora, começa a brincar.

P: Ele gosta de assistir ao desenho?

E: Gosta, ele e a irmã dele.

P: Que idade eles têm?

E: A personagem-filha2 tem sete e o personagem-filho tem seis. Antes de vocês chegarem, eles estavam tudo brincando, correndo pra lá e pra cá. A personagem-filha2 ganhou de presente da mãe dela uma boneca e ficou brincando com a boneca, junto com os primos dela.

P: Vocês dão brinquedos para eles?

E: Compramos, compramos.

P: Que mais eles gostam?

E: o personagem-filho gosta mais de jogar bola, correr. Aquelas brincadeira, assim, de "esconde-esconde", sabe, eles não brincam mais. Eles brincam mais é com isso, né, futebol.

P: E a menina brinca de boneca?

E: Com a boneca, ela com a prima dela. Porque na verdade ali a minha casa, meu pai aqui e do outro lado a minha irmã, então minha irmã tem uma filha de quatro aninhos.

P: Quase da mesma idade?

E: Quase da mesma idade. Aí, às vezes, a prima da minha sobrinha, às vezes, chega e se junta aqui.

P: E eles gostam, você falou que o Thomaz aprendeu assistir à TV, eles gostam de mexer em celular, computador?

E: Gostam, eles amam. Nós baixamos aqui, só que, eu não dou muito o celular porque hoje tem o wifi, né, eu falo pra eles que isso não tem no celular deles.

P: E no computador? (risos)

E: Nem no computador, também (risos).

P: Sério?

E: Eu que não deixo. Porque, assim, uma vez que eles aprendem essa ferramenta, como a gente não para, pode usar de forma errada, né, então assim uma precaução. Que nem moto, o meu guri chegou um dia desses disse, "pai me ensina a pilotar a moto"?

P: O personagem-filho de 6?

E: Não, o meu mais velho, o de 12 anos. Falei: "meu filho, então, pra que você não precisa? "Não, mas todos os meus amigos tão andando de moto", falei: "não, os seus amigos, mas você na hora certa, você vai tirar sua carteira, você vai ter sua moto, mas agora não". Ele ficou

bravo, a personagem-filha1 também que é a mais velha, mas eles entenderam que não é porque não quero, que não gosto deles, mas é por cuidado. Tive uma conversa franca com eles, mostro pra eles que realmente e já aconteceu vários acidentes aqui de moto e eu uso esses acidentes como exemplo, que criança, não sabe o quanto é perigoso.

P: E eles gostam de ouvir musica?

E: A personagem-filha2 adora, adora. Mas a personagem-filha1 também gosta.

P: É mesmo. Você tem quantos filhos?

E: Quatro. O personagem-filho é o menor, personagem-filha2, o personagem-filho1, personagem-filha1 é a mais velha.

P: personagem-filho é o caçula, que é o que acompanha você. (risos)

E: (risos) Inclusive, eu fui agora esse final de semana. Eu tava visitando algumas casas, nessa campanha política, né, chorou que queria ir.

P: Já aconteceu personagem-pai alguma vez, que você foi comprar presentes para eles, eles pedirem presente específico ou vocês perguntarem: “o que você quer?”, “papai vai dar um jeito de comprar para você”?

E: Então, na verdade, querem presente caro (risos), brinquedo caro. Mas a gente sempre pesquisa, por exemplo: a boneca tava em promoção, agora na semana, compramos uma bonecona, um brinquedo de cento e vinte reais, parece,

P: Nossa.

E: Por isso que eles tão ligado, com o brinquedo que, né. O personagem-filho, ele pede aqueles carrinho motorizado. É aqueles que a gente leva eles pra cidade.

P: Eles vão mais a Aquidauana?

E: Aquidauana. Aí, eles pedem muito aquele que eles possam pilotar.

P: Ah, eu sei!

E: Tipo, motinha de quatro pneus - ele pede esse, mas eu falo é caro! Aí, ele pediu uma arma, nós compramos uma arma de brinquedo, porque é difícil achar um brinquedo arma, porque disse que é proibido, né.

P: É. (risos)

E: (risos) Mas fecha e é isso.

P: Deixa eu lhe perguntar, há mais algum outro tipo de brinquedo?

E: Tem super herói também. Aqueles bonequinhos, eles gostam, também, e a gente compra pra eles, que é mais barato.

P: Aqueles bonequinhos?

E: Isso. Agora o meu filho, ele agora, ta, fascinado com vôlei. Depois das olimpíadas, né. Eles assistiram algumas partidas. Ele também, ta, começando a largar de ser criança. Ele pediu bola de vôlei, eu comprei. Toda tarde, eles tão jogando vôlei agora - ele e os amigos da faixa etária dele, treze e quatorze anos, num campinho de vôlei que eles fizeram, adequaram, eles gostam muito de vôlei.

P: Falando aqui em admiração de esporte, o caçula, ele gosta de futebol?

E: Gosta de futebol.

P: Ele gosta do Neymar?

E: Não fala de Neymar, engraçado que ele não gosta dele, não fala.

P: Não tem nenhum jogador.

E: Engraçado que ele não gosta, não fala, na minha época era o Ronaldo, né, Romário, a gente brincava, a gente falava que era ele.

P: Então, ele é mais daqueles que gosta de assistir?

E: Não, só gosta só.

P: Agora vou perguntar a última aqui, você vê alguma diferença entre as crianças, a sua época de criança para as crianças de hoje?

E: Muito.

P: Que mais, por exemplo?

E: Na nossa época da idade do meu guri, eu e meu irmão a gente tinha quase que praticamente a mesma idade, o Celso filho. Na nossa época a gente caçava com estilingue, outra coisa que a gente fazia era o futebol - que mais a gente fazia, é isso a gente catava ovo, andava muito, né.

P: Explorava?

E: É, hoje não, hoje não é assim. Outra coisa que na época também tinha televisão, mas não tinha tantos canais, hoje tem vários canais, vários desenhos. Que mais que era diferente? Eu acho que é isso, a gente ia mais vezes na igreja, quase a semana inteira na igreja, hoje não.

P: Já chegou alguma vez dos seus filhos dizerem: ah, pai eu vi isso aqui na TV, não o próprio produto, mas para comentar alguma coisa, uma conversa?

E: Já, principalmente, todas as coisas que fazem. Graças a Deus, eles entendem - meus guris entendem-, mas tudo que eles vêem de novidade na televisão eles querem. Personagem-filho principalmente. Massinha, é não sei o que, eu procuro comprar, mas só que demora, mas eles pedem muito principalmente o personagem-filho. O guri mais velho já é mais assim, ele já tem um pouquinho de responsabilidade de ajudar os outros, sabe, por que a gente não para e ele já trabalha também, Inclusive dia vinte e nove de agosto, agora, foi aniversário da mãe dele, ele comprou bolo pra mãe dele.

P: Nossa, a mãe deve ter adorado?

E: Ele encomendou na menina ali da frente, dois bolos, comprou um bolo de cem reais.

P: Olha, comprou um bolo com dinheirinho dele!

E: Ai, eu tava em reunião em Campo Grande, foi no dia em que a professora ligou, eu tava em Campo Grande, lá no Ministério Público, eu vim de moto pra o aniversário da personagem-esposa.

P: É perto.

E: Ai, ele ligou pra mim, "pai, eu comprei bolo, a gente vai cantar parabéns pra mãe hoje à noite", tá bom, aí ele ligou que ele queria que eu comprasse refrigerante assim que eu chegasse. Eu cheguei já era oito horas, nove horas da noite.

P: E eles esperando?

E: Acordados, foi..

P: Eles dormem cedo?

E: Dormem - horário deles é sete horas todo mundo pra cama. Eles não passam desse horário e eles também não ficam chorando, obedecem. Como eu falei, eu converso muito com eles, explico, né, que quando a gente não dá, não é porque não quer, é porque, às vezes, eu percebo que eles sentem muito, mas aí o pai chega e conversa com eles, a gente aproveita muito quando a gente tem condições, nem sempre a gente tem condições de dar tudo, a gente tem

acesso ao mato, eu levo eles pra o mato, na verdade to devendo uma pescaria pra os dois, eles tão cobrando.

P: Professor, “líder” e pai, meu Deus.

E: Mas, na verdade o sonho da gente aqui dentro da aldeia é progredir, tudo que a gente faz, eu sei que se eu não conseguir, ao menos o sucessores lá pra frente. Eu quero ver essa aldeia com condições melhores, com emprego, com condições melhores, faculdade, que a gente pode, não é porque é aldeia que a gente não pode;

P: É verdade, é verdade.

E: Mas espanta o povo da comunidade quando eu falo isso, percebo que tem certa resistência sabe, mas estamos trabalhando pra isso.

P: Ah, acho que é isso. Nossa, ajudou muito, muito mesmo.

E: Espero, mas se precisar eu tenho muito pra falar sobre as crianças viu.

8.10 ANEXO J

Na ocasião, a criança que desenvolveu os desenhos segmentados foi ouvida para que pudesse verbalizar sua intenção de reprodução nos textos não-verbais produzidos. A atividade, entre produção dos três desenhos e depoimento, durou aproximadamente sessenta minutos. Muito bem à vontade, o menino não teve dúvidas sobre o que desenhar e, em um movimento analítico, sempre escolheu as cores para dar “vida” as suas gravuras. Quando encerrado a dinâmica, ele ainda pediu para que o pesquisador pudesse tirar fotos dele segurando seus desenhos, pois estava orgulhoso do material desenvolvido.

EXPLICAÇÕES DOS DESENHOS SEGMENTADOS¹²

P: Você se lembra o que eu pedi nesse desenho? (Referindo-se ao primeiro texto não-verbal)

E: Aham!

P: E o que eu pedi?

¹² O entrevistado foi nomeado como PERSONAGEM-FILHO para proteção de sua identidade

E: O que tem na minha casa!

P: E o que você desenhou?

E: Gato e cachorro.

P: Esse aqui é um gato?

E: Aham!

P: E esse aqui?

E: Não, esse aqui é um peixe.

P: Ah?!

E: Peixe!

P: Peixe?!

E: Aham!

P: E esse daqui?

E: Que come cachorro!

P: Peixe que come cachorro.

E: Não. Cachorro come peixe.

P: Ah! Um cachorro que come peixe. Quem que é esse?

E: menina!

P: Uma menina?

E: Aham!

P: Quem que é?

E: Eu não sei. Minha irmã.

P: Sua irmã? E esse daqui vermelho?

E: Casa.

P: Casa? Esse daqui são as árvores, né. E esse daqui?

E: Barr... humm. Piscina

P: Piscina?! Legal. E esse dois aqui?

E: São nuvens.

P: O que estava acontecendo aqui?

E: (pausa) O cachorro foi no lago comer o peixe.

P: Olha só. O cachorro estava com fome?

E: Uhum.

P: Legal. Que mais que aconteceu?

E: Cadê?

P: O quê?

E: Aqueles outros!

P: Esse aqui já acabou? Vamos no outro. Esse aqui eu tinha pedido para você desenhar uma coisa que queria ter. O que você queria ter?

E: Tablet e chocolate *pra* comer.

P: hum. Aí que delícia. Um tablet isso daqui?

E: uhum

P: O que você faz com o tablet?

E: Abaixa joguinho.

P: Joguinho. Você tem um? Já viu um com alguém?

E: Aham!

P: Com quem que tem?

E: Meu primo.

P: Seu primo tem um?

E: Aham!

P: E ele deixa você jogar?

E: aham!

P: Deixa! Ah, legal ele. Esse aqui é chocolate. Chocolate de que tamanho?

E: (o entrevistado abre bem os braços para demonstrar que o tamanho é grande)

P: Deste tamanho? Você consegue comer sozinho?

E: Eu divido.

P: Você divide? Humm

E: Corta com a faca.

P: É chocolate do que? Branco, normal?

E: hum. Chocolate normal!

P: hum, que delícia. Se você ganhar, você me dá um pedaço?

E: Uhum.

P: E esse daqui? Esse daqui é o último. Neste daqui eu pedi pra você desenhar uma coisa que gostava de fazer. O que você gosta de fazer?

E: Assistir e ir *pra* escola.

P: Ir *pra* escola e assistir TV.

E: Aham!

P: O que você assiste na TV?

E: (pausa) Carros.

P: Carros! O que é isso que está passando aqui agora?

E: (pausa) Filme de dinossauro.

P: Filme de dinossauro! O que você gosta de assistir? Desenho?!

E: Uhum!

P: Que desenho você mais gosta?

E: (pausa) homem aranha!

P: Homem aranha! Por quê?

E: Porque sim!

P: Você gosta do homem aranha?!

E: Eu gosto de assistir.

P: É?! Que horas que passa?

E: (pausa) não sei. E de Cartoon também! Passa qualquer desenho e de filme.

P: Não entendi o que você falou.

E: Desenho de filme no Cartoon. Que passa lá, mas não é de desenho.

P: Você sabe colocar no Cartoon?

E: Não!

P: Quem coloca lá *pra* você?

E: Minha mãe.

P: Sua mãe?

E: aham!

P: E esse daqui é a escola, né?!

E: Aham!

P: Qual o nome dessa escola, você sabe?

E: General Rondon!

P: General Rondon?

E: Uhum!

P: Que ano que você ta lá?

E: Quando eu ficar grande!

P: É? O que você mais gosta lá da escola?

E: De desenhar!

P: De desenhar! Você tem bastante amigo lá?

E: Olha, naquela escola eu tenho. É aquela escola (apontando com o dedo a direção da escola)

P: Ah, entendi. Muito bonito seu desenho. Você assiste TV que hora? De manhã que você falou, né. Você vai para a escola à tarde ou você vai *pra* escola de manhã e assiste à tarde?

E: à tarde!

P: À tarde, você vai *pra* escola! Hum, muito bonito. Posso tirar uma foto sua agora? Posso?

E: uhum!